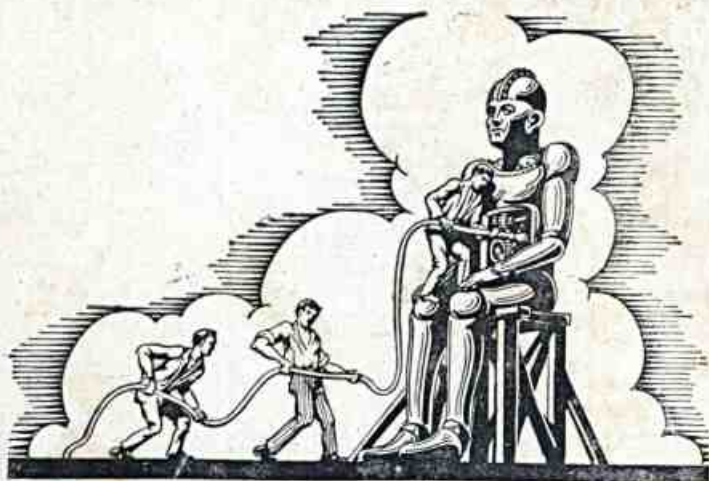
ANNO XXIV — N. 3
Rio, 18 de Janeiro de 1930
— PREÇO: 1$000 —
FON FON
OROZIO

A machina humana

Toda gente sabida e prudente deve, periodicamente, proceder ao expurgo do organismo, submettendo-o a um certo regimen de desintoxicação. As pessôas que não podem sujeitar-se a tal limpeza periodica, obterão optimos resultados, sobretudo no verão, tomando alguns comprimidos Bayer de Helmitol durante o dia.

O Helmitol faz uma verdadeira lavagem, circulante, do organismo.

HELMITOL

ESTADOS DE DEPRESSÃO

Muitas vezes sentimos forte sensação de cansaço ou repentina depressão nervosa, sem que atinemos com a causa destas perturbações. Em muitos casos são ellas devidas á perdas de phosphoro e calcio, que os alimentos quotidianos não contêm em quantidade sufficiente para abastecer o organismo. A Candiolina é um producto da Casa Bayer, mundialmente conhecido, e que suppre magnificamente o organismo daquellas substancias, que se apresentam sob uma forma agradavel de tomar e facilmente assimilaveis. Em casos, pois, de fraqueza physica ou de depressão nervosa, devemos aconselhar, sempre, o uso da Candiolina.

UM DENTIFRICIO IDEAL.

DISSOLVA E EXPERIMENTE

Acaba de apparecer um novo dentifricio que está fazendo grande successo. Trata-se do Ortizon Bayer, para uso diario, dentifricio ideal porque perfuma e desinfecta a bocca, protegendo os dentes da carie. Além dessa vantagem accresce que o Ortizon tem a propriedade de branquear os dentes, mesmo dos fumantes.

O Ortizon Bayer, dissolvido em agua, forma uma especie de agua ozonizada, perfumada, muito agradavel para a desinfecção geral da bocca.

E' o mais moderno e util dos dentifricios para uso diario.

O conto brasileiro

Lobishomem

De R. Magalhães Junior

JESUINA — morena faceira, de sorriso brejeiro, rainha dos sambas, louvada nos desafios de todos os cantadores do Trapiá — arrancava declarações de amor a todos os caboclos que a conheciam. Por causa della, quantas scenas de pugilato, quantas brigas, ás vezes sangrentas, não houve no arraial, entre os caboclos que a requestavam!

Fôra ella quem provocara aquella inimizade, aquella malquerença entre o Tonico e o Lucas. Até então amigos inseparaveis, andavam agora os rapazes nutrindo mutuamente um odio terrivel, dispostos a se engalfinharem a qualquer momento. Jesuina parecia dispensar mais attenções ao Lucas e com elle se compromettera a dançar a quadrilha no samba que ia haver, no dia de São Gonçalo, na casa do Zé Felicio.

Tonico, sabendo disso, procurou meios de impedir que o Lucas fosse á festa, tentando intrigal-o com o dono da casa. Mas foi de tal maneira inhabil, que as suas intrigas foram desfeitas e elle não conseguiu o seu intento.

Na noite da festa, o Lucas ficou no arraial até 10 horas da noite, esquentando a guélla com uma talagada da "geribita", no botequim do Januario, e depois rumou para a Bilurity, onde morava o Zé Felicio.

O Januario, vendo-o sozinho, prudentemente aconselhou:

— Acho melhor que você não vá, seu Lucas. O senhor sabe que está apparecendo lobishomem na estrada da Imbiriba, e quem vae sozinho não escapa do arrenegado...

— Quá, seu Januario, eu cá num tenho medo dessas cousas. — respondeu o caboclo, com um sorriso de incredulidade.

E cantarolou, bravateando:

— Nasci na ilha de Palma
— [illegible]
[illegible] Que é meu nome;
[illegible] couro de alma,
Nem rasto de lobishome...

O Januario, supersticioso, persignou-se, emquanto Lucas, dando boas noites, tomava o caminho de Bilurity, batendo com um cacête de jacarandá o orvalho do matapasto que ladeava o estreito caminho.

Depois de meia hora de marcha, o caboclo chegou á estrada da Imbiriba, onde diziam apparecerem assombrações. Ia assobiando, tranquillamente, sem o menor resquicio de medo, quando ouviu, de repente, um gemido doloroso, cavo, lugubre, partido do denso mattagal vizinho.

— Ai-i-i-i...

Lucas parou. Mão grado o seu destemor, os cabellos se lhe arrepiaram e correu-lhe um calefrio pelos nervos. O caboclo conseguiu, entretanto, dominar-se e, recuperando o sangue frio, poz-se á escuta. Um novo gemido, mais tetrico, mais terrivel, ecoou dentro da treva:

— Uh-n-n-n...

E logo, numa moita de bamborralo, começou um barulho infernal, de pios agudos, que se casavam aos gemidos, num concerto apavorante.

Lucas apertou na dextra o pesado cacête e decidiu "vêr de perto" a assombração. Quando, porém, ia entrando no mattagal, sahiu-lhe ao encontro um monstro peludo, soltando gritos selvagens.

O caboclo, acreditando que um perigo tremendo o ameaçava, procurou, instinctivamente, aniquilar o monstro, que não resistiu ao ataque de Lucas, cujo punho vigoroso desferia certeiras e rapidas pauladas.

— Ai, num me mate! Tenha compaixão! — gritou o monstro.

Lucas reconheceu a voz. Era a do Tonico. Resoluto, agarrou-o e, arrancando os couros de bode que lhe cobriam o corpo, indagou:

— Pru causo de que vancê fêis isso, seu peste?

— Pru causa da Zezuina... Eu queria fazê medo a vancê, pra mode vancê num I ao samba do Zé Felicio...

Dentro da moita de bamborralo, os pios agudos continuavam a se fazer ouvir.

— Que diacho de piadêra é essa? — perguntou o Lucas.

— Foi eu que assanhei um fromiguêro e adespois botei lá uma ninhada de pinto, debaxo d'uma arapuca...

* * *

Foi assim que se desfez a lenda do lobishomem, que diziam apparecer lá na estrada da Imbiriba...

O COMMENTARIO

A praça Saenz Peña, cujo nome relembra o saudoso estadista argentino amigo do Brasil, que pronunciou a famosa frase — tudo nos une e nada nos separa, deveria merecer da municipalidade um carinho especial. Infelizmente tal não se dá e os turistas platinos que visitam o Rio de Janeiro e que, sem excepção, procuram ver o logradouro baptizado com o nome de seu grande patricio soffrem uma decepção, fatalmente.

Aquella praça deveria ser ajardinada á moderna, modificada nas suas linhas já antiquadas, preparada convenientemente para produzir no visitante estrangeiro uma impressão agradavel. E, consequentemente, a attenção da Prefeitura deveria estender-se á rua Julio Roca, que lhe fica proxima e que padece do mesmo inexplicavel abandono.

Ha tempos, o Conselho Municipal votou uma lei, mandando erigir na referida praça o busto de Saenz Peña. O prefeito sanccionou-a. Entretanto, até agora não se deu cumprimento ao dispositivo legal. E' tempo, pois, do sr. Antonio Prado, benemerito amigo desta cidade, pensar em cumprir o que foi votado e inaugurar alli a herma do notavel argentino.

A situação da praça Saenz Peña, emmoldurada pelas montanhas do Sumaré, da Tijuca e do Andarahy, presta-se admiravelmente a um traçado de jardim com perspectivas magnificas e aspectos interessantissimos.

Dê o prefeito um olhar áquelle logradouro e não se arrependerá.

A Desforra

De PAUL CERVIÈRES

OS velhos sempre haviam sido severos e exigentes, desconfiados e intrataveis, e por mais que ella se esforçasse por satisfazêl-os, jamais lhe foi possivel conseguil-o. Mas em realidade, desde que morrêra Francisco, o unico filho e marido de Mélie, esta não teve mais forças para resistir aos máos tratos que lhe davam.

Sua magoa, tão grande, tão sincera — havia amado tanto a seu Francisco, que a morte lho havia arrebatado depois de um anno apenas de vida conjugal, em toda a força de sua juventude, em toda a plenitude de seu amor! — se via ainda augmentado por tanta injustiça, por tanto despreso insultuoso que lhe demonstravam os velhos, como que petrificados em sua obra, perdidos em suas recordações, e para quem a joven nunca fôra sinão a estrangeira, a nora imposta a seu lar por aquelle filho, louco de amor.

O trabalhar mais do que um animal de carga, o jamais se cansar de trabalhar — nada significava para elles. Nem Mélie tampouco se queixava por isso. Os que vivem da terra estão acostumados a um trabalho sem repouso. Que suas mãos estivessem callosas como as de um homem, que sua cutis pura emmurchesse, que sua figura esbelta se encurvasse até a terra que lhes dava de comer tomando, em troca, sua belleza — que importava isso a Mélie!? Já não estava ali seu Francisco para contemplal-a, para admirar e adorar sua formosura... Alem disso, a gente do campo não tem tempo para pensar em cuidar de seu traje e enfeitar-se. A vaidade dura apenas o tempo do noivado, e depois a terra novamente a reclama, apossando-se de todas as suas horas, com tanta tenacidade e dureza, que só aos domingos dispoem de um momento para se vestir melhor, ir á egreja e sentir que têm vinte annos...

Não. O que desolava Mélie, e que tanto augmentava sua dor de joven viuva, era o tom insultuoso que adoptavam os velhos quando, por acaso, lhe dirigiam a palavra eram os olhares carregados de odio que lhe lançavam, era o despreso, emfim, com que a tratavam e com que correspondiam a seus constantes desvelos e trabalhos.

Ella era orphã. Desde pequena se vira só no mundo. Nunca uma caricia viéra alegrar sua infancia solitaria, quasi selvagem. Corria pelos bosques, pelos prados, amava os animaes e as flores e depois ao chegar á idade da adolescencia, presa de um vehemente desejo de amar, havia adorado a Francisco, que, a seu ouvido, murmurava embriagadores palavras de amor... as primeiras e unicas palavras de carinho que escutára em sua vida...

Ajuizados ambos, haviam ido directamente ao casamento. Elle, um filho de ricos, com tantos bens e tantas terras, casar-se com uma pobre como ella! Os velhos se haviam indignado, enfurecido, exasperado... Mas isso de nada lhes serviu. O filho, forte em seu amor, não se cessou em seu empenho de exigir-lhes seu consentimento, que foi dado, afinal. E depois, deante dos velhos irritados, rancorosos, adorou sua joven esposa.

Deante do filho — o unico ser a quem amavam — os velhos não se atreveram a fazer-lhe mal algum. Mas, em seu interior, com que ferocidade destestavam a vagabunda, que não possuia nem um pedaço de terra, nem dinheiro nem nada. Possuia apenas seus vinte annos e seus doces e luminosos olhos azúes...

No emtanto, ella trabalhava por dois. E vendo-a tão operosa e incansavel, a velha — mais cruel ainda que o velho — quiz despedir a criada. Mas Francisco se oppoz terminantemente: sua Mélie não iria matar-se pelo trabalho. E frequentemente ia elle arrancal-a de suas tarefas demasiado pesadas forçando-a ao repouso... E depois nasceu o filho, e os velhos, asperos em geral, conheceram a doçura e a alegria sem limites de embalar em seus braços o filho do seu filho. Mélie, então, se tornou indifferente para elles. Não lhe falavam nunca, mas seu rancor parecia ter desapparecido, ou pelo menos diminuido.

Durante dois mezes a joven foi inteiramente feliz. Depois a inexoravel fatalidade cahiu sobre essa calma venturosa, e Francisco morreu quasi da noite para o dia, victima de uma forte pneumonia que contrahira em seus trabalhos de campo.

Mélie continuou trabalhando com coragem, sem desfallecimento. Sua magoa immensa parecia diminuir um pouco na febre do trabalho. Soffria menos emquanto sua tarefa a absorvia inteiramente. E depois, ao regressar do campo, onde já ninguem ia arrancal-a de seu obstinado trabalho, se occupava de seu filhinho.

Grande Deus! Si os velhos fossem tão máos, tão odiosamente injustos, ella jamais pretenderia outra cousa. Mas de que maneira a tratavam!... Até pareciam querer fazêl-a responsavel por sua desgraça...

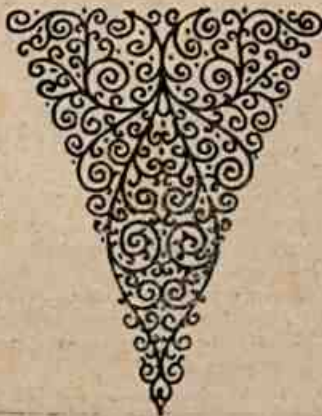
Levantada desde manhã cêdo, Mélie assumia o trabalho de dois homens, sem que por isso recebesse qualquer agradecimento. Todos os seus esforços eram acolhidos apenas com palavras venenosas.

— Vae trabalhar e cala-te!... Nada tens que dizer!... Não és ninguem aqui!...

Sem duvida, ella bem sabia que não era ninguem para elles, a estrangeira, a pobretona...

Mélie soffria em silencio. Tambem, a quem poderia queixar-se, não tendo quem a amasse? Seu filhinho era tão pequeno!

No emtanto, seu soffrimento se tornou insupportavel e ella, por fim, se revoltou. Um dia, por um motivo futil, o velho a castigou. E ella, indignada, profundamente indignada, teve a coragem de dizer:

— Ah! Basta! Basta! Não posso mais! Vou-me embora!...

E elle, abrindo de par em par a porta, exclamou, com olhos scintillantes de odio:

— Vae-te, pois! Agora mesmo podes ir-te embora!... Nada tens aqui! Nada! Tudo o que vês — os campos, os prados — tudo é nosso! Vae-te, já! Vae-te daqui, onde nunca deverias ter entrado!...

Ella desdenhou a porta aberta e entrou na ampla cozinha, limpa e arrumada por suas mãos.

Em seu pequeno berço coberto de musseline em quadros vermelhos e brancos, dormia seu menino — o filho de seu Francisco. Tomou-o suavemente nos braços, sem despertal-o, envolvendo-o em um lençol.

— Que fazes?... Para onde vaes?... — perguntou subitamente, espantada, a velha.

— Vou-me embora... Vou ganhar a vida para mim e para meu filho. Mais do que aqui, não pre-

A DESFORRA

(Conclusão)

cisarei trabalhar em parte alguma.

— Mas deixa o menino... — disse o velho, com voz insegura, cobrindo com seu corpo alto e secco a porta de sahida.

Mélie contemplou os dois e os viu tremulos, paralyzados pelo terror de perder o netinho. Comprehendeu que havia chegado o momento da desforra; que agora os tinha á sua mercê; que suas ameaças, seus insultos, se haviam de transformar em rógos e lagrimas; que si ella assim o queria, graças a seu menino, seus verdugos seriam então seus humildes escravos, que se arrastariam supplicantes a seus pés... Comprehendia que era ella quem dali por deante, tudo possuiria: o ouro, os campos... Mas desdenhou todas as riquezas. Fôra muito o que havia soffrido ao lado daquelles velhos crueis e injustos. Fôra muita a amargura que se apossára de sua alma, entrando em seu coração para não poder sahir mais, e só experimentou um desejo imperioso, invencivel, de se afastar e mais depressa possivel daquelle martyrio...

E vingando-se de uma só vez por todo o odio encarniçado dos velhos que a tinham perseguido, lhes disse:

— Sim, vou-me embora. O pequeno *é meu*. Podeis guardar as riquezas, os campos, a fazenda. Tudo isso *é vosso*, e eu para nada o quero. O unico que possuo é meu filho, e o levo commigo...

E, altaneira, erguida, passou deante dos velhos vencidos e abatidos.

Dadiva Surprehendente

ANTONIO ELEUTHERIO DE CAMARGO, deputado pela ex-Provincia do Rio Grande do Sul, é convidado a ser ministro d'Estado para dirigir o Ministerio da Guerra. Preside o Conselho o insigne José Antonio Saraiva.

Camargo, desses homens para quem a honra já não é virtude senão um dever, aceita o convite.

Nunca se apresenta em solennidades officiaes, nos despachos ministeriaes, com o fardão de ministro, chapéu armado, espadim á cinta. A tudo comparece com a solenne sobrecasaca preta.

Notam os outros ministros esta singularidade do austero Camargo, commentam entre si o facto, e o proprio imperador, certa vez, conversa com o presidedente do Conselho:

— Senhor conselheiro Saraiva, tenho observado que o ministro da Guerra não vem fardado aos despachos, como os demais ministros; penso até que nunca o vi fardado!

— Sim. E' exacto. Elle não é homem esquesito, mas a este proceder não deixa de apresentar uma singularidade. Hoje vou convidal-o a sahirmos juntos e procurarei saber-lhe o motivo por que assim procede.

— Veja se descobre... Ha de ser curioso... E' elle um homem de bem, austero, muito honrado. E' homem de grande caracter.

Depois de haver o imperador despachado com os ministros, e já nas despedidas, o conselheiro Saraiva convida o ministro da Guerra a sahirem juntos. Este e aquelle tomam a mesma carruagem.

Depois de trocarem idéas acêrca de assumptos militares, pergunta o presidente do Coneslho ao companheiro de carro:

— Não gosta da farda?

— Gosto.

— Por que não a usa? Sua magestade já me observou que o nobre ministro da Guerra nunca fôra a despacho, envergando o fardão.

— E' facil responder-lhe: não o uso, porque não o possuo!

— Que me diz? Ainda não resolveu mandar fazer o fardão? Pois me ouça, amigo meu: ha de lhe ficar muito bem.

— Si sua magestade fizer questão disso, entregarei este pêso ao presidente do Conselho.

E (como os tempos mudam!...) a pasta, que trazia comsigo, deita nas pernas do conselheiro, sem raiva. Este, com muita calma e amabilidade, devolve-a:

— Esta pasta está muito bem com vossa excellencia. Não se incommode. Apenas quiz eu satisfazer uma curiosidade.

— Bem. Então vou ser-lhe mais franco: sou pobre, recebo um conto de réis, como ministro, para attender a todas as minhas despesas, inclusive representação, e ainda não me sobrou dinheiro para mandar fazer a farda. Como não houvesse obrigatoriedade em os ministros se apresentarem fardados a sua magestade, não encommendei ao alfaiate aquelle objecto de luxo que até o presente não posso possuir. Acho que precisamos é de trabalhar em vez de ostentar fausto. Magnificencia em vistuarios tem quem póde ter.

— Está bem. Este caso não tem importancia; vamos tratar de outro.

*

Ao conhecimento de affeiçoado amigo do nobre Camargo chega o segredo confiado á discreção do presidente do Conselho. Aquelle, muito rico, faz o proprio alfaiate do honrado ministro confeccionar o fardão pelas medidas que delle possue. E isso com a maxima reserva para lhe não causar a minima desconfiança, afim de o surpprehender com o presente em dia muito opportuno de modo a não poder o amigo ficar molestado.

Executada a encommenda, compra o chapéu armado, mais o espadim, e aproveita o natal do ministro para o mimosear com a dadiva surprehendente.

HORMINO LY[illegible]

URODONAL

evita a obesidade

Gotta
Rheumatismos
Arterio-esclerose
Nevralgia
Areias da bexiga

12 GRANDES PREMIOS

COMMUNICAÇÕES :

Acad. de Med. 10 de Nov. de 1908
Acad. das Sciencias 14 de Dez. de 1908

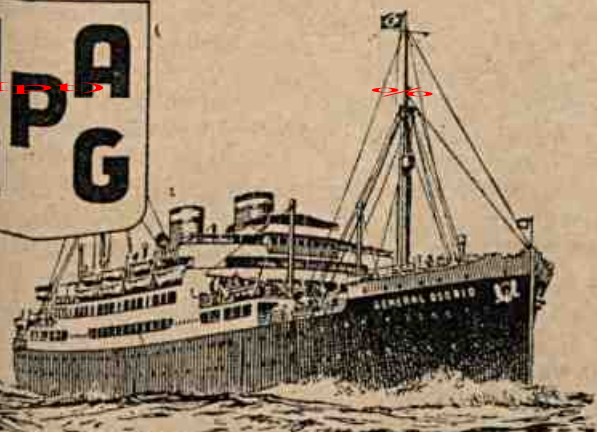
Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro n. 82 - 10 de Junho de 1920.

Cem kilos?!... E' preciso que tome o URODONAL!

lava o figado e as articulações, dissolve o acido urico, activa a nutrição e oxyda as gorduras

«Quem quizer permanecer joven e evitar os rheumatismos, o endurecimento das arterias, a areia dos rins, as varizes e a obesidade, deve eliminar o excesso de acido urico, este veneno do nosso organismo e fazer tratamentos regulares pelo Urodonal»

Estabelecimentos Chatelain

Fornecedores dos Hospitaes de Paris. 2, r. de Valenciennes, em Paris, e em todas as Pharmacias.

HAMBURG-AMERIKA LINIE

SERVIÇO REGULAR DE PASSAGEIROS ENTRE A

EUROPA - BRASIL E RIO DA PRATA

Na Classe INTERMEDIARIA e Terceira Classe com os rapidos paquetes:

GENERAL OSORIO
GENERAL SAN MARTIM
GENERAL ARTIGAS
GENERAL BELGRANO
GENERAL MITRE
BADEN
BAYERN
WUERTTEMBERG

O MODERNISSIMO PAQUETE "GENERAL OSORIO" POSSUE MAGNIFICOS E CONFORTAVEIS INSTALLAÇÕES NA CLASSE "INTERMEDIARIA", 3.ª CLASSE EM CAMAROTE E 3.ª CLASSE.

PARA PASSAGENS E MAIS INFORMAÇÕES COM AGENTES GERAES

THEODOR WILLE & CO

AVENIDA RIO BRANCO, 79

SANTOS — SÃO PAULO — VICTORIA

O figurante do "Rato Morto"

Claude Orval

O sr. Alcime Brindebois desembocou na praça Pigalle e parou, estupefacto. Uma enorme multidão estacionava deante do *Rato Morto* e uma intensa luz violeta dava aos sêres e ás coisas uma apparencia fantastica.

No momento em que o sr. Brindebois se approximava, o clarão se apagou e, instantaneamente, tudo pareceu triste e escuro.

Houve um recúo, e Alcime foi levado á primeira fila de curiosos. Chegou justamente a tempo de ouvir o praguejar de um personagem que se agitava, inflammado por uma colera fremente: de repente, os olhares furiosos do homem cairam sobre a face do sr. Brindebois, e reteve a sua colera...

Approximou-se e exclamou:

— Ah!... mas eis aqui o homem de que necessitava. Escute, sr. Quer me prestar um serviço?

— Pois não! Com muito prazer — balbuciou o sr. Brindebois, intimidado.

— Muito bem! Eis ahi...

Um artista me deixou na mão á ultima hora. Quer o sr. fazer uma coisa que lhe vou dizer?

— Mas...

— Vamos, está entendido! Oh, é muito simples... O sr. passa deante do "Rato Morto"...

E' o homem que vê ali... Sim, aquelle que está de casaca e tem uma garrafa de champagne na mão... Esse homem está embriagado. Então...

— Está embriagado? Mas não parece! articulou o sr. Brindebois, examinando com um olhar estupefacto o personagem que se mantinha direito como um I.

— Está embriagado na scena, para o film! Comprehende?

Pois bem, esse homem se atira bruscamente para o sr. Tira-lhe o chapéo alto e o enterra na cabeça... O sr. grita... um agente de policia apparece e o resto já sabe... Comprehende?

— Meu Deus!

— Não se incommode! Vamos repetir a scena, uma vez mais. Attenção... Luz!... Comece!... Bem... Deixe que lhe tirem o chapéo... Bem... Mas, espere! Por Deus! Não se preoccupe com o seu chapéo... O sr. já vae apanhal-o agora mesmo... Grite!...

Apavorado, o sr. Brindebois soltou verdadeiros urros. Urros freneticos, que fizeram parar os *badouds*.

— Não grite tão alto! E' inutil o sr. se fatigar! Tire o chapéo... o agente chega... ahi, está bem... Volte... Attenção! Rode...

O sr. Brindebois executou os mesmos gestos, soltou estridentes gritos, quiz desembaraçar-se do seu chapéo, enterrado até ás orelhas, mas deu um passo em falso e, ao encontrar-se a margem da calçada, se esparramou no chão... Levantou-se com dificuldade e, tendo conseguido tirar o chapéo que lhe interceptava a vista, expoz aos olhos dos presentes, uma cara congestionada, onde havia um irresistivel espanto... Uma gargalhada geral estalou.

— Muito bem! Muito bem! gritou o *metteur en scène*, esfregando as mãos de contente com esse effeito supplementar... Sr., quer fazer-me o favor de dar-me o seu nome e endereço. Eu lhe farei um co... vite especial para o film... Até logo, sr. E mais uma v... obrigado.

Com um passo hesitante, o sr. Brindebois foi-se embora. Dominando o seu constrang... mento, o seu orgulho despert... nelle, quando fendeu o circu... de curiosos que o observavam.

Nessa noite, contrariament... aos seus habitos, elle dorm... mal. Vagou, em sonhos, ent... os reflexos violentos de mon... truosos projectores, e viu ... sua silhueta em cartazes eno... mes, emquanto letras gigant... expunham o seu nome ás mu... tidões...

No outro dia, no escrip... rio, annunciou, negligentem... te, aos seus collegas que, n... vespera, elle havia filmado u... scena importante de uma pe... licula... Apezar da precis... que elle deu, explicando q... um celebre ensaiador o hav... observado durante algumas se... manas, os ouvintes perman... ram scepticos, e o sr. Bri... bois, ferido, esperou o mom... to de confundil-os.

Emfim, uma bella manh... recebeu um convite para a r... presentação de um film c... mico: "O *habitué* do Ra... Morto". Ás oito horas, o s... Brindebois, agitado, estacio... va deante das portas dos ci... mas fechados... Entra na p... meira sala e, dando um cou... ao controlador, lhe murmur... confidencialmente:

— Sou um dos interpr... do film!

No começo da projecção, o sr. Brindebois teve uma agradavel surpreza: o seu n... não figurava na distribui...

Reflectiu e concluiu que tendo sido um artista de ultima hora, havia sido impossivel modificar uma coisa estabelecida.

Os primeiros metros do film lhe pareceram mortalmente longos... Emfim, a praça Pigalle appareceu sobre a tela... O sr. Brindebois teve um violento sobresalto e deixou fugir um "ah!" sonoro. "Psius" se fizeram ouvir em torno a elle.

Emquanto a sua scena, muito curta, se desenrolava, Alcime gesticulava na sua cadeira e deixava escapar pequenos gritos de contentamento. Saudou o film com uma gargalhada, que chamou a attenção da platéa... Enthusiasmado, curvou-se para o seu vizinho e lhe confiou:

— Acredita, cavalheiro, eu trabalhei nessa scena sem nenhuma preparação. Foi tudo instinctivamente. E note que nunca trabalhei em cinema!

Ao sair do cinema, indagou de varias pessoas onde seria passado "O habitué do "Rato Morto", e lhes confiou o seu espanto de ter representado no film que, no seu julgamento, era o mais comico do mundo.

Na primeira noite em que a fita foi projectada deante do publico, o sr. Brindebois se apresentou ao guichet, levando tres dos seus collegas... Alcime, dentro em pouco, era a attracção reservada do pessoal do estabelecimento. Voltou nas outras noites, arrastando, atraz de si, apezar dos preços elevados, alguns outros scepticos. A todos, do cinema — porteira, recebedor, bilheteira — elle explicava os seus pontos de vista sobre a scena muda, insistindo sobre o talento que, a seu ver, se evidenciava no jogo do methor figurante e citando, vinte vezes, a sua scena, como exemplo.

...Dentro de pouco tempo, o sr. Brindebois tinha a sua vida complicada... Toda semana, elle passava as suas noites nos bairros novos; depois, corria para os bairros longinquos seguindo, fielmente, o destino do seu film.

Quando "O habitué do Rato Morto" partiu, fazendo a tournée da França, Alcime ficou mortalmente triste.

Timidamente, elle se apresentou a diversos operadores. Mas em vão!

Dois annos depois da sua estréa, o sr. Alcime Brindebois havia comido o ultimo *sou* das suas economias...

Tendo comprado um pequeno cinema de provincia, tinha acabado por assistir, sosinho, o espectaculo.

E' que o publico havia abandonado o cinema, cujo director affixava todas as semanas: "O habitué do Rato Morto".

— Deus me livre — disse a velha, fazendo uma cruz na testa com o pollegar encarquilhado e recurvo.

Laurentino riu-se e contestou:

— Pois, eu, tia Chiquinha, no seu caso, acceitava a proposta; vendia tudo isto e mudava-me para a cidade. A capital de S. Paulo tem recursos e attractivos para se gozar a vida muito melhor do que aqui no matto.

— Gozar!... que gozo maior do que este posso ter eu? Aqui nasci e me criei; casei-me, fiquei viuva e sempre no que é meu, sem preoccupação e sem dividas. Com o producto destas terras, eduquei os dois filhos que tive e que hoje felizmente já não precisam de mim nem do que me resta. Vivem no estrangeiro: O Pedro Aurelio é diplomata e parece-me até que já se habituou a viver fóra do Brasil. O Agostinho, meu primogenito, casou rico, e a mulher lá anda pageada por elle, a correr mundo, levando-o para onde lhe dá a sua fantasia de cigana. Até ao Japão já foram, e ha pouco estiveram na Palestina; mas residem em Paris. Sem a companhia dos filhos, que iria eu fazer na cidade?... Fóra dos meus habitos, já velha e a morrer?... E' melhor que espere a morte aqui mesmo, a contemplar o que é meu e a amar as minhas cousas, até que Deus seja servido chamar-me.

Laurentino, sem se dar por vencido, insistiu:

— Acho que a tia deve vender a fazenda. As terras estão cansadas, e os cafesaes são, na maior parte, velhos; ademais, a senhora já não póde superintender a administração della e cada vez poderá menos...

— Tenho pessoal de confiança, e, apesar dos meus sessenta e oito, ainda não estou malucando.

— Nem eu supponho isso — atalhou Laurentino, desculpando-se. — São modos de ver... A senhora assim quer, assim seja. Deus lhe dê saude, e a conserve aqui.

A tia Chiquinha, ou, melhor, dona Francisca da Cunha Martins de Queiroz, era paulista, viuva do commendador Pedro Teixeira Martins de Queiroz, portuguez, orgulhoso da sua origem e da prosapia dos seus avós.

O sobrinho que com ella discutia fôra *zangão* na praça de Santos, mas andava arredio por falcatruas de pequena monta; e, para fugir ás complicações, fôra visitar a velha, escapando-se, a um tempo, dos credores, das despezas e talvez da policia. Por ultimo, sentia-se já aborrecido daquella solidão...

O que elle pretendia, agora, era induzir a velha a vender a propriedade, encarregando-o de agir, e, como não tinha escrupulos, planejava extorquir della algumas dezenas de contos, de conluio com quem

O TURCO

quer que fosse... Com esse axioma não media lances: havia de chegar até onde a sua esperteza pudesse leval-o... gemesse quem gemesse. Nos botequins da praça, onde se passa a melhor parte do dia a beber e a jogar dados, a regra é essa — ser esperto — e nessa regra tornara-se Laurentino affeito ao meio, sem dar rebate a reclamos de consciencia.

Certa manhã, sem que a tia Chiquinha se désse por farta da sua companhia, elle partiu em demanda á capital, levando elementos para uma transacção um tanto arriscada... Mas, que diabo! Era um plano intelligentemente concebido, e que, de resto, não reduzia ninguem á miseria. Mesmo sem a fazenda, a velha dispunha de meios com que viver á tripa fôrra por toda uma existencia, quanto mais para os poucos annos que lhe restavam.

Os filhos não precisavam della, e, de facto, lá longe, aquella herdade em decadencia era para elles um bem secundario com que não se preoccupavam.

Ora, dest'arte, não via Laurentino de que ter remorsos pelo facto de lesar a tia. Durante o tempo em que foi seu hospede, vivendo na intimidade della, conheceu-lhe os habitos e inteirou-se de particularidades dos seus negocios. Habilidoso, levava os dias, a pretexto de ler, mettido no quarto, imitando a calligraphia e assignatura da velha. Semanas inteiras passou nesse continuo exercitar; e, quando se julgou sufficientemente pratico, tomou de uma folha de papel, marcou-a com o antigo sinete de pressão que ella usava para gravar em alto relevo a sua correspondencia, e lá se foi, levando procuração passada de proprio punho com poderes especiaes e bastantes para vender a fazenda com tudo o que a compunha.

Fez reconhecer o documento por tabellião e com elle reduziu a dinheiro os dominios da velha, que longe estava de o julgar capaz de tamanha patifaria.

Consummado o acto, poz-se Laurentino, por algum tempo, em cauteloso retiro, escapando-se depois para Buenos Aires, ao tempo em que o comprador — um turco — reclamava a posse da propriedade. D. Chiquinha julgou, a principio, que a cousa não tivesse importancia; mas, intimada judicialmente, sentiu tão grande choque e de tal modo teve abalada a sua saude, que, antes da causa receber a prim[eira] sentença, falleceu de traumatis[mo] moral.

Os seus famulos, porém, affirmavam que ella morrera de paixão.

II

Laurentino, informado de que o turco ganhara a questão em primeira instancia, e crente de que os seus primos não tomariam a peito a reivindicação, voltou a S. Paulo. Como nunca tivera medo de almas do outro mundo, nem a tia Chiquinha lhe vinha á lembrança... Gozava o saldo da ladroeira com cynismo, no proprio meio em que praticara o crime; e assim, ora em S. Paulo, ora em Santos, farejava novas transacções.

Agostinho, o filho mais velho de d. Francisca da Cunha Martins de Queiroz, poz-se, afinal, á testa do negocio ainda a tempo, e, tomando advogado, conseguiu, em appellações e aggravos, rehaver a propriedade, com desespero do turco que, afinal, esbulhado, se convenceu de que a procuração era falsa, mas que só perdera porque Agostinho, com mais dinheiro, comprara a justiça. Na sua mentalidade de mascate não podia comprehender que por outro modo pudesse ter perdido uma questão que havia ganho.

Apparentando calma, Salim (chamava-se Salim o comprador da fazenda) procurou Laurentino, mostrando-se resignado e amigo.

Chamou-o de parte, como quem lhe confiar um grande segredo, certo de que a justiça se vende com mais facilidade do que elle vendia saias de chita e coisas bonitas ás suas freguezas do bairro do Braz, propoz confidencialmente:

— *Agorra você faz firma A[gos]tinha em mila conta de réis de [le]tulas e gente disconta tuda [nos] bancas, e divide dinheiro... Eu pa[]ga justiça.*

Laurentino, sem corar, e matreiro, concordou, acrescentando:

— Dê-me, então, a importancia para comprar as estampilhas. Não ha duvida...

Salim, resignado e satisfeito, tirou do bolso a quantia necessaria para a sellagem de mil contos de réis em letras e deu promptamente a Laurentino. Este, satisfeito, e apressado, a rir, e desde então esp[]tou o turco...

Lima Rodrigues

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a soffrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

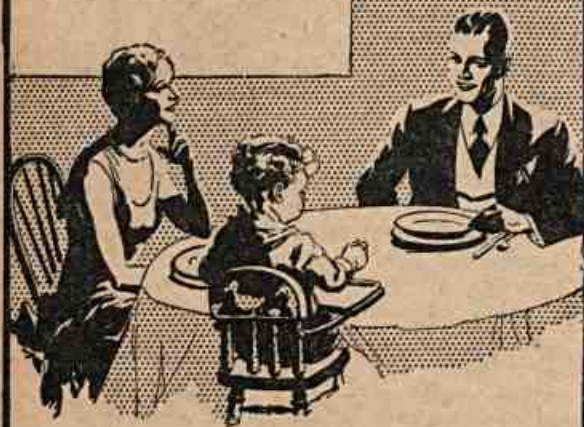
A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador Gesteira* todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador Gesteira*

O Melhor tratamento é usar *Regulador Gesteira.*

Sim! Sim!

Regulador Gesteira é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador Gesteira*

O Juizo Final

NA educação de Mister Pirkinton entr também o dever de ser agradavel. Quan do se trata de tal cousa, Mister Pirkin ton está muito bem. E esse ponto que põe á prova a sua severa e rançosa educação universitaria ingleza.. Então, todos os sentidos de Mister Pirkinton estão a serviço da sua boa vontade. Pode reconhecer-se sem esforço que quasi sempre logra o seu proposito; mas, ás vezes, não obstante as suas bôas intenções, só consegue ser mais torpe do que é habitualmente.

Ser agradavel não é tão facil como accender o cachimbo ou beber um bom trago de "whisky", sobretudo quando se tem em mão qualquer uma dessas coisas e é a senhora Paterson a quem se deseja agradar.

A sra. Paterson é a esposa do sr. Eduardo Paterson, e ambos em cordial cumplicidade, são os papás de um delicioso bebé.

Mister Pirkinton — pensionista, amigo e recommendado do casal Paterson — costuma acompanhal-o nos seus passeios ao campo ou nas visitas ás familias. Mas Mister Pirkinton é, antes de tudo, e sobretudo, o grande amigo do delicioso bebé.

Invariavelmente, e zombando com sincero enthusiasmo dos desejos do esposo, a senhora Paterson convida Mister Pirkinton — sorrindo com amabilidade irresistivel e com um tom de voz tão desfallecidamente feminino — para que carregue o delicioso bebé.

Ella está ternamente convencida de que ninguem se sentirá mais satisfeito do que se desincumbindo de tal encargo. E Mister Pinkinton, com os seus melhores modos e o seu inalteravel sorriso, uma vez mais procura agradar a encantadora mamã.

Mas durante aquella noite a senhora Peterson esteve mais aspera e imperativa do que de costume, ao dizer:

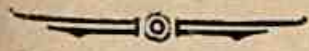
— Caro Pirkinton: esta noite você será nosso prisioneiro...

O pobre homem sorriu com esquisita cortezia e inclinou, respeitosamente, a cabeça. Uma breve pausa seguiu aquella phrase. O sr. Paterson tossia em um canto e a sua senhora o olhava indignada.

Foi uma scena rapida, mas a ninguem passou despercebida. Depois, a senhora se dirigiu a Mister Pirkinton:

— Esta noite vamos ao concerto...

De

ROQUE D. MASI

— E eu levo a creança? — interrompeu Mister Pirkinton, aterrado.

— Não; você fica em casa com o pequeno. Não podemos confial-o á creada, nem devemos leval-o a uma sala de musica.

A senhora pronunciou essas palavras com tal naturalidade, que Mister Pirkinton sentiu um vago desejo de cair de costas no tapete, e o sr. Paterson não pôde reprimir um rugido:

— Estás louca, Muriel!

— Não é verdade, Mister Pirkinton?

Agora marido e mulher tomavam tão a sério o seu respectivo papel, que cada um puxava, por um braço, o joven pensionista. Até que emfim elle se viu livre de um braço e se estreitou ao sr. Paterson. Este o ajudou a recobrar a serenidade, e a senhora, que acabava de tomar a creança das mãos da empregada, o depositou, resolutamente, nos braços de Mister Pirkinton.

Beijou o bebé e, tomando por uma mão o sr Paterson, desappareceu com elle na rua movimentada: ella, rindo como uma collegial, elle blasphemando como um desesperado.

Mister Pirkinton, com o garoto nos braços, e a creada na sua frente, fazia esforços para comprehender todo o comico daquella scena e todo o tragico da sua situação.

O pequeno parecia dormir. De repente, uma descarga furiosa de arranhões e saltos fizeram mudar de côr a cara de Mister Pirkinton, cujos oculos cairam e cuja gravata ficou em farrapos nas mãos do bebé. A obra foi completada com uma descarga cerrada de pontapés, sobre o ventre do improvisado carregador de creanças.

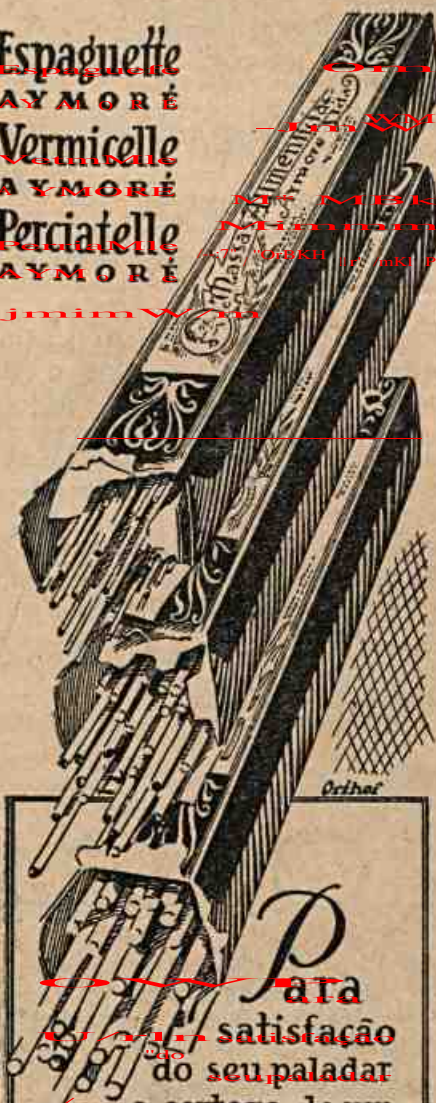
Este deixou o menino sobre o gramado e dirigiu-se á creada, que tomou uma jarra e atirou agua no rosto do bebé.

— E' para acalmar-lhe os nervos — disse a mulher, ao notar que Mister Pirkinton a fitava com rancor.

— Ebria! — gritou elle — Vás afogar o garoto!

E tinha tal aspecto de aborrecido, que a creada fugiu, assustada.

Mister Pirkinton levantou o garoto. Queria limpar-lhe o rosto e mudar-lhe a roupa molhada. Mas o pequeno berrava, esperneava e arranhava com tal furor que o homem ficou aturdido e desesperado.

Atirou-o novamente no chão. O bebé deu algumas voltas no gramado; mordeu o paletó de

O JUIZO FINAL

(*Continuação*)

Mister Pirkinton; fez varias outras proezas e correu para a sala.

Ali, continuou como um torvelinho, causando todos os estragos que pôde. Mister Pirkinton temeu que aquelle fosse o juizo final. Decidido a contal-o, deteve o pequeno pelos braços, e sentou-se, collocando-o entre as pernas.

O pequerrucho começou a sapatear sobre ellas, e de tal modo que o Mister não resistiu ás dores.

O seu primeiro impulso foi agarrar o garoto por um pé, rodal-o no ar e atiral-o, pela janella, ao terraço do visinho. Mas resolveu dar-lhe liberdade, dizendo comsigo mesmo:

— Tolo! Era o que já devia ter feito, desde o começo.

Friccionou as pernas e o rosto. Estava realmente fatigado; e o peor é que não tinha mão o seu cachimbo.

— Emfim, — dizia de si para si — fui um grande tolo.

Dito isto, e convencido de estar com a ver dade, sentou-se resignadamente. Instantes depois, suppunha assistir ao final do 2.º acto do "Mephistofeles".

Um côro endiabrado atroava os ares com *Ridiam! ch'é venuta la fine del mundo!* De repente, uma força desconhecida se lhe aferrou ao pescoço e o obrigou a levantar-se. O choque foi tão brutal que Mister Pirkinton abriu os olhos, e viu, deante de si, uma senhora amor cadora, um homem que ria ás bandeiras despregadas, e um garoto que cavalgava o piano, cujas teclas batia com a ponta de uma espada.

E Mister Pinkinton tornou a cair sobre a cadeira ampla, que o acolhera, mais vencido que nunca, repetindo, machinalmente:

— Fui um tolo! Oh, um grande tolo!

O GLU-GLU

QUE o leitor amavel se transporte á bella estancia mineira de Cambuquira, onde ora faço uma estação de repouso.

No hotel em que me hospedei passam-se coisas interessantissimas, dignas de registro.

Vou contar uma dellas:

Hospede do mesmo hotel estava um grande comilão.

O dono do hotel não se conteve mais. Dirigindo-se ao hospede glutão, disse-lhe, em tom peremptorio:

— Vou augmentar sua diaria.

— Por que? indaga-lhe elle, surpreso.

— Porque o senhor me está dando prejuizo; repete tres e quatro vezes todos os pratos e por cima come sózinho quasi uma lata de marmelada e meio queijo de Minas.

— E quanto devo pagar ao senhor?

— O dobro da diaria. Devia pagar tres diarias em vez de duas...

E afastando-se, ajuntou ironico, dirigindo-se a outro hospede que, a rir, assistia á scena:

— Antes alimentar um burro a pão de ló, como diz o vulgo. Come mais que tres carroceiros juntos!

Tratava-se de um velho amigo e condiscipulo meu que havia chegado do Rio, hospedando-se no mesmo hotel que eu.

Fidelis Pintainho Gallo Velho da Silva é o seu nome todo. Falava atabalhoadamente, com muita difficuldade. Ouvil-o falar era o mesmo que ouvir o "mavioso" canto de um perú; por isso lhe chamavam Glu-Glu.

Mas outro appellido lhe assentava melhor: o de emme bola, m e bola, (a bola repetida muitas vezes) porque comia muito. Na gula e na voracidade ninguem o igualava.

Conta-se até que, quando criança com fome, seus paes tiveram de alugar tres amas de leite, que se alternavam, pois uma só não bastava.

Mais taludinho, todo o leite de uma vacca era pouco para seu contento.

Cursamos juntos o mesmo internato, onde era o mais ... tavel glutão e o maior gulos...

Certa vez, o director do ... nato assistia á refeição ... alumnos, quando surge em frente o Glu-Glu, que em queixoso reclama:

— Saberá V. S. que eu ... jantei.

— Por que? Então, o senhor ... comeu feijoada?

— Comi, sim senhor.

— Comeu carne assada?

— Comi, sim senhor.

— Comeu *beef* com batatas?

— Comi, sim senhor.

— Comeu sobremesa?

— Comi, sim senhor.

— Como é que o senhor co... de tudo, segundo vejo, e vem dizer que não jantou?!

— Não jantei, não senhor.

— Como assim?!

— Não comi picadinho!

LEOPOLDO D. AMARA...

ADERBAL MELO (Pernambuco) — Ahi, querido patricio gosto de vêr essa coragem de pernambucano, em cujas veias deve correr o sangue valente de Felippe Camarão. O sr. bem mostra que é filho do Leão do Norte, este admiravel torrão brasileiro, que nos deu o berço. O sr. enfrenta a cesta com o denodo de quem marcha sorrindo para a força.

Vejamos a sua carta:

"Saudações expressivas:

Depois de grande assiduidade na leitura da vossa excellente revista, tomo a subita ousadia de enviar-vos cinco das minhas pallidas producções e vos peço honrar-me com a publicação das mesmas na referida revista.

Escuso-me de mandar um pseudonymo por — conhecendo a competencia e a imparcialidade do admirado littero-critico sr. Yves — desejar que o mesmo aponte publicamente os lapsos contidos nos sonetos.

Sou um principiante em litteratura e tenho apenas dezenove annos de edade, portanto, qualquer critica aos meus versos só poderá trazer-me beneficios.

Na certeza de ser attendido, agradece antecipadamente.

O cr°. e admor. Aderbal Melo. Gravatá: 13-9-1929 Pernambuco."

Só por essa impavidez literaria, V. Ex. vae ver o seu soneto publicado, mesmo aqui, — emquanto o meu enthusiasmo pelo sr. está quente.

Lá vae o soneto:

NO DELIRIO DA PARTIDA

Ninon! Ninon! teu seio é um paraiso
Onde minh'alma perde-se de amôres...
Quero viver no céo do teu sorriso
Bebendo a essencia de subtis odôres...

Nos teus olhares placidos diviso
O virginal crepusculo das flôres...
Vem oscular-me, ó lyrio de candôres!...
Ninon! Ninon! teu seio é um paraiso...

Partir agora, ó pallida andaluza,
Quando risonha minha ingenua Musa
Scisma ao luar... teu puro amor cantando?...

Oh! não me deixes, meu archanjo lindo!...
— Si tu ficares viverei sorrindo:
— Si tu partires morrei chorando...

O sr. me pede que cite erros e aponte falhas na sua arte poetica. Ora, patricio, todos os erros de amor são perdoaveis. Inclusive... os de metrica (?).

Apenas, como o sr. declara, com ares de futuro suicida, que morrerá chorando, caso a sua diva se

vá, acho bom que não faça caretas, ao chorar. Tudo perdôo a uma pessôa que chóra. Menos a carêta. E' horrivel! De resto, não comprehendo como é que um impavido cidadão que enfrenta, heroicamente, os esgares da cesta, abre a bocca no mundo, a chorar, como creança por doce...

Não lhe parece que a sua amada, sabendo que o sr. "sorrirá, caso ella fique", e "chorará, caso ella parta", terá razão de dizer: "Oh! o bôbo alegre?.

LAGRIMA (?) — Muito grato pelos postaes que me enviou como recordação de Natal. Resta agora que cumpra a sua promessa feita em janeiro de 1929, e, portanto, ha doze mezes justos.

NUAGE BLANCHE (Capital) — Oh, que gentileza a de V. Ex.! Recebi os livros de Maeterlinck. Asseguro-lhe que foi mesmo o melhor presente de Natal. A sua dedicatoria é amabilissima. V. Ex. denota que é um espirito "raffinée".

Quanto ao trecho da carta a que se refere, devo dizer que não entendi a sua pergunta: "O sr. é exclusivista?"

Exclusivista? Por que? Só em materia de sentimento. O mais, não.

O exclusivismo é uma fórma de egoismo. E eu só sou egoista, quando se trata de elevar os meus proprios sentimentos.

Tenho a impressão de que V. Ex. é um archanjo, que não se dá ao peccado de pousar sobre a crôsta da terra. Permitta Deus que V. Ex. vá direitinho para o reino do céo. Aliás, quero crêr que V. Ex. já está lá em cima, ha muito tempo... em espirito. Ou estarei enganado? Na peor das hypotheses, V. Ex. é uma "nuvem branca" — um nimbo, meteorologicamente falando.

Bem. Para onde devo enviar a retribuição ao seu presente? Pode dizer-me qual é o genero de literatura que prefére? *A Historia Sagrada? A Doutrina Catholica?* Vamos, queira prestar-me uma informação segura!

COCCINELLE (Capital) — Ahi está! Gostei da sua cartinha, porque si ella não é, authenticamente, a carta de uma franceza (será de uma "egyptienne", de uma syria?) me faz recordar a França gloriosa.

Escreve V. Ex.:

"Monsieur Yves — Comme ... aimable á vous, en lisant "Saibam todos" aujourd'hui je n'espé... pas si bonne surprise... Une ... ponse de Monsieur Yves!! ... joie, j'en suis toute heureuse ... gré que vous n'avez pas exaucé ... demande. Je reprends la plume très courageusement afin de ... plir sans faute toutes les for... lités nécessaires pour que vous fassiez (mille pardons) l'étude graphologique de "Coccinelle".

"Mélange d'argot et de fran... çais" ma lettre...??... Eh ... voila qui ne y me fache pas... suis satisfaite d'apprendre que ... sais une langue, en plus — "l'ar... got" — sans jamais l'avoir écou... tée parler n'y étudier... raccolti...

Je n'ai pas très bien compris l'allusion de la — "maille lachée près de la cheville" — est ce ... ceque j'ai tracé des lignes ... crayon? ...En tous cas je ... vous assurer que ce petit accident ne m'empécherait nullement d'al... ler au bal parceque... danser ... pour moi: la "huitiéne merveille du monde".

Si vous n'apercevez pas une autre "maille" lachée á... jambe, il ne vous manque plus rien pas même ...le principe "traçar a letra em papel liso, linho"... Monsieur Yves sera ... assez gentil de faire l'étude gra... phologique de Coccinelle?

En attendant votre réponse, je vous sonhaite tous les bonheurs et la meilleure santé, pour cette année toute proche, et pour celles qui suivront."

Infelizmente não posso fazer o estudo de sua letra. O resultado não seria agradavel. E depois de ter recebido tantas provas de gentileza de sua parte, não me seria agradavel dizer-lhe coisas desa... maveis.

ROSE BLANCHE (Capital) — Juro como V. Ex. é carioca... não vejamos a sua carta ... men. Eil-a:

"Rio — Caro Srs. Yves ... Aposto e dou quanto quizer que não advinhara o motivo, porque estou trançando estas num papel côr de orchidéa, sem que primeiro o diga. Vamos a ver: um! dois! tres! Prompto. Não advinhou ... como não quero deixal-o muito tempo curioso vou fazelo sciente da causa desta. Para principio direi que é um pedido e que por infelicidade tem o dom ... pol-o de mau humor.

Ja sabendo disto, por lêr sempre o Fon-Fon, rezei a todos os meus santos para ser bem succedida, mas, com tudo, vou direito com receio: quererá o sr. fazer um estudo de graphologia para minha humilde pessoinha? ... quer não?

ALEGRIA... FELICIDADE

Agora . . . e sempre

A nova combinação Radio-Electrola-Victor põe ao seu alcance immediato toda a alegria e felicidade que a musica offerece. Dentro de seu proprio lar, já seja musica apanhada do ar ou musica gravada em discos, este famoso instrumento *duplica*, com exactidão assombrosa, a execução de seus artistas predilectos.

A nova combinação Radio-Electrola-Victor representa um novo passo dado no aperfeiçoamento da reproducção do som. Somente a Victor podia produzir este *realismo absoluto*.

Os moveis dos instrumentos Victor, por sua belleza indescriptivel, mereceram os mais francos elogios dos peritos na materia. Visite *hoje* mesmo qualquer commerciante Victor de sua localidade e peção que lhe faça uma demonstração do magnifico instrumento que a Victor acaba de lançar no mercado.

A nova combinação Radio-Electrola-Victor RE-45 reproduz electricamente a musica apanhada do ar e a gravada em discos. Amparada pela insuperavel qualidade Victor. Preço

O Novo

Radio-Victor
MICRO-SYNCHRONICO
com ELECTROLA

PROTEJA-SE
Sómente a Victor fabrica Radio Victor, a combinação Radio-Electrola-Victor e as Victrolas.

Não é legitimo sem esta marca. Procure-a!

VICTOR TALKING MACHINE DIVISION — RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA, CAMDEN, NEW JERSEY, E. U.

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo. — O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de São Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, 48; D. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & C., rua do Ouvidor, 153; Nascimento Silva & C., rua Sete de Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington Barbosa & C., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & C., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaefer & C., Galeria Cruzeiro; Viuva Julio Bohm & C., rua Assembléa, 71; Compassi Camin, rua Assembléa, 79; Adelardo Salgado & C., rua S. Christovam, 211; Casa Mercedes Ltda., rua Sachet, 19; S. Carvalho & C., Av. Rio Branco, esquina Ouvidor; Harvey Villela, rua 13 de Maio, 64; J. F. Mello & C., rua Marechal Floriano, 239; Carlos Wehrs & C., rua da Carioca, 47; Lino José Barbosa, Avenida Rio Branco, 159.

Porque?

Por não ser paulista dirá o sr. de testa franzida.

Oh! que barbaridade sr. Yves... Será que só estas é que têm acolhimento benevolo em sua secção?

Ah! si eu ao menos possuisse o estylo fino e seductor destas dignas senhoritas... Talvez que levasse em conta o que lhe peço. Mas faremos um contracto: eu passarei a ser de S. Paulo, só de nome, por uma hora, ja que não posso ser na escripta e como tal serei attendida, não é?

Pelo que contractei poderá avaliar quanto é grande o meu anhelo, pois tenho a monstruosidade de dizer que trocaria, num espaço de 60 minutos, na verdade, o meu soberbo Rio pela terra das glycineas, das garôas.

Glycineas... garôa... S. Paulo... quanta emoção estes tres nomes traduzem para o senhor; porque elles lhe fazem recordar e, por isso mesmo viver como diz Julia Dantas, um passado cheio de encantos e doçuras, gozado ao lado de uma paulista deliciosa e linda, mas, por um motivo que não conheço, deixou-o com mais uma desillusão na vida...

Se assim me atrevo a fazer sangrar uma ferida que parece estar cicatrizada é porque lendo-o sinto a nostalgia que esta paulistinha lhe deixou na alma, pois como li um dia dizia que ella fazia-o pensar na que amou para esquecer a que não amava.

Apezar de não ter o prazer de conhecel-o e nem a "ella" pode acreditar-me que sympathiso com ambos. O sr. por lel-o e a "ella" por vel-o falar d'ella.

Ha de parecer-lhe um romantismo ou coisa peor, mas se tivesse em minhas mãos de fazer as pazes della com o sr., juro-lhe que não me faltariam esforços que empregasse para tal fim.

Hum! quanta sympathia desinteressante tem esta consulente por mim e por minha deusa, dirá lá comsigo; porem si lhe importuno com a minha admiração, diga pois muito sentida a retirarei.

Acho melhor terminar porque o que lhe pedi e o que disse acima não deverá deixal-o com muita calma e temo com razão que esta vá dormir o seu somno derradeiro numa cesta. Cruzes!...

Agradecendo a consideração que tiver com o meu pedido, peço-lhe mil perdões pela grandeza de minha epistola e tambem pelo assumpto que me intrometi. Se quizer alcunhar-me, para resposta desta, use o pseudonymo de Valderez ou Rose Blanche.

A leitora assidua do Saibam Todos".

Resposta:

Deus me livre de fazer a sua graphologia. Imagine si eu fosse dizer a verdade: que V. Ex. é sovina, ao ponto de reformar os vestidos tres e quatro vezes; chapéos — idem; e outras provas de avareza, como ir ao cinema na 2ª classe, só adquirir "salvados de incendio" e "liquidação de fim de anno"; viajar de bonde e passar *carona* no conductor; comer uma só vez por dia; ler livros por emprestimos e não pagar as promessas (ex-votos) que faz á Santa Therezinha...

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Não, nessa não caio eu. Jamais farei a sua graphologia.

PAPILLON (S. Paulo) — Calma!... Calma!... V. Ex. é enthusiasta de mais. e Deixa-se empolgar pela fantasia que tanto a afasta da verdade.

Tomando a nuvem por Juno, V. Ex. não vê as coisas claramente.

Rejubila-se com a producção feminina. Oh! com effeito! E' preciso ter em conta que ali estão as principaes representações das letras femininas. Pode-se dizer que todas as literatas do Brasil compareceram áquella festa de letras...

E os homens? Foram postos á margem. Basta dizer que, a despeito da excellencia da collaboração feminina, poderiamos ter feito com a masculina duas ou tres edições eguaes.

Calma com o seu enthusiasmo.

Quanto a segunda parte de sua missiva pyrotechnica, explosiva como um fogo de artificio em festa de arraial, quero recordar que a vida é como no theatro. Este, visto de longe nos dá uma idéa feerica e deslumbrante das cousas. Tudo é soberbo e grandioso. Chegando perto do palco, da gambiarra, a gente vê que os scenarios são feitos de borrões de tinta... E lá se vae a nossa illusão...

V. Ex. não sabe o que é a vaidade de uma mulher. Ella não trepida em nos fazer uma concurrencia desleal em traçar a arma da intriga, em commetter ingratidões, em perpetrar toda a especie de crime. Nós homens não somos melhores nem peores; somos eguaes a ellas. Sobre a cabeça da mulher — que alguns idiotas ainda chamam "parte fraca" — geralmente com a benção do perdão. Sobre a nossa cabeça cae a maldição de todos.

Calma! Calma! Seja mais serena no seu julgamento.

A vida é como o theatro. Repare bem na confecção dos scenarios, dos bastidores e no "maquillage" dos artistas...

Depois, queira voltar...

CONSCIENCIA (Pernambuco) — Consciencia em uma mulher? E' paradoxo. E como falei em paradoxo, devo dizer que prefiro mil vezes a sua literatura ao caixão de mangas que me offerece. Sou contradictorio, não?

Mas a razão do meu gesto é a seguinte: a sua letra me diz que V. Ex. é muito sovina. E' avarissima. Ora, si eu fosse acceitar o seu caixão de mangas seria capaz de apanhar uma... como direi? uma perturbação... V. Ex. sabe o que quero dizer. Não sabe? Pois é isso mesmo.

Em compensação, fico á espera de que março chegue. Talvez seja possivel acceitar as mangas.

Como declara que deseja communicar-se commigo pelo telephone, desde já pode guardal-o na memoria: 2-4136 — De 1 hora ás 5 da tarde.

Gostou?

SONIA (S. Paulo) — E' com uma certa emoção que recebo sempre as suas cartinhas que revelam a existencia de uma creatura fidalga: E' um encanto novo, que se repete, graças á sua amabilidade.

Agradeço-lhe e retribuo os votos de boas festas e anno novo.

Quanto ao mais, guardei, carinhosamente, o seu endereço e, logo que vá á Paulicéa attenderei o seu pedido com prazer.

O resto não pode ser nesta pagina.

Aos nossos leitores. — Nesta secção pregaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assimpto deve ser o de uma carta commum, traçado em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

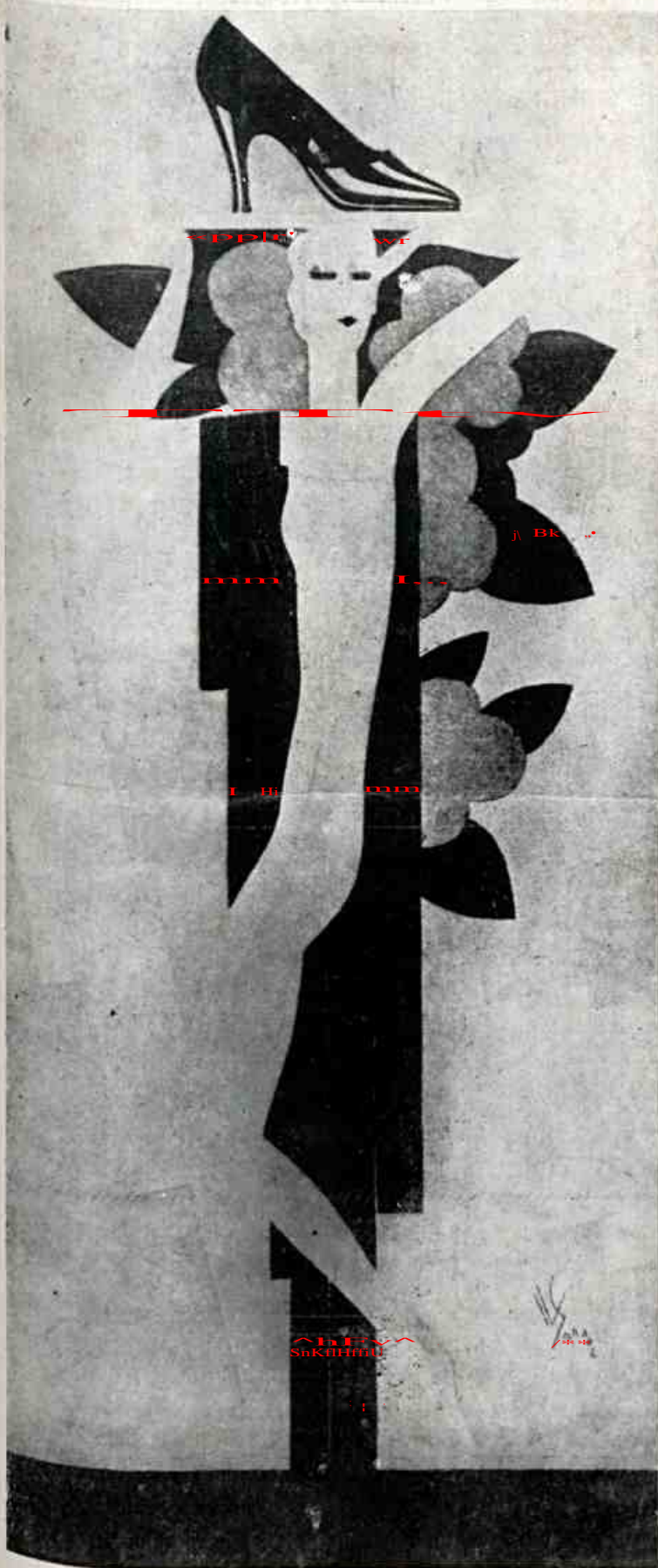
Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

FON-FON — 18-1-930

Data da consulta....................

Nome do consulente..................

....

O REGRESSO

JOÃO BUSSIÉRE, que era cavouqueiro em Paris, e que havia conservado o costume de seus antepassados de passar os dois peores mezes de inverno em sua terra natal, acabava de chegar, ao amanhecer, á estação de Eymontiers. Não sabia por que se resolver: si tomar o auto-omnibus, que o deixava muito perto de sua casa ou si entregar somente seu bahú para que o levassem. Finalmente, optou por fazer o trajecto a pé. Cinco kilometros não era coisa que o assustasse, naquella formosa manhã de vespera de Natal, que se erguia picante e clara da bruma gelada da noite, apagando pouco a pouco, no céo celeste, uma lua que já não era sinão um fio branco e frio.

O coche deixaria seu bahú em Crépiat, onde João veria buscal-o na manhã com um carrinho de mão. Desse modo não se veria obrigado a conversar com toda a gente que vira descer do trem e correr atraz do auto-omnibus, afim de defender seu logar.

Iria só, tranquillo e sem pressa. Alem disso, lhe faria bem para desintumescer-lhe as pernas depois de dez horas de trem nocturno, e sem ter dormido. Era certo que, quando viajava de noite ou de dia, não podia nem comer, nem beber, nem dormir. Talvez a preoccupação contribuisse um pouco, essa preoccupação que ainda o tinha intranquillo, indo para Grandieux, e que fazia inclinar sobre o peito a cabeça pensativa. Seus olhos, cravados no solo, não olhavam nem para a direita nem para a esquerda. Seu passo rapido tinha o desanimo do cansaço e da angustia.

O chão gemia sob seus sapatos. Seu sobretudo, de confecção fino, lhe dava aspecto de senhor. Mas a mão callosa que sustentava o cabo do guarda-chuva indicava o seu officio. Caminhava agora tão apressado, que se deteve para enxugar o suor da fronte. Tinha o semblante joven e bem mais pallido. Mas duas rugas fechavam a sua bocca e outras duas o sobr... cenho.

* * *

NÃO fôra melhor que não voltasse ainda esse inverno á sua terra natal? Seu filho? Estava bem. Bastava-lhe saber que era bem tratado por dona Bussiére. O menino não perguntava por seu pae...

Alem disso, quem perguntaria por elle? João Bussiére. Ter uma esposa, um filho, e depois... Evidentemente lhe ficara o filho, mas isso era verdadeiramente uma felicidade?... Bem que outra o havia deixado. Emquanto elle, o marido se matava trabalhando em Paris, ella fugira. Não se sabia para onde, nem com quem, sem se preoccupar com a avó que embalava o innocente, que esperára durante longo tempo no humbral aquella que não tinham visto regressar nem pelas manhãs, quando a porta se abria, nem pelas noites, quando a lampada se accende...

Por que motivo quizéra a estranha criada do castellinho, que o havia seduzido com sua coqueterie e que depois, farta da vida na cabana, com a velha e o filho, e indignada por não ter sido levada immediatamente a Paris, como desejava, ella os abandonára a todos, e seguira o destino de vagabunda, sem coração e sem honra? A ruim mulher fôra castigada pelo destino. Poucos mezes depois de sua fuga, João Bussiére soube que ella morrêra. E o silencio dos que um dia foram seus se fez em torno da recordação que tão duro fôra sobrelevar.

João caminhava mais devagar. O auto-omnibus se lhe adeantára havia muito.

O horizonte se fechava em torno delle. Vários caminhos desembocavam na estrada. Distinguiu uma casa e advinhou outra, occulta detraz das grades. Alguns cães ladraram, e uma fumarada subiu dentre os negros ramos. Deu alguns passos, e se encontrou deante de uma cabana branqueada com cal, cuja porta estava fechada, e cuja janella, immo...

De

ALLAIN PELLETIER

...rada em gelosias cinza, ostentava umas lindas cortinas bordadas a mão. João Bussière observou essa porta e essa janella, e apressou o passo. Depois se tornou para olhar ainda a branca cabana, e fez mais lento o passo...

Noutros tempos, em época de inverno, quando era rapaz, passava como agora, ao voltar de Paris, deante da casinha branca.

Em seu interior havia uma velha e uma joven. A joven, Martha Nignon, era costureira, e tão linda, tão boa e tão attenta a seu trabalho, que todos diziam que João Bussière se casaria com ella. Viram-nos dançar juntos, aos domingos, nas festas intimas, e mais de uma vez o cavouqueiro se apoiára na janella para conversar, emquanto Martha atirava a agulha para um lado, e a avó, na sombra, fazia girar o fuso... Mas a outra, a mulher de violento sorriso, havia chegado antes que as doces palavras que encadeiam houvessem sido pronunciadas. Martha ficára solteira, e a avó morrera.

A cabana branca que se erguia á beira da estrada esperava...

João se encontrava agora deante de sua casa. Não tinha alegria alguma. A amargura de todas essas recordações o havia desorientado.

Bem sabia o que ia encontrar em sua casa: uma velha queixosa, arrastando os chinellos sobre os ladrilhos e collocando algum ramo secco no fogo; um menino de tres annos, mal vestido pela velha, que não reconheceria seu pae e o olharia com ar de medo e selvagem, sem pronunciar palavra... Cousas sujas e feias em toda parte. Toda a vergonha conservada de outros tempos arrastando por ali... Apertou os labios...

Parou bruscamente, levantando a mão para bater. Ouvira risos, vozes jovens, misturadas, e uma exclamação de menino:

— Martha, dá-me, dá-me a linda maçã de ouro!

Uma voz alegre respondeu docemente:

— Depois, meu amor. Repete antes o que é que irás dizer a papá quando elle chegar amanhã. Vamos, repete commigo: "Papasinho querido: desejo-te felizes festas e quero-te com todo o coração. Teu, Pierrot."

Houve um murmurio de felicidade, risos, uma voz doce um pouco enfadada e um ruido de beijos. A voz doce exclamou ainda com apaixonado accento:

— Vaes beijal-o assim, Pierrot, assim?...

— Sim, Martha... Assim, pelo pescoço — dizia o menino.

— Muito bem, meu thesouro. Agora, te veste.

João ouviu um ruido de cadeiras. Experimentava a ansiedade que dá o pensamento de felicidade áquelles que soffreram. Passou deante da janella e animou-se em seguida para ver... Seu filho, de tres annos, estava parado sobre uma cadeira, e Martha o vestia com gestos attentos e carinhosos. Perto do atrio, a avó cuidava do leite que estava por ferver. A casa era limpa. Uns ramos adornavam a chaminé, umas flores pendiam do vaso de porcelana, e sobre a mesa reluzia um panno floreado.

O aparador, de madeira côr de cereja, brilhava.

Em tudo se reflectia a feliz espera, o pensamento carinhoso.

Então uma alegria ineffavel, infinita mudou para João o sentido das cousas. O mal passado retrocedia confuso e indifferente, desfazendo-se em ramo morto. Um menino e uma mulher o attrahiam com as mãos juntas nessa manhã de Natal em que a lembrança do grande mysterio une os céos e a terra.

João estava prompto para saborear uma nova felicidade. Com grande impulso empurrou a porta e entrou onde tão esperado e querido era.

A MUDANÇA

NA velha casa, uma dessas casas solarengas que ainda restam em São Christovão — especie de grandes arcas onde parece se guardam cousas e almas pretéritas — vivia a familia.

Eram grossas as paredes, e sobre o tecto as telhas coloniaes, mas de um colonial authentico. Tinha pilastras nos corredores. Umas pilastras vestidas segundo a estação, já com a clámide branca dos jasmins do paiz, ou então com a morada das glycinias.

Ao fundo, um pequeno horto de laranjeiras e figueiras. Na frente, um jardinzinho, dominado, sombreado por uma palmeira, em cujo talho o tempo havia gravado, como numa columna millenaria, o rythmo da vida e o passo das gerações.

Cinco lustros havia que ali morava a familia. Ou, melhor, ali fôra passar a lua de mel o casal fundador da prole. Ali fôra elle accender e conservar a luz domestica que não se apagára nunca.

Depois, á sombra daquellas paredes e daquellas arvores nasceram e cresceram os filhos. Dahi o facto de cada planta, cada flor, cada paramento addicional ajuntado á casa — tudo estar como que impregnado da alma da familia, como que ungido pela poesia familiar — essa poesia mansa, apenas rumorosa, sem gritos de angustia nem melopéas de triumpho, que conhece a classe média...

E desde logo, o ambiente, o perfume, a luz e a penumbra da morada estavam tão communicados á alma das pessoas, que não havia outra no mundo que tivesse, para a familia, essa emoção, essa fragancia, esses invisiveis braços abertos com que os recebia a velha casa.

Duas moças e um moço constituiam a prole do casal que naquelles dias se preparava para festejar suas bodas de prata. Onde? No lar cujo lume não se havia apagado nunca, ou na nova casa que o pae, depois de longos sacrificios, mandára construir?

Depois de uma serie de accordos e desaccordos em demorados conselhos de familia, que se prolongavam á hora da sobremesa venceu a opinião dos homens: a festa devia ser realizada na nova casa, e, portanto, era preciso mudar-se.

De São Christovão iriam para Botafogo, e isso significava para a mãe e as duas moças — á medida que se aproximava o dia da mudança — ir de um hemispherio a outro. Do passado cheio de gratas recordações, de cousas impregnadas de emoção, ao futuro incerto e inquietante, ao além-horizonte, onde, para ellas, como para os navegantes da Edade Media, se extendia o vacuo.

No emtanto, não havia outro remedio sinão resignar-se. Diriam adeus á casa, onde os velhos se amaram tanto, onde nasceram os filhos, onde Isolina e Clelia sentiram a doce angustia do primeiro e unico amor, e Jorge a sensação e a alegria da primeira ventura...

As moças não mais se casariam não casa solarenga, como haviam pensado, mas no chaletzinho moderno, de salas pouco espaçadas, sem sol, mas com um frontespicio fascinante.

Faltavam poucos dias para a mudança, e, como occorre nesses transes, emquanto as mulheres guardavam em caixas e malas as roupas, os quadros, os retratos de familia, as bagatelas, as reliquias, os homens se occupavam em dar fim aos trámites da mudança.

Numa cousa não haviam reparado, entretanto. Numa cousa que, não tendo uma importancia metálica, tinha no emtanto, uma importancia emotiva: o chalet carecia de espaço para o cachorro policial e para o gatinho de Angora, que eram já *pessoas* da familia, e até irmãos entre si, pois, animaes educados no carinho, tinham mesmo esquecido, o cão, seus dentes, o felino, suas garras.

Lá iam os animaezinhos atraz das mulheres, seguindo-as de quarto em quarto, emquanto ellas arrumavam tudo para a mudança. Lá iam elles espantados, sem duvida, com movimentos e diligencias tão estranhas.

— Não podemos levar-te, "Sultão" — dizia Isolina ao bello cachorro.

— Nem tambem a ti, "Precioso" — falava Clelia ao gatinho de Angora.

— Porque lá não ha espaço — ajuntava a mãe.

— Coitadinhos! Que será delles?

— Não se afflijam. Daremos o cão a minha irmã, e o gato... a qualquer das amigas do bairro...

Nas arrumações e no alvoroço da mudança, as mulheres acariciavam com os olhos as arvores, as palmas, os jasmins e as glycinias. E tinham, para os seres e as cousas, uma palavra carinhosa, ou um adeus mudo, uma despedida que, sahindo das entranhas

DE
CESAR CARRIZO

da alma, subia aos olhos em orvalho de lagrimas.

A ultima noite que deviam passar na velha casa, foi de inquietude, de silencio, de mudas reprovações. Na mesa não reinava a alegria de outras vezes. Um hospede estranho, um intruso, se collocára na mesa, occupando um assento: o phantasma da tristeza.

Ficaram os homens sós. O velho, como que contagiado de tristeza, se calou, e, com os cotovelos sobre a mesa, poz a fronte entre as mãos.

— Papae, não acredito que um homem como o senhor se impressione com a choradeira das mulheres — falou Jorge.

— Não é a choradeira o que me impressiona: é o passado, é a vida, são os annos que se deixam na casa, o que neste momento me faz pensar. Tu és moço e não sabes como as recordações unem os velhos e as mulheres, que, sendo mais sensiveis que nós, se apegam tanto ás cousas queridas.

— Comprehendo-o, papae. Mas, já não ha outro remedio sinão mudar-se.

— Sim, Jorge; já não ha outro remedio. Mas isso não quer dizer que deixemos de justificar a dor de tuas irmãs, de tua mãe, e tambem minha dor. Alem disso, ha vemos de ver o que occorrerá amanhã, quando vierem os carros da mudança. O coração é traiçoeiro, ou melhor, tem suas razões, mais poderosas que as nossas.

Jorge não quiz contrarial-o. Poz suas mãos jovens e fortes sobre a cabeça velha de seu pae, em attitude de carinhoso amparo, e retirou-se para seu quarto de dormir.

No dia seguinte, bem cêdo, a mãe, como de costume, accendeu o fogo e praparou o café, que ninguem se apressou em tomar. Todos andavam já na casa de um lado para outro: as mulheres como sonâmbulas; os homens, com mais consciencia de seus actos.

Eram sete da manhã, quando ao longe se ouviu o ruido dos carros que vinham. Faltavam, pois, breves minutos para a grande viagem para o desconhecido, para o futuro: uma viagem que tinha já todos os indicios de se transformar em êxodo doloroso.

A mãe ia apagar o fogo, mas, contida por uma força estranha, não se atreveu a isso. Chamou o marido para que fosse elle quem tirasse a cinza do fogão. E quando o marido o fez, sorrindo da superstição de sua mulher, sentiu, no emtanto, um calafrio, como si acabasse de atirar a ultima pá de terra sobre um morto.

— Bem, Maria, agora pódes estar tranquilla.

— Tambem tu, Leandro, porque é de máo agouro deixar o fogo acceso na casa que se abandona.

A mãe foi á procura de suas filhas, e as encontrou chorando, a um recanto da casa. Quiz animal-as, mas não poude, e ali tambem ficou, vencida pela emoção. Mas já não havia nada que esperar, pois os carros tinham chegado á porta, e devia se começar a carregar os moveis.

O chefe da familia quiz impôr sua autoridade e seu conselho, e foi até onde estavam as mulheres. Mas, ao vêl-as tão angustiadas e soluçando, sentiu que lhe faltava a energia habitual e que seu coração batia com força. Sentou-se, sem poder articular uma palavra, e esperou que passasse a crise.

Jorge, espantado pelo silencio que reinava na casa, quiz saber o que faziam e onde estavam seu pae, sua mãe e suas irmãs. E lá se foi de quarto em quarto, de sala em sala, até encontral-os. E, ao vêl-os vencidos pela tristeza, quiz rir, mas se conteve. Estava deante de uma scena sublime ou ridicula? Estava deante de um desses dramas simples e desconcertantes do coração, ou deante de um sainete de sensibilidade exagerada? Não o soube. O certo é que ficou perplexo, e a gargalhada sardonica se lhe apagou na garganta.

Que fazer? Não havia outra attitude sinão retirar-se em silencio. Foi até á porta da rua. Pagou a mudança e despachou os carros. Depois, contente pela alegria que ia communicar a seus velhos paes e suas irmãs, voltou cantando:

— Basta de tristezas, mamãe! Coragem, Isolina e Clelia! Acabo de despachar os carros, e não mais nos mudaremos.

— Filho: tens a cabeça pequena, mas um grande coração! — falou o pae. A alegria voltou á familia. Uma alegria sadia, ampla, como essa dos campos áridos quando sobre elles se derrama torrencialmente a chuva. E o cão, como si comprehendesse o que havia occorrido, dava saltos, e ia de um lado para outro, ladrando ao phantasma da tristeza, que fugia por sobre os telhados... — M. C.

A PROVIDENCIA

De RENÈ PUJOL

A entrada do *Subte*, o senhor Fortuny exclamou:
— Ah, não; hoje não!

E atirou nobremente dentro de um taxi sua maleta de couro imitação de crocodilo.

— A' estação do Norte.

Installou-se no auto com satisfação, depois de verificar que alli, dentro de seus bolsos, em duas carteiras que se inchavam como enormes tumores, tinha dois milhões de francos. Dois milhões de que se apropriara friamente, sem o menor remorso.

Roubar não é tão facil como pensamos. Tornam-se necessarios um pouco de energia, uma decisão prompta e um guia de estradas de ferro. Ahi está o que é preciso.

Até aquelle momento a energia do senhor Fortuny havia sido potencial. Ninguem o conhecia, á excepção delle, naturalmente. Elle se pavoneava deante de seu armario com espelho, se fixava severamente em sua calva amarellenta com a idéa de que tinha um olhar de aguia, e murmurava:

— Eu tenho uma vontade de ferro!

Não se cumprimentava sobre sua pessoa sinão aos domingos. Nos outros dias não tinha tempo, porque devia installar-se desde as oito na caixa da casa Gourrot & Companhia.

Conservar a caixa de um modo impeccavel, inspeccionar e disciplinar batalhões de numeros e resumir grossos livros são trabalhos tão absorventes, que em trinta annos o senhor Fortuny não notára que envelhecia. Sabia-o desde a semana anterior e essa idéa era sua obsessão. Uma revista encontrada no bonde lhe havia mettido na cabeça aquella idéa desconsoladora e subversiva de que não vivera sua vida. Depois de tudo, por que não podia ser elle tão rico como seu patrão? Era uma injustiça que se devia reparar o mais depressa possivel, em nome da santa igualdade.

O senhor Fortuny havia tirado em consequencia, a misera mentira dos incapazes e dos fracassados: "Um homem vale tanto quanto outro".

E como o haviam mandado ao banco cobrar um cheque de dois milhões de francos, resolvera partir para a Belgica com aquella quantia. Uma especie de loucura o exaltava. Sua honestidade o exasperava como uma enfermidade vergonhosa. Deu dois francos de gorgeta ao *chauffeur*, e olhou-o para saborear o effeito daquella magnificencia. O motorista guardou a moeda com uma indifferença absoluta.

— Deve ser um principe russo — suspirou Fortuny.

Como faltava mais de uma hora para a partida do trem, foi almoçar no restaurante da estação. Comeu um almoço succulento. Um almoço que lhe custou quarenta francos. E elle calculou que sua fortuna lhe permittia fazer cincoenta mil refeições ao mesmo preço...

Com um cigarro entre os dentes, seguiu, com olhar negligente, o vae-e-vem da estação. Quando chegou a hora da partida, Fortuny se poz a procurar, sem pressa, um carro de primeira. Alimentava o projecto de se barbear completamente no vagão, e julgava que desse modo se tornaria completamente um desconhecido.

— O expresso de Bruxellas? — perguntou a um empregado.

— Partiu ha vinte minutos.

— E o das doze e meia?

— Esse não sae.

— Como!? — exclamou Fortuny, suffocado. — Ma[s o] guia que acabo de comprar agora mesmo está [escri]pto...

— Mudou o horário desde hontem. Venderam-lhe um guia atrazado.

Aturdido, Fortuny ficou fixo no solo, como si tivesse os pés de chumbo. Aquelle pequeno incidente mudava todo o seu destino, retardando o irreparavel. Um guarda passeava de um lado para outro da gare. Um menino exclamou, chorando:

— Mamãe: que faz esse senhor alli sem se mexer?

O senhor era Fortuny. Sahiu da estação, arrastando os pés.

— Que vou fazer até ás duas? — pensou. — Não posso passear com dois milhões. E si mos roubam?

Esta palavra o fez estremecer. Roubar a elle, que era um ladrão?

Até aquelle momento não lhe havia occorrido essa cousa. O acto que havia praticado era, agora, uma obsessão para elle. Uma idéa fascinante, desesperada, lhe tirava as ultimas forças.

— Não poderei lutar até esta noite?

Mas, lutar contra que? Contra seus remorsos? Nem isso siquer. Contra um pesar confuso, contra uma onda de pensamentos inexplicaveis, contra sua honestidade ingenua, á qual escutava pela primeira vez, e que até então não havia tido occasião de escutal-a. Ficou durante muito tempo immovel, com os olhos fixos, deante do copo vazio.

O tom de sua voz deu-lhe medo. E como ouvisse o tic-tac de um relogio, disse, sobresaltado:

— Diabo! Vou chegar tarde!

* * *

O patrão, quando se abriu o escriptorio, o encontrou na caixa.

— Ah, querido! — disse-lhe, jovialmente. — Eu já estava um pouco inquieto por não o ter visto á hora do almoço. Que lhe occorreu?

— Atrazei-me no banco.

— Foi o que imaginei.

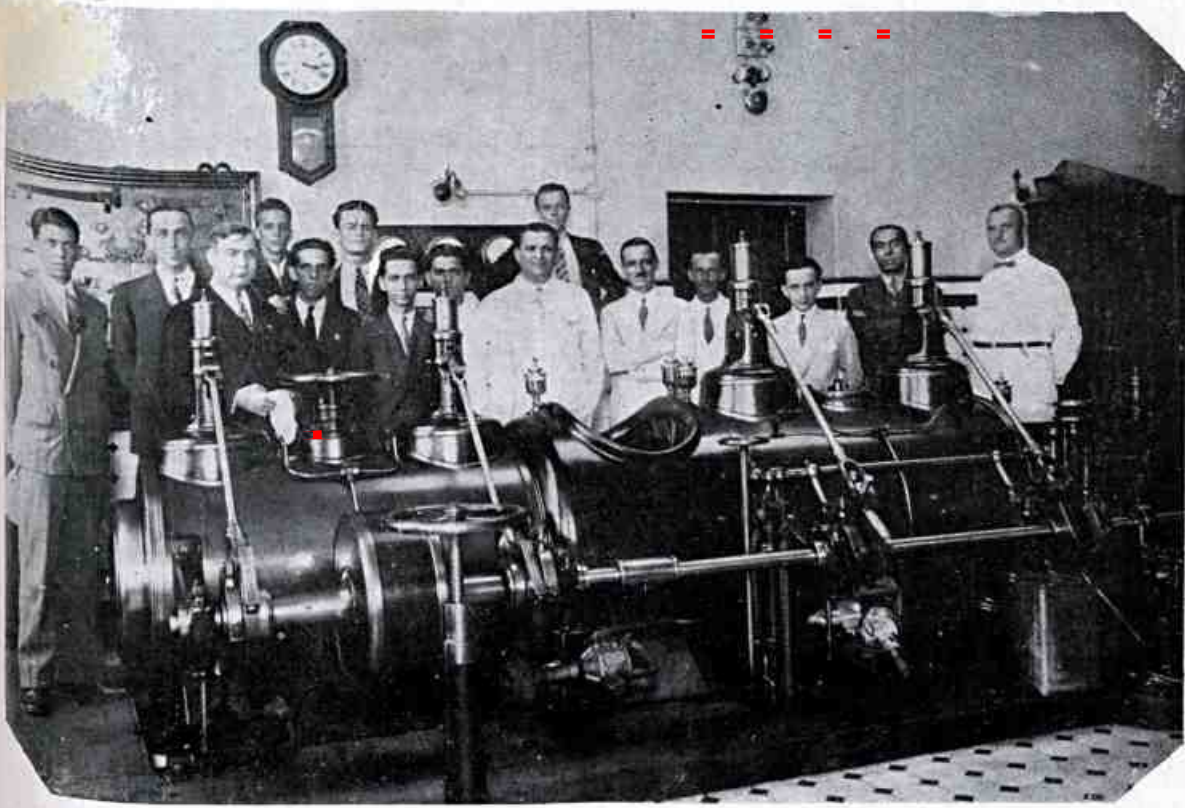
O patrão lhe deu uma palmadinha nas costas, sorrindo bonancheiramente:

— Nem um momento me occorreu a idéa de que você se houvesse escapado com o dinheiro.

Fortuny curvou ainda mais seu corpo fraco. E, melancolicamente, fez a conta de seu gasto pessoal.

— Um taxi, dois francos de gorgeta, um almoço de luxo, um bilhete de primeira classe para Bruxellas. Terei que fazer economia até o fim do mez.

E se poz a procurar um pretexto, acceitavel, para offerecer dez francos á vendedora de jornaes que lhe havia dado o guia de estradas de ferro atrazado. Providencia...

Uma visita á Companhia Hanseatica

Alumnos da Escola Polytechnica em visita ás installações da grande Companhia Hanseatica, cujas dependencias percorreram demoradamente.

Outro aspecto do grupo de estudantes da Polytechnica, reunidos no pateo da importante empresa, vendo-se, ao centro, seu presidente, o sr. Joaquim Nepomuceno Moura, distincto e conhecido industrial, além de outros directores e technicos da Hanseatica.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 3

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1930

Um vulto de mulher

ENCONTREI-A na Avenida, á hora em que a elegancia feminina se faz exhibir para o deslumbramento dos nossos olhos.

Um corpo de linhas harmoniosas, lacteo, ostentando uma *toilette* côr de oiro velho, que descia mollemente das espaduas núas, pondo em relevo a belleza dos seios frizando as ancas, para terminar na altura dos joelhos, em pontas que o vento levemente agitava para mostrar aos curiosos a tonalidade das ligas.

Olhei-a, firme, atrevidamente.

A mulher que o acaso collocára deante de mim nem siquer voltou o rosto para que eu adivinhasse o mysterio da sua vida.

Segui-a, irreflectidamente, como arrastado, fascinado pelo perfume de carne moça que deixava atraz de si.

E, quando tive o primeiro instante de lucidez, certifiquei-me de que não era o unico que corria atraz della, que commigo ia um bando de allucinados...

Quem era?!

A interrogação permanecia no ar, indecifravel.

Ella riscou a cidade em direcções varias, penetrando em casas de modas, de joias, de flores, não dispensando o chá das cinco numa *boite* de gente do tom.

Depois, quasi perdi-a de vista, pois o seu vulto se confundira, por momento, com a multidão crescente que se acotovelava nas calçadas.

Novamente, porém, descobri-a, e um raio de esperança illuminou meu coração, animado a atrevimentos de conquista.

Num recórte de porta o vulto côr de oiro velho desappareceu, galgando uma escadaria de marmore.

A olhar, extatico, absorto, tinha a cabeça voltada para o alto, marcando o ponto onde o seu corpo se volatirizára.

No momento senti alguem tocar-me levemente o braço.

Tive a impressão do despertar de um longo somno, trabalhado por pesadellos horriveis.

Devia ter a physionomia desfigurada, o olhar devairado, porque o meu amigo indagava, espantado:

— Que tens?!

— Nada...

— Nada?!

E, como não tivese sahida para a situação imbecil em que me achava, titubeante, declamei quasi:

— Não sei si notaram já o que ha de voluptuoso e de perturbador nos movimentos duma mulher bella que sobe uma escada. O corpo alonga-se; o contorno harmonioso da anca e da perna adivinha-se, mais firme, no esforço muscular da subida; dir-se-ia que é subindo que a mulher, como todas as deusas pagãs, attinge ao seu maximo de expressão olympica e de prestigio sensual...

— Ah!...

— E'...

— Deante de uma escada, repetes, machinalmente, as palavras de Julio Dantas...

— Não é apenas isto. Experimento-as no seu mais largo e verdadeiro conceito. Que vergonha...

— Realmente!

Mas, antes de partir, voltei ainda uma vez a cabeça para o alto da escadaria de marmore...

MARIO POPPE

LYRISMO

Todo o meu ser vibrou de alegria incontida quando você passou a primeira vez por mim, manchando de felicidade o dia brumoso e melancolico da minha aspiração sentimental, que a procurava em todas as mulheres.

E eu fiquei, commovido e crente, a sonhar sonhos lindos, todos repletos do seu encanto, sonhos em que você sorria luminosamente para o enlevo fantasista do meu coração, que é todo seu...

Os meus olhos não quizeram ver mais nada, elles, que tiveram a suprema ventura de reflectir por instantes a silhueta do meu sonho transformado em mulher. Elles guardaram, como um espelho apaixonado, todo o presente mirifico da sua graça e da sua pureza melancolica, meu suave amor.

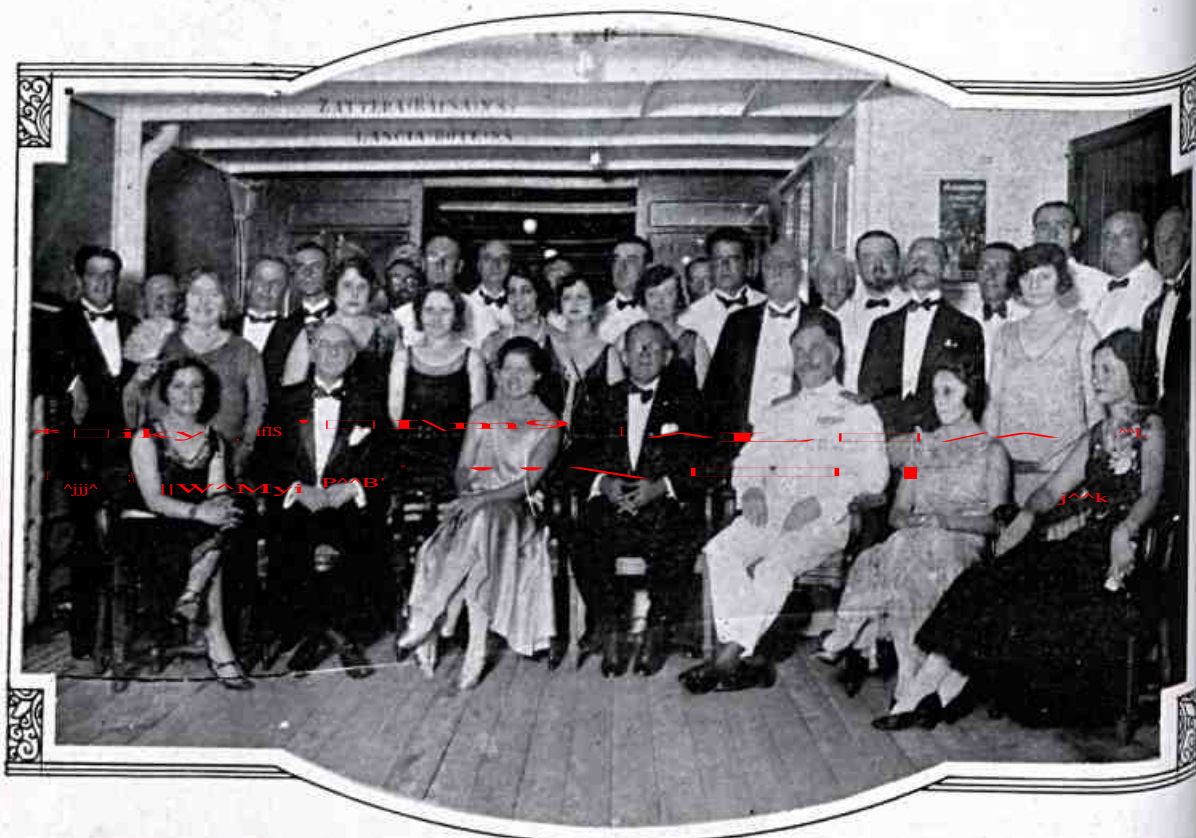
No silencio meditativo da minha solidão, que esperava confiante a sua volta, eu trabalhei como um artista, cercando de lavores finos e de filigranas bonitas o camafeu antigo do sonho que os meus olhos descobriram no seu sorriso claro.

Eu fiz da minha illusão de sonhador e de triste uma joia encantadora, para o delirio emocional da alma enevoada e ansiosa que aguardava impaciente os raios de sol das suas pupillas abençoadas.

No meu enlevo, sereno e calmo, eu não quiz levar os meus olhos á perseguição fremente do seu perfil de mulher que eu sonhei... Você ficaria triste, por certo, ao ver a sentida quietude do meu desolado coração, que transmutou em rosas de illusão e de amor a incerteza de uma visão que pousou um dia em meus olhos vazios.

E depois... um hymno vibrante de felicidade poz arrepios de emoção em todas as cousas, quando você voltou para o encantamento primaveril do meu coração, que é todo seu...

Eu senti pelo ar um perfume indeciso e puro, de lyrismo e de angustias, emquanto você mostrava no escrinio dos meus olhos, para a delicia discreta da sua vaidade de mulher, a joia seductora e fina do sonho que eu cinzelei das filigranas trabalhadas amorosamente por minha devoção, na ansiedade cheia da incerteza de uma longa espera...

Gil Morel

O enlace nupcial do principe Humberto, herdeiro do throno da Italia, com a princeza Maria José, da Belgica, celebrado em Roma, quinta-feira penultima, foi uma nota social de grande repercussão em todo mundo, pela sympathia de que gozam, universalmente, os dois jovens representantes da realeza européa. Por isso, não só na Italia, onde se realizaram as cerimonias desse casamento, receberam os principes nubentes as homenagens dos seus compatriotas e de todos os admiradores de seus gloriosos paizes. No mundo inteiro, pode-se dizer, houve manifestações de alegria por tão auspicioso acontecimento. Aqui no Brasil, onde o nome do principe do Piemonte e o de sua joven esposa são sempre lembrados com respeitosa admiração, tambem se festejou brilhantemente o enlace dos futuros soberanos da Italia. As colonias italiana e belga desta capital commemoraram-no com um banquete, a bordo do «Giulio Cesare», offerecido pelo sr. embaixador Bernardo Attolico, e no qual tomaram parte as figuras de maior destaque nas duas colonias. A photographia acima fixa um grupo dos convivas desse agape.

O commandante, officiaes e guardas-marinha do navio-escola hespanhol «Juan Sebastian Elcano», na vespera de sua partida desta capital, de regresso ao seu paiz, receberam expressiva homenagem da colonia de seu paiz, reunida na séde do Centro Gallego.

CRIMES HEDIONDOS

Um individuo qualquer, dos taes que nós sabemos que existem pelo apparecimento do nome nas chronicas policiaes, tentou envenenar a esposa e duas filhas, para se casar com uma outra mulher.

O facto traz o caracteristico da alma nefanda do criminoso, fera humana, que devia ser eliminado em definitivo da sociedade.

As grandes tragédias do theatro antigo giravam, geralmente, em torno de monstruosidades semelhantes, e faziam tremer as platéas receiosas da ira divina.

Hoje, a tragédia tem outra côr e fugiu do theatro, não sabemos si por falta de autores ou de espectadores.

Ella se desdobra sómente no palco da vida e quasi não nos apercebemos della, nem cuidamos de eliminal-a para tornar o mundo melhor.

Hoje mata-se pelo gosto de matar, e a piedade volta-se toda para o criminoso, sendo depressa esquecida a victima.

Por isso, o máu exemplo fructifica, não sendo de admirar que alguem, para alcançar um novo casamento, recorra ao processo summario de extinguir aquillo que considera demais na sua vida: esposa e até os filhos!

O espectro da força sempre faz a sua falta.

O coronel Olegario Morado, ao completar 50 annos de serviços no cargo de solicitador da fazenda publica, foi homenageado pelos procuradores da Republica, advogados, juizes, escrivães e demais funccionarios da Justiça federal, que lhe fizeram carinhosa manifestação de apreço, quinta-feira penultima, na sala de audiencias do Supremo Tribunal.

A minha boneca
É um mimo de amor.
A boca que impreca
Tem algo da flor.

Sentada no encosto
De um fofo divan,
Contemplo-a, por gosto,
Na luz da manhã.

Seus olhos profundos,
Travessos, febris,
Recordam dois mundos,
Reflectem Paris.

De rosa vestida,
Como um cherubim,
Desdenha da vida,
Sorri para mim...

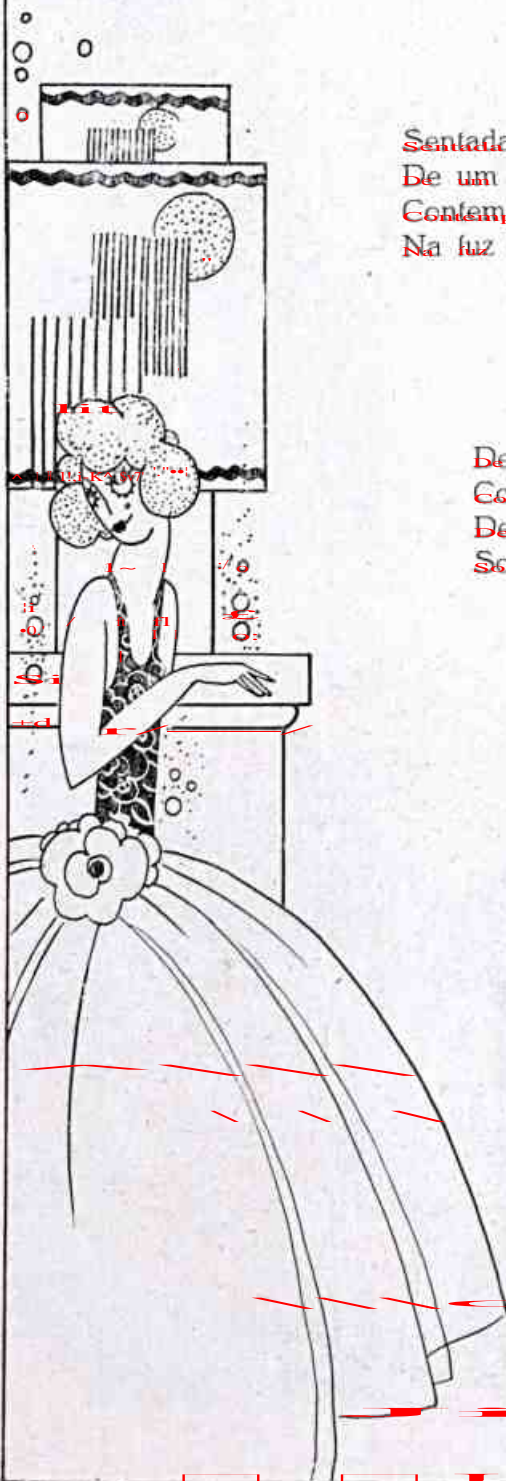
Comprei-a passando
Nos "Grands Boulevards",
Ao vel-a, scismando,
Num velho ba[illegible]

Ella era tão pura,
Que não resisti!
Pulei de ventura:
Seu preço esqueci...

Chamei-a Musette,
Beijei-a, feliz!
Seu riso reflecte
Que ella é de Paris.

O novo ministro do Brasil no Egypto, sr. Carlos de Rostaing Lisboa, no dia em que apresentou as suas credenciaes a S. M. o rei Fuad I. Em cima, s. ex. ao deixar o Real Palacio de Abdine, depois de ser recebido pelo soberano egypcio. Em baixo, quando se dirigia, em coche do Estado, para a séde da nossa legação no Cairo.

FILIGRANAS

O pequenino busto de bronze pousado sobre a minha mesa de trabalho sorri sempre para mim...

E' um sabio do seculo XVIII. A sua calvicie não impede que longos cabellos que a aureolam na parte inferior escorrem até os hombros. Ha um certo desalinho nos seus bofes de rendas, no amplo collarinho meio desfeito. Sobre o nariz quasi aquilino, a linha perpendicular da ampla testa se alteia como uma torre dominadora. E elle evoca toda uma época de espiritos brilhantes que começaram a destruição systematica dos velhos tabús sociaes...

O pequenino busto de bronze sorri sempre para mim...

Suggestão

A's vezes, quando o cançaço me toma, e o meu espirito reclama um pouco de repouso, ponho a penna alli, no meu tinteiro de vidro, muito modesto, e abro a minha gaveta tumultuaria.

Ah! si tu visses a minha gaveta! Que desordem! Que desarrumação! Mas tambem si eu fosse um homem ordenado, só poderia escrever como um tabellião. Um escriptor não póde ser methodico, nem ordenado, nem regular como um relogio. Para que o seu espirito produza é mister que elle possua o dynamismo do mar. O céo só é bello porque nos manda a tempestade, os furacões e os raios. E o mar — porque as suas aguas são revoltas.

Os lagos são burguezes... São vulgares como espelhos que se limitam a copiar. Mas nada produzem...

Mas voltemos á minha gaveta. Por que foi que falei nella? Ah! sim... Aqui na minha gaveta tumultuaria como o oceano é que guardo o teu retrato.

Gosto de vel-o com aquelle olhar triste, aquelle ar grave de paulista que a gente não sabe si é melancolia misturada com ciume, ou si é desejo de chorar.

Então, como eu acho que a tua imagem revela sempre muita ternura, me limito a roçar-lhe os labios e a murmurar, em surdina, os versos de Nicolas Beauduin...

"*Tu implores dans ton langage muet,*
tu espéres,
tu pleures,
tu pleures surtout,
et tes larmes tombent goutte à goutte comme une rosée mystique..."

Ideal inaccessivel

Não sei si isso acontece com toda gente. E' possivel que aconteça com algumas pessôas. Algumas pessôas que sonham...

Vejamos. Uma tarde nós vamos por uma rua. Supponhamos que seja a rua do Ouvidor.

Naquelle fluxo e refluxo de carinhas bonitas que passam, de physionomias de homens carrancudos, de matronas severas, de cavalheiros risonhos ou preoccupados com o rythmo da vida, dois olhos lindos nos fixam, de modo tal, que parecem dizer: "Como vae você?... Nós o conhecemos de mais. Mas de onde?". E passam.

A intelligente menina Yvonne Muniz Bastos, que conta apenas 10 annos de edade, é uma pequena artista que hoje se apresentará ao nosso publico, no theatro Casino, realizando um recital de piano, violão, canto e poesias.

(Photo De los Rios)

Nós outros, por nossa vez, ficamos a meditar naquillo que elles nos parecem ter dito.

Sentimos que tambem os conhecemos. Então, mentalmente, a gente pensa nesse possivel (ou impossivel?) dialogo — caso encontrasse de novo a suave dona daquelles olhos...

— Os seus olhos são lindos...

Ella sorri, e diz:

— Obrigada.

— Mas de onde é que conhe... os seus olhos?

Elles, como duas tentações ... bolicas:

— Adivinhe...

— Será de uma gravura ... Doré?

O da *Divina Comedia!*

— Sim.

— Deus me livre!

— De onde é, pois?

— Adivinhe...

— De uma tela de Corot?

— Tambem não.

— De uma estatua de Bourdelle...

— Mas as estatuas não ... olhos!

— De onde é então que os co... nheço? Vi-os talvez numa bo... de Domergue, num manequim ... Patou, numa lithographia de ... clame de agua para toilette, de ... me, de pó de arroz? De onde ... mademoiselle?

Ella sorri sempre. Sorri — ... mina o dialogo hypothetico ... a gente, já muito longe da ... tura linda da rua do Ouvidor, ... recorda de que vira os taes olhos ... em um sêr creado pela nossa ima... ginação, num momento de exta... de "rêverie", de contemplativismo ... em que desejou uma mulher idea... uma mulher perfeita, uma mulher ... que não existe, e que, si existe, ... passa depressa, como as nuvens ... e as andorinhas... Passa longe... Longe da nossa mão...

O amor que se não define

— Você leu o caso daquelles na... morados, que iam para o ...

— Não. Mas não é de admirar ... que dois namorados vão para ... amor. Para onde é que deviam ...

— Não é isso, meu velho, ... me expliquei bem. Elles eram ... namorados felizes. Iam para um ... tio de amor. Um eden, um recanto ... paradisiaco...

— Mas que tem isso?

— Andaram apressados.

— Não comprehendo.

Então, o meu amigo Lucio ... clareceu melhor o episodio. ... me attento para melhor escutal-o. Offereceu-me um cigarro. Disse... lhe que não fumava

Elle teve uma phrase qualquer ... que valeu por uma censura: ... homem como eu não fumava?

— Não! Não fumo.

Elle accendeu o seu cigarro ... proseguiu:

— Os taes namorados iam num bonde, em busca da Tijuca. O alto da Tijuca. Buscavam o recanto paradisiaco... De repente, perdeu a cabeça...

— Que fez elle? — indaguei.

— Beijou a moça.

— E depois?

— Foram detidos pela policia.

Calou-se. O meu amigo Lucio tirou longas baforadas do seu cigarro de fumo... O fumo não tem importancia. Meditei um momento. Em seguida, repliquei:

— Esse namorado sem duvida não leu La Fontaine, naquella famosa passagem que diz:

Amants, heureux amants, voulez-vous voyager?
Que ce soit aux rives prochaines;
Soyez-vous l'un à l'autre un monde toujours nouveau,
Tenez-vous lieu de tout, comptez pour rien le reste.

O meu amigo Lucio sugou o seu cigarro. Atirou longe a fumaça. E retrucou, sorridente:

— Diz La Rochefoucauld: "E' difficil definir o amor: o que se pode dizer delle é que, na alma, é uma paixão reinante; no espirito, uma sympathia; e no corpo, um desejo delicado que se esconde... Um desejo de possuir o que se ama, depois de martyrizantes mysterios..."

O destino dos homens

Os senhores já repararam que, ás vezes, um de nós faz uma tentativa, no sentido de conseguir algo que nos parece difficil, e só porque nos capacitamos dessa difficuldade não conseguimos aquillo que desejamos?

No emtanto — reparem bem — vem outro individuo e quasi sem esforço — só porque se convence de que pode conseguir o que deseja, elle acaba por conseguil-o.

Isso na vida como no amor.

A arma de combate ás vezes foi apenas um sorriso, uma palavra dita com emphase, uma attitude, ou o simples silencio — o que é mais eloquente, em certos casos, do que a propria palavra.

Onde o segredo dessa força dominadora? Onde o poderio que faz esse triumphador ser obedecido e amado? Por que o seu gesto é mais expressivo, mas eloquente, mais decisivo que o de outrem? Por que a sua palavra encerra maior poder consciente? Por que a sua vontade se faz exercer de modo mais preciso, mais seguro, mais autoritario? Mysterio? Quem sabe? Para todas as coisas que se collocam acima da razão, é necessario crear o dogma intangivel de um mysterio, a crença do incognoscivel, que deu a formula irreductivel do "Credo quia absurdum", de Santo Agostinho...

Palavras, meus senhores? Pura philosophia?

Não sei... Ha dias em que a alma da gente se abre aos devaneios do pensamento como uma tulipa ao sol...

Maeterlinck tem muita razão quando faz notar: "A coté de ceux qui sont opprimés par les hommes et par les événements, il y a en effet d'autres êtres en qui se trouve une sorte de force intérieure à laquelle se soumettent non seulement les hommes, mais même les événements, qui les entourent..."

— Faze o possivel para não sorrir...
A de collar verde:
— Resistirei no maximo um minuto...

arvore do Bem e do Mal

Claudio França

ANTHOLOGIA

NOITE, MUNDO DOS INSECTOS

Na noite immensa e triste, meu pensamento vela. O peso do somno não quer fechar as minhas palpebras e os meus olhos abertos fixam a escuridão. De toda a parte sibilos, cicios, cantos aflautados de insectos e no manto das trevas boiam as pequeninas lanternas dos vagalumes. Sobre o respaldo do telhado caminha lentamente uma lagarta de fogo toda illuminada como um transatlantico. E do balcão onde debruço a minha insomnia meus olhos mergulham na obscuridade semeada de lumes e nos meus ouvidos mergulha o incessante coxixar dos insectos. Sente-se uma vida poderosa semeada, pulverisada em myriades de pequeninos sêres formigando na treva, no silencio, na quietude e no mysterio.

E ao espirito me acodem as palavras poeticas de Michelet:

"O mundo dos passaros é o da luz e do canto.

O mundo dos peixes é o do silencio.

E o mundo dos insectos é o da noite."

O DOM DA LUZ

Talvez a musica mais bella que Carlos Gomes creou tenha sido a abertura do Escravo. Foi nella — pode-se dizer — wagneriano. Cheio de harmonia e de vibração, esse trecho exprime a natureza da nossa terra e descreve perfeitamente a vida. Vae romper o dia. O panno está arriado. A orchestra começa a tocar. Sente-se com a musica que o horizonte já se tinge de vermelho, que uma claridade suave se espraia á face dos campos, que a agua do rio começa a brilhar, que os aljofares do orvalho se engastam nos ramos e nas folhagens e que o passaredo saúda a luz gloriosa do sol.—Juritys arrulam, cantam os noitibós, a voz das graúnas vem do alto das palmeiras, os xexéos assobiam, os cardeaes desferem o seu canto rythmado, as rolinhas tatalam, os sabiás estridulam, alacres. E numa explosão de tympanos, pratos, tambores, trompas e bombos a luz rubra, sanguinea explode tambem no céo matutino!

A gente tem vontade de recitar o Hymno ao Sol de Rostand e pensa profundamente no que dizem os velhos livros sagrados da India: Todo animal, sobretudo o mais sabio, o elephante, saúdam o sol e lhe agradecem com suas vozes o presente da aurora, o dom maravilhoso da luz.

A FÔLHA DO PICA-PÁU

Acreditam os nossos sertanejos que o melhor talisman para nos dar a felicidade é certa folha mysteriosa que somente o passaro denominado pica-páu conhece. Então, para obtê-la, fecham o seu ninho com um pedaço de ferro e affirmam que elle vae buscal-a para abril-o. Ahi, se apoderam da folha maravilhosa.

Através dos millenios isso vem de uma velha fabula italiana. Picus, filho de Saturno, era um heróe austero que desdenhou o amor illusorio da magica Circé. Afim de escapar aos seus artificios, creou asas e fugio para as florestas. Perdeu, assim, o aspecto de homem, porém conservou sua essencia divina, de modo que sabe os segredos da natureza, conhece o passado, prevê o futuro, podendo vêr claramente tudo o que vae acontecer.

Essa fabula é decerto de origem Atlante. Porque somente assim se explica que para os habitantes da America pre-colombiana ella tenha passado. Os pelles-vermelhas dos Estados Unidos affirmavam que o pica-páu era um heróe transformado em passaro e que, possuindo-o, a coragem, a constancia, o ardor, todas as virtudes da ave para elles passariam.

A MULHER CHIC — Rica «toilette» de tulle branco, bordado a perolas e «strass» da mesma côr. — Modelo de Lucien Lelong.
(Photo Scaioni — Paris — Especial para «FON-FON»)

A's mulheres...

Não ha, por certo, no mundo coisas mais exploradas que as que se relacionem directa ou indirectamente com a mulher. Tudo que se possa dizer della, ainda hoje, é banal, banalissimo, mas, não sei porque, tem sempre um cheiro de novidade, e desperta, na gente, a cocega da curiosidade.

* * *

Por que?

Talvez porque a mulher seja ainda um ser incompleto, psychologicamente, — e quem sabe se tambem organica e physiologicamente?

Essa insufficiencia organica, aliás, teria sua melhor justificativa, seu fundamento mesmo, no facto de ter sido Eva formada de uma simples costella de Adão.

Ora, numa simples costella, vamos e venhamos, por mais substancial que fosse, não poderia conter-se toda a essencia de humanidade que o sopro divino e creador imprimiu ao barro, ao limo de que foi feito o primeiro homem.

* * *

Dahi, possivelmente, a razão de ser a mulher uma verdadeira "caixa de surpresas". Guiando-se, na vida, mais pelo instincto do que pela intelligencia, ella, por mais que não o queira admittir, é e será sempre mais "animal" do que o homem, mais physica e menos espiritual do que seu companheiro...

E, por ser assim, é que um pensador dizia que sua natureza é mais natural do que a do homem, porque ella, com sua mobilidade, sua agilidade de féra, sua unha de tigre a esconder-se na luva perfumada, com toda a inconcebivel extravagancia de seus desejos e virtudes, ha de ser sempre o perigoso felino que traz preso, a seus pés, aquelle que ha millenios vem procurando, inutilmente, domal-o.

Sobreira Filho é um nome de relevo nos centros literarios do norte do paiz, principalmente no Ceará, onde residiu durante longos annos e, no Amazonas, sua terra natal, onde exerce actualmente sua actividade. E' o poeta delicado e fino dos arminhos e veludos, das rendas fidalgas, das lindas balladas em que elle traduz os «raffinéments» de sua emotividade, os rythmos riquissimos de seu espirito brilhante, de sua alma de sonhador, de magnifico evocador e creador de torneios de galanteria. Sua musa inspira-se, de vez em quando, no perfume do passado, nas cabelleiras empoadas de princezas, de marquezas e de condessas, porque Sobreira Filho é, antes de tudo, o poeta dos ambientes aristocraticos. E' fino, é delicado, é profundamente emotivo esse poeta moderno e joven, em cuja alma, parece, se alojou um pouco da alma romantica dos menestreis que cantavam lindas canções de amor sob o balcão em flor de suas amadas.

Porque é grande velleidade de por qualquer homem que já conseguiu domar completamente u[ma] mulher e, quando o consegue, o dominio é puramente physico.

A alma, a alma das mulher[es] quem é que já a comprehende[u]? quem foi que já a sentiu em plena revelação?

* * *

A's vezes chego mesmo a pen[sar] que ellas — as mulheres — não te[em] alma, tal a desordem, o turbilh[ão], a falta de harmonia, da part[e] de alma que herdaram com a [cos]tella que Deus lhes deu.

* * *

Em compensação ellas s[ão] mais intenso do que os homen[s] [no] sentimento, maior do que o d[elles] o coração: um coração um [tanto] nômade, um tanto vagabundo, [mas] um coração que as faz mais [sen]siveis e sujeitos ao soffrimen[to], mais accessiveis ás desillusões, tornando-as um ser mais nec[es]sitado de carinho, de affecto, [de] solicitude, de desvello.

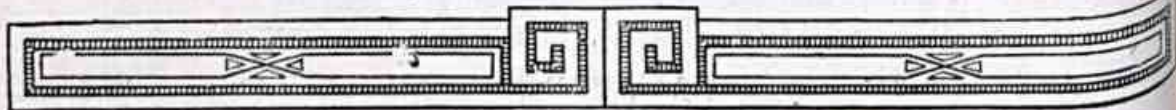
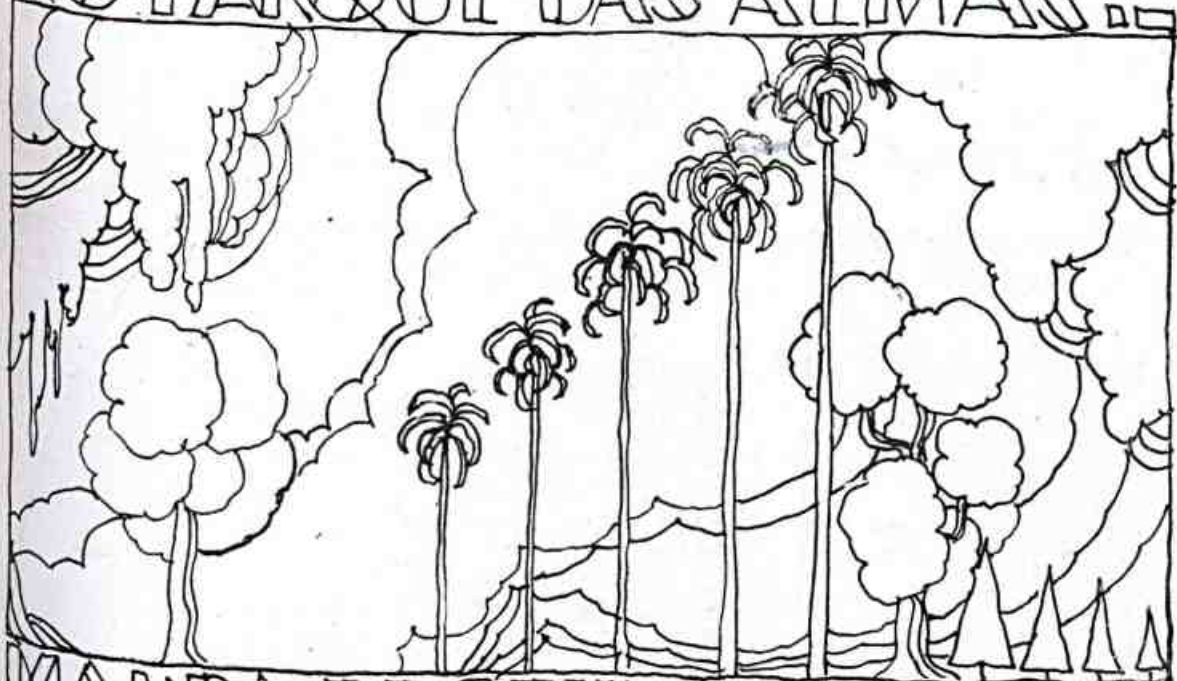
* * *

Deus sabe, porem, o que faz. [E'] nesses contrastes, entre o hom[em] e a mulher, é que elle cre[ou o] fiat da vida, a lei de harmonia [das] coisas.

* * *

E' fecho com esta phrase de Nie[tzsche]:

"As mulheres são como [pen]nhas tontas que voam, per[didas] e sem rumo, de uma arvore [qual]quer; uma coisa delicada, fr[agil] e, ao mesmo tempo, uma [coisa] extravagante, plena de vida, [que] sabe ser doce quando quer. [E'] uma coisa que é sempre prec[iso] trazer-se encerrada para que [não] fuja, voando."

Max L[illegible]

NO PARQUE DAS ALMAS...

MAURA DE SENNA PEREIRA

— Vejo no rosto de meus adversarios todo um vaticinio escancarado de derrota, todo um desejo cynico de que eu me fixe, entre os homens, desamado e misero. Jogam-me pedras pela satyra de suas palavras e pela inveja de seus corações. Têem criticas ambiguas ao meu trabalho sereno e sincero. No emtanto, minha bella adorada, vejo que este primeiro triumpho, que tamanho surto representa na minha carreira de lutador e que tamanho enlevo tem posto nos teus olhos de amora selvagem, — vejo, minha querida conselheira, que este primeiro triumpho os deixou desnorteados, atirando uma cólera surda, um medo inédito, bradando a minha superioridade através do despeito inspitavel do seu riso e dos seus gestos cadavericos...

— E' o principio da tua vingança! Escuta... Quero que ascendas bravamente, olhos de apóstolo, mãos de heróe, escutando a musica do teu sonho e adorando a musica da minha paixão... Sim! meu ardoroso cavalleiro andante dos mais bellos pensamentos, sim! a minha paixão canta como as cachoeiras sonorosas da minha terra! A minha paixão é por ti, pela tua força e pela tua coragem, pela tua estatura olympica de um deus antigo, pelo teu idealismo elevado de condor e pela tua ternura de todas as horas á graça que vive em mim, meu dono e meu rei.

— E esse teu carinho apaixonado completa o milagre da minha teimosia em lutar e em vencer .... Sonho o premio de um eterno enlevo nos teus olhos de amora selvagem...

— Escuta... A minha paixão de grande amor-a sonha tambem o teu integral triumpho... Sei que em torno a ti sôam preces pela tua queda em syllabas covardes e em atitudes mesquinhas... E eu quero que te vingues! Ouves, meu dono e meu rei? Eu quero que te vingues! Falaste-me que o teu primeiro triumpho communicou estremecimentos despeitados na tenda dos teus inimigos. E a tua vingança deve ser assim: proseguir, paciente como um benedictino, illuminando as consciencias com as labaredas novas do teu sonho! Proseguir, forte como um leão, conquistando a posse completa da victoria! Porque o triumpho, meu amado, é a vingança das vinganças!

GOVERNO PAULISTA

O dr. Fabio Barreto, illustre secretario do Interior do governo de São Paulo, é um vulto de accentuado relevo e prestigio na vida publica de seu grande Estado, ao qual, no exercicio daquelle alto posto, vem prestando notaveis serviços.

GOVERNO PAULISTA

Na administração publica de S. Paulo, a actuação do dr. José de Oliveira Barros, secretario da Viação e Obras Publicas do Estado, tem sido das mais intelligentes, efficientes e fecundas. S. ex. é um dos mais illustres e operosos auxiliares do presidente Júlio Prestes, a cujo governo presta valioso concurso.

TREPAÇÕES

MADAME, fatigada das muitas *partidas* que lhe proporcionou o seu querido rapaz, resolveu abandonal-o, acreditamos que para sempre.

Porque, de outro modo não comprehendemos o apparato e as cautelas que cercaram o acto de rompimento, tudo indicando que o beguin era grande, etc...

O rapaz não ligou muita importancia ao caso, mas, dentro em breve, vae sentir as consequencias do rompimento, taes como a perda de alguns *bicos* que sempre davam para as gravatas, e outros *arranjos* discretos...

Madame tomou-se de odio ao rapaz e jurou que elle ha de pagar aqui mesmo, pelo facto de ter tripudiado do seu amor.

Vamos apreciar o resto da historia...

MADAME perdeu a compostura ou o juizo, não sabemos, porque só assim se comprehende o seu procedimento, fazendo-se acompanhar de um estranho, em longos passeios em sitios afastados da cidade.

Desde o dia em que lhe appareceu na porta aquelle *landeaulet* pequenino, a que o vulgo chama pitorescamente de *marmita*, *madame* mudou de habitos e, ao que parece, resolveu cahir no mundo...

Foi uma transformação tão formidavel, tão descarada, que a vizinhança commentou o escandalo nos minimos detalhes.

A vida moderna é assim mesmo, deve pensar *madame*, e passear de automovel na companhia de um homem faz parte do programma...

Mas, os passeios de marmita não podem nunca ser vistos com bons olhos, e todos sabem porque...

O casamento do joven medico foi uma grande decepção para a moreninha bonita, que por muito tempo alimentou a esperança de tel-o por marido.

Esta cousa de casório a gente não sabe explicar bem, como arma nem se desarma...

Assim, a moreninha, que parecia ter conquistado o coração do joven medico, de um momento para outro, sentiu que estava só e se viu privada do seu doce [illegible] de longos annos.

Naturalmente, [illegible] encontrou maior [illegible] em uns olhos [illegible] grandes, expressivos [illegible] adeus moreninha [illegible] tempos de academico.

Si não fosse assim, [illegible] rida não tinha graça.

ENCONTRARAM-SE, pela primeira vez, [illegible] ambiente sacro de uma egreja. A' hora da missa. O doutor (elle é formado) apresentou a noiva á morena.

— Prazer em conhecel-a.

— Do mesmo modo...

E as duas ficaram amigas.

Aconteceu, porém, que o doutor gostou da morena e esta gostou do doutor. Tiveram, por isso, opportunidade de se encontrarem, outras vezes, na mesma egreja. Mas o doutor ia só; e a morena — idem.

Um bello dia, alguem achou que aquillo era tudo desafôro. Contou á noiva. Esta preparou o flagrante. Apanhou-os juntos, não na egreja, mas no jardim [illegible] della.

Como é natural, houve um rompimento. Resultado: o doutor é noivo da morena...

Quando será que [illegible] arranjará uma...

Cesteiro que faz cesto faz um cento.

ARTE DE TERPSYCHORE

A festejada bailarina professora Vera Grabinska creou, por occasião da cerimonia inaugural dos telephones automaticos, a «dança do automatico», que, executada pela primeira vez no baile á fantasia do Rio de Janeiro Athletic Association, alcançou alli brilhante successo. Vera Grabinska apparece ahi na sua nova e empolgante creação.

Colomy-Club

Ha 28 annos exactos, na data de hoje — 12 de janeiro — inaugurava-se a séde social do Primeiro gremio de crianças que a aristocracia carioca possuiu: o Colomy-Club. Era ali na rua Marquez de Abrantes, onde mais tarde foi uma garage, ao lado da casa de saude do dr. [illegible]. Abriu-se o portão do Club á 1 hora da tarde, e logo o parque da entrada se encheu de um bando formidavel de [illegible], que ás 2, já no salão, cantava o "Hymno do Colomy", de Abdon Milanez e versos de Arthur Azevedo, seguindo-se a "Marcha do Colomy", de autoria do dr. Carlos Sá, executada pela banda do 1.º Batalhão de Infantaria do Exercito.

Foi um delirio. As principaes familias do elegante bairro haviam comparecido, de sorte que meninos de todos os tamanhos e meninas de todos os typos, garrulos e esfusiantes, vivas, batiam palmas e corriam em febre do parque para o salão. [illegible] olhavam os infantes, de touca e chupeta, espantados para tudo aquillo muito [illegible] no collo das amas.

O salão das danças e espectaculos era enorme. Apenas acimentado, construira-se numa especie de galpão inteiramente aberto. A' sua direita, ficava o Colomy-Theatro. As senhoras e cavalheiros occupavam cadeiras distribuidas em toda a peripheria do aposento, limitando um espaço central, onde os garotos brincavam e dansavam. (Havia ainda um 1.º andar para o poker dos papás — e elle [illegible] ter por dois lances de escada, surgindo entre esses dois lances um palanque, para o pianista.)

O Colomy-Club valia pela sua figura destacada: o Gasparoni. Alexandre Gasparoni, no enthusiasmo da sua juventude, que foi o melhor traço da sua vida. Parecia ali uma criança grande, de cavaignac e voz grossa. [illegible] parava um instante. Sempre cercado do pessoal miúdo, pintava o sete, forjando coisas do arco da velha para gozo dos infantes. Agitava [illegible], batendo no fundo de uma lata, procedia á revista dos garotos e distribuição de balas e bombons. [illegible] era de ver-se aquella [illegible] como um capão cercado de pintinhos, que gazilavam e disputando o seu quinhão. Mal acabava o numero, que era [illegible], o Gasparoni berrava, rouco, de cima do palanque:

— Uma polka !...

Era polka o que elle dizia; mas, na verdade, todos entendiam [illegible] no mesmo instante, fazendo de mestre-sala, o Gasparoni formava os pares de 6, 8 e 10 annos. O piano gemia. E dentro [illegible] desenrolava-se um dos [illegible] mais deliciosos que tenho [illegible] de pequenos, enlaçados, tomando muito a serio o seu [illegible] deslisarem pelo vasto salão, como gente grande...

[illegible] a gente grande tambem [illegible] Gasparoni, como povo miúdo. Mas [illegible] impunha: que os taludos [illegible] bem por fóra, deixando o espaço central destinado aos bambinos. Os pre-almofadinhas daquelle tempo não perdiam [illegible], isto é — as "polkas", a schottisch e a [illegible] step. Dos frequentadores do Colomy [illegible] lembrados, que o par [illegible] era o do joven Ajuricaba de Menezes (hoje encanecido [illegible] Amazonas), com a gentil [illegible] Raposo (mais tarde [illegible] Murtinho).

Na tarde da inauguração, houve um espectaculo infantil no Colomy-Theatro, cujo aqui o programma,

Um alegre bando de colomysinhos. (Photographia e legenda do FON-FON da época...)

fielmente transcripto, relativo aos seis numeros representados:

"1. *Uma bôa mentira*. Monologo pela menina Nair Azeredo.

2. *O nó desatado*. Cançoneta pela menina Emygdia Leitão.

3. *J'ai peur*. Cançoneta pela menina Léa Azeredo.

4. *O Colomy*. Lundú pela menina Alice Araújo.

5. *O segredo de Margarida*. Monologo pela menina Odette Gasparoni.

6. *Um valente*. Monologo pelo menino Octavio Faria."

(Peço perdão ás meninas do programma, em agitar essas reminiscencias, tanto tempo depois...)

Mas a festa teve ainda outros aspectos. Grande tombola, com brindes a todas as crianças até 12 annos, 4 representações no theatrinho João Minhoca, logo á entrada do parque, á direita. Exhibições comicas por artistas, no Colomy-Theatro. Entrega das medalhas do Concurso de Caridade a favor do Instituto de Protecção á Infancia do Rio de Janeiro. Photographia das crianças. Concerto no parque pela banda dos "Aprendizes Marinheiros".

Permitta-se-me agora esta pergunta ou suggestão:

— Por que não se trata de fazer hoje, que o Rio tanto progrediu, sob todos os pontos, qualquer coisa do genero do Colomy Club, como bem o merece a culta criançada carioca?

Antes da inauguração da sua séde, o Colomy deu varias festas, uma das quaes, no Parque Fluminense, do Largo do Machado, constituiu um encanto para o mundo infantil de Botafogo.

Eram figuras principaes, na directoria do Colomy, o senador Azeredo, o Gasparoni, Arthur Silva Araujo, Felisberto de Menezes, João Cunha e Luiz Cabral. No "Colomy-Jornal", que se publicou durante o anno de 1902, sob a direcção de J. Fontenelle e Hugo Leal, appareceram uns versos, que seriam "impressões de um matuto, visitando o Colomy-Club", entre os quaes havia os seguintes:

"Um ceu Antonho Ziredu
E' caboko distimidu,
Foi cimbora pra Pirtope,
Parece quistá pirdidu.

U seu dotô Filisbertu
Gosta muntu di jogá.
Principarmente di poki,
Qué danadu pra ganhá.

Vem dispois o Lamparoni,
A arma du Culumy.
Já não sabe mais quinventá
Pros culumy distrahi.

Aos dispois cumpade veiu
Xamadu Luiz Cabrá,
E' guardadô du dinhero,
Cumigo não vá zangá.

Tem tambem moço nervosu,
Tocandu num birimbáu,
Chorandu suas porkinha
I não toca muntu máu..."

Esse moço nervoso, autor da schottisch Colomy-Club, editada pela Casa Filippone e um dos successos musicaes da época, foi ainda o pianista do "Grupo das Feias", que se organizou dentro do Colomy-Club, e que deu saráus estupendos de brilho e animação, presididos pela senhora Paula e Silva. Trouxe-me elle estas recordações sobre um gremio que se destinou a realizar um lindo programma social aberto para a infancia da nossa terra. Não sei mesmo porque morreu tão util e tão doce instituição. Mas sei que ella serviu tambem para mostrar uma das faces da alma de Alexandre Gasparoni como amigo das crianças, e essa face refulge tanto, que eu não quiz que ficasse esquecida, quando, 28 annos depois, ainda exista no jornalismo um de seus velhos companheiros e admiradores do Colomy-Club.

FLORIANO DE LEMOS

O CAMPEONATO BR[illegible]IRO DE FOOT-BALL

A partida final do Campeonato Brasileiro de Football realizou-se, domingo ultimo, em São Paulo, e constituiu o grande acontecimento [illegible]rportivo da semana. O campo do Corinthians foi o escolhido para o grande encontro entre os cariocas e os paulistas, que iam dirr[illegible]tar o titulo de campeões de 1929. Conforme documenta a nossa reportagem photographica de hoje, o jogo foi sensacional, pe[illegible] lances empolgantes que offereceu e pela assistencia que se comprimia, vibrante e ansiosa, dentro do gramado do Parque São Jorge. Tanto os jogadores do Districto Federal como [illegible]s de São Paul[illegible] desenvolveram brilhante acção, terminando a par[illegible] da co[illegible]a victoria dos rapazes da Apea, que se tornaram, assim, e bem [illegible]recidamente, os campeões brasileiros de football, em 1929.

HOMEM INTELLIGENTE

Devia ser intelligente aquelle homem; em todas as festas de espirito, eu o encontrava, irreprehensivel dentro duma casaca preta. Olhava os conferencistas com um interesse quasi benevolente. Pensei: o talento anda de mãos dadas com a virtude. Talvez elle fosse um poeta, um philosopho, um sabio...

Devia ser intelligente, aquelle homem! Mas, era, apenas, um surdo!...

Carlos Madeira.

Um aspecto da numerosa assistência que enchia, domingo á tarde, o campo do Corinthians, em São Paulo, e um instantaneo do importante jogo que decidiu o campeonato brasileiro de football.

Balcão Florido

ROSAS DE TODO ANNO

"Inquieta bemaventurança de quem aguarda e anseia!»

Essa phrase de um desilludido, de um espirito revoltado e descrente, não sei porque me veiu, agora, á mente e, tambem, não sei por que abro com ella esta pagina.

Aguardar... Anseiar...

Mas em esperar e desejar está, precisamente, todo o circulo vicioso da vida.

[illegible] ...[illegible]iar...

[illegible]empre, de con[illegible], nas terras fecundas do espirito e do coração, a semente da idealidade e da illusão, da esperança e da fé, da crença e do amor...

Mais, porém, do que o espirito, o coração é quem fecunda e semeia e faz florescer e fructificar os campos ferazes da vida.

Meu coração — pyra votiva — continuamente a queimar a myrrha e o incenso que elevam para os céos, para o mysterio, para o desconhecido, nas volutas do fumo da minha emotividade, a inquieta bemaventurança com que aguardo e anseio — meu coração, tu tens sido o semeador, munificente e prodigo, de todo encanto, de toda belleza, de todo momento de felicidade e, tambem, de toda dôr, de toda angustia e de todo soffrimento da minha vida!

Aguardar... Anseiar...

Nessa abençoada tortura da esperança, está, talvez, toda a razão de ser da propria felicidade, na terra.

Senhorita Enaura Mello, a talentosa violinista que vem de conquistar, no Instituto Nacional de Musica, a medalha de ouro por unanimidade. Alumna da professora Paulina d'Ambrozio, tão conhecida e admirada da «élite» carioca, a joven laureada do nosso Instituto é uma legitima vocação artistica. Temperamento, sensibilidade e technica se encontraram na execução da brilhante artista alagoana, para quem se abrem, nos horizontes de sua vida, em dilucula, um grande e bello futuro.
(Photo De los Rios)

♣ ♣ ♣

Porque realizar é ultrapassar o proprio ideal — na phrase de um philosopho — e toda felicidade só persiste emquanto é esperada e desejada.

A vida é, assim — paradoxalmente bella e boa e generosa — provida e previdente...

"Inquieta bemaventurança de quem "aguarda e anseia" e que, hoje, mais do que nunca, me fez sentir a alegria de esperar a illusão da nossa felicidade — desse sonho de felicidade que, ha mais de um anno, é o rythmo e é a harmonia da nossa vida, meu amor!

MINHAS VIOLETAS

A aza côr de cinza da saudade, no crepusculo que desce e envolve a tarde, cheia de recolhimento, de sinos e de preces, esvoaça no ambiente que me cerca, meu amor, numa palpitação de tristeza.

Por que não vieste, por que não trouxeste ao meu abandono, á minha solidão, a alegria crystalina e festiva de tua alma, a suave caricia de teus olhos negros, o vinho eucharistico de teu beijo?

Meu amor, lá fóra o crepusculo desce sobre a cidade e vela as coisas de mysterio e de tristeza.

E eu tambem estou triste, e envolvem-me, a pouco e pouco, as sombras do crepusculo da saudade que fazes descer sobre mim, com a tua ausencia.

Meu amor, vem, vem colher as violetas mysticas da minha adoração por ti, as violetas que emmurchecessem e ficam tão desconsoladas quando a luz de teus olhos negros não se [illegible]ia sobre ellas...

HE[illegible]NTHO.

TUDO SÓBE...

Mez de Janeiro,
céo de brazeiro,
dias de fogo, noites de calor.
E o Rio, todo o Rio de Janeiro
(não fosse "de Janeiro"!)
sóbe, vae para onde fôr,
e lá vão para Petropolis,
Therezopolis
para Correias,
para Vassouras,
as bellas encantadoras,
e as encantadoras feias,
naturaes ou camoufladas,
as encantadas
e as desencantadas
da miragem do amor...

O Verão estabeleceu definitivamente o seu reinado. Definitivamente, isto é, até principios de abril. A 21 de março, passa o equinoxio.

Passa — *modus in rebus*. Mesmo porque as "quatro estações do anno" no Brasil são como as estações de telephone. No começo é uma só. Depois, para civilizar e complicar, são tres, quatro, cinco... Já temos sete ou oito...

Ora, o nosso verão começa a 1º de janeiro e acaba a 31 de Dezembro. Janeiro é o mez da cidade. Dezembro é o mez do Brasil. Em janeiro, plantou-se o marco. E em dezembro nasceu o nosso primeiro compatriota, o cidadão Jesus-Christo.

Mas lá para a Europa e para os Estados Unidos (New York, Miami, Hollywood, Galveston etc.) as estações são pontualmente quatro.

E o Brasil, para ficar á la mode, anda tambem ás quatro. Mas não teve duvida de metter logo o verão no primeiro team. O nosso anno entra em pleno verão. E' como o nosso hymno, que entra logo em disparada, como uma carga de cavallaria...

E quem diz verão, diz Petropolis.

Nos primeiros dias da Republica, o jacobinismo vetou a elegancia official de Petropolis. Ruy por exemplo, foi veranear em Friburgo. (E não era jacobino)...

Depois, cada anno, ha sempre uma invenção nova. Palmeiras, Vassouras, Correias, Therezopolis.

Mas a verdade é que o Piabanha não liga ás rivalidades do Paquequer e do Pirahy. Petropolis, em assumptos veranis, continua a ser o convergidouro alpestre da élite carioca.

Logo, em fins de novembro, quando o thermometro se approxima dos 30 centígrados, esvastam-se subitamente as estufas metropolitanas, e a praça Dom Affonso se enche de hortencias animadas, bistrodas e bastonnadas. Tudo sobe.

A serra transforma-se. E cabe a talho o commentario:

Mal sobe a temperatura,
todo mundo chic ou snob,
sobe a serra, com o calor,
e todo o Rio procura
subir, com a temperatura,
tudo sobe, tudo sobe,
Parece até que o thermometro
funcciona como ascensor...

— ZIM.

UM VICTORIOSO

O Prof. Austregesilo é uma figura curiosa, que muito terá de preoccupar os seus biographos. Não pelas irreverencias de que tem sido alvo, por parte de alguns inimigos gratuitos.

Os que se encarregarem da sua biographia, não deverão esquecer o velho proverbio: «Só se apedrejam as arvores que dão fructos».

O prof. Austregesilo preoccupará os homens que estudarem a sua vida, unicamente porque é uma figura singular. Mais que isto: paradoxal.

Sendo superior por tudo — pelo seu caracter, pela sua cerebração, pelo seu prestigio pessoal — o grande neurologista dá a impressão de ser um dos homens communs, que sorriem a toda gente e estendem a sua mão a todos os que a desejam apertar.

Amigo do seu amigo, elle não sabe dizer — não. Mas quando diz não, todos sentem que, em igualdade de condições, ninguém poderia dizer — sim.

Talvez essas qualidades, alliadas á fulguração do seu espirito, tenham concorrido para que a sua vida seja, até agora, como tem sido, uma ascensão permanente.

A que deve elle o brilho da sua trajectoria, senão a si mesmo? Senão á sua vontade inquebrantavel, ao seu espirito pratico e á linha recta por onde os seus passos firmes o conduzem?

O professor Austregesilo.

Vejamos.

O professor Austregesilo quiz fazer-se mestre de medicina, e hoje é um dos mais notaveis da America do Sul. Quiz fazer-se homem de letras, e entrou para o Petit Trianon, como já entrara para a Academia Nacional de Medicina. Quiz tornar-se politico, e fez-se parlamentar.

Como mundano, o prof. Austregesilo foi sempre uma personalidade de relevo, em nossas altas espheras sociaes.

E' um victorioso que tem o direito de proferir as palavras historicas de Cesar: «Veni, vidi, vici!»

Animador de almas, elle possue o dom captivante de estimular energias, ao mesmo tempo que nos ensina, com o sorriso de Epicuro, o sentido pratico da vida. Mas desconcerta, por isso mesmo. Um homem, cuja vida é um exemplo de triumphos galhardos, sabe sorrir com indulgencia, á maldade dos homens.

Será por desprezo ou ironia? Talvez como psychiatra...

O prof. Austregesilo acaba de ser eleito presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia. No seu discurso official, elle se biographou com as palavras seguintes:

«Senhores!

Hoje vos pertenço, e aqui estou. O general Pershing, no momento em que pisou o sólo de Paris, depois de receber estrondosas manifestações, deu a mais nobre das respostas ao grande povo francez: poz-se defronte do retrato do maior amigo dos Estados Unidos, perfilou-se e apenas disse: «Lafayette, aqui estou». O simile não é bem o mesmo, mas, deante de vós, entrego-me como penhor da grande honra que me outorgastes.»

Bastos Portella.

«FON-FON» EM VIENNA

O illustre cirurgião brasileiro dr. M. M. Fabião, no dia em que se despediu do Hospital de Wieden (Vienna d'Austria), onde fez um longo estágio, recebeu carinhosa homenagem dos seus collegas daquelle estabelecimento, á qual se associou o respectivo chefe de clinica, prof. C. Halban, que na photographia acima apparece ao lado do homenageado, ao centro, estando ambos cercados pelos manifestantes.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

MAURICIO WELLISCH

MAURICIO WELLISCH

SEM pender para os desmantelos dos innovadores excessivos, Mauricio Wellisch foi sempre um "novo" na pintura, um creador de hymnos ineditos á plastica humana.

Como illustrador, a sua esthesia se revelou cêdo sob um traço personalissimo, fragil na apparencia, mas de facto fortissimo como concepção, como *verdade* em *Arte*.

Wellisch é um adorador do nú, que elle concebe na visão interior, puro, melodioso, cantando eternamente o rythmo da belleza.

A philosophia determinista de seus quadros entremostra o pensador que espelha, de vez em vez, a revolta, o ironismo contra as indestructiveis destruições: a desillusão, a velhice, a morte!...

Outras vezes vem-lhe a esperança incerta, improvavel da Morte ser uma alleluia; do acabamento vital não se apresentar como solução de uma continuidade; de ser, emfim, o começo de outra phase mais intensa, mais evoluida da grande, da interminá vida universal.

E então tudo se afina num "smorsando" de lenitivo que preludia a affirmação magnifica da esperança.

Consola imaginarmonos immortaes no espirito, imperecíveis nos ideaes e nos amôres!

Mauricio Wellisch foi influenciado pelas duas grandes escolas de illustradores: os hespanhoes e os allemães.

Todas as duas esmiuçadoras do realismo mas obcedadas pelo fatalismo da morte e as aggressões dos augurios.

Bocklin, Durer, F. Stuck, Coninth... de um lado; Chicharro, Hermozo, Sytto, Ribas, Zubiaurres... de outro; e mais a nota harmonizante de toda a sua robusta personalidade, deram em resultado esse formoso talento de Wellisch.

Percepção da fórma e do movimento, sensação interna *quasi um prurido cenesthesico de Arte*, a quietude das intenções, a poesia das luzes e a vibração caricosa das côres, — tudo isso é a vida dos quadros desse artista profundo de vinte e cinco annos.

Se não fosse brasileiro, Wellisch era uma das authenticas glorias, orgulho da intelligencia e da cultura de um povo.

Mas nunca encontraria elle, o artista do lapis, o mago das *esquisses*, do crayon e o *fusain*, melhor adaptação ás visões soberbas que se atropellam no "fervet opus" de suas idéas ingênuas ou sábias, hodiernas ou primitivas, que no *bureau* de um *attaché commercial*. Sim, que o nosso magnifico Mauricio é *le Monsieur Maurice Wellisch*, — *Adjoint á l'attaché commercial pour l'ambassade du Brésil en France.*

* * *

E' ali, pois, naquelle casarão da Place de la Madeleine, que Wellisch, no meio de facturas, orçamentos, relatorios, estatisticas de importação e de exportação, sonha e com os seus sonhos vislumbra, no meio de artigos sobre a borracha, o algodão, o café, o xarque, os couros, — as suas deusas encantadas, plasticas, imans eternos que dirigem, orientam e attrahem, rumando-lhe o espirito para as regiões que se entrevêem nas maravilhosas visões que divinizam.

Para esses o paiz põe o sello da nostalgia do bello, especie de imposto muito mais valioso do que as actuaes exigencias do fisco para com a Arte.

Hernani de Irajá

O dr. Castro Guimarães, novo prefeito de Nictheroy, tomou posse de seu cargo perante a Camara Municipal, reunida para esse fim. Em seguida, na Prefeitura, realizou-se a ceremonia da transmissão do governo. As photographias desta pagina fixam aspectos da posse do novo prefeito de Nictheroy. Em cima, o dr. Castro Guimarães e seu antecessor, no salão da Prefeitura de Nictheroy. Ao centro, grupo á porta da residencia do ex-prefeito, dr. Ribeiro de Almeida. Em baixo, photographia tomada na egreja de Sant'Anna, em Nictheroy, após a missa em acção de graças pela posse do novo prefeito.

JARDIM ABERTO. D. Jayme

O dr. Christovão Lopes de Carvalho pertence á turma que acaba de deixar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde fez um brilhante curso. O dr. Lopes de Carvalho é do Estado de Minas, tendo nascido em Viçosa.

(Photo Annunciato)

Miscellanea do Amor

O amor é, no fundo, uma simples armadilha da natureza. Desde que o mundo é mundo, as religiões consideram-no um peccado e as jurisprudencias um delicto, quando se não conforma aos preceitos definidos pelo tabú social. Entretanto, nem dogmas nem leis conseguem vencêl-o. Elle passa sobre elles e continua sua marcha difficil, mas victoriosa para a liberdade. Porque é um instincto poderoso e insopitavel. Porque é, no fundo, um ardil da natureza.

Em um de seus contos, Maupassant tem este admiravel trecho sobre o amor: "Logo que se deseja uma mulher, sinceramente se pensa que não se poderá viver sem ella. Sabe-se perfeitamente que a mesma coisa já se deu antes, que a sociedade se segue á posse e que, para se poder gastar a existencia junto a outrem, é necessario, não o brutal appetite physico depressa extincto, porém um accordo entre as almas, os temperamentos e os caracteres. E' preciso saber distinguir, na seducção de que se é victima, si ella vem da carne, da ebriez dos sentidos ou do profundo encanto do espirito."

Tanto é grosseiro o ardil que em nosso instincto pôz a natureza que toda a sua seducção se esvae com a satisfação do desejo e a mulher que inspirava esse mesmo desejo nos desperta até um sentimento de repulsão. E tanto é mais profundo, duradouro e sincero e dôce o encanto do espirito que elle afaga essa sensação e cria a necessidade de viver constantemente ao lado da mulher que se ama. Esse é o verdadeiro amor e pode-se dizer que foi creado pelos homens, porque, confessemos para sua gloria, não o receberam da natureza. O que ella lhes ensina é justamente o contrario: satisfação brutal do instincto, egoismo do gozo e repulsa immediata. O que a espiritualidade lhes aponta é a dedicação, a delicadeza, o deslumbramento de um pelo outro. Todavia o verdadeiro amor carece do Instincto e do Espirito, um para augmentar o outro e aquelle para ser dominado por este.

TUA LEMBRANÇA

Tua lembrança é como um passaro prisioneiro dentro de mim. Fiz grades fortes para que não possa fugir. Porem elle nunca descansa. Agita-se. Bate as asas. Esvoaça. Vae de encontro ás paredes da prisão. Geme. Fere-se. E não me dá, por vingança talvez, um momento de repouso.

Achas que devo soltar o passaro bravio?...

OLHOS DE MULER

QUADRA PORTUGUÊSA:

Olhos pretos, matadores,
por que vos não confessaes
dos crimes que commetteis,
dos corações que roubaes?

DE D. BERNARDO DE BALBUENA:

Ojos, nunca me creáis,
que, a fé de vuestro cautivo,
por solo aquel tiempo vivo
que dura el que me mirais.

COPLA ANDALUZA:

Tus ojitos, morena,
tienen tal virtud,
que a los mismos que matan
le dan la salud.

QUADRINHA SERTANEJA:

No mundo não ha quem pinte,
havendo tantos pintores,
a joia de teu retrato,
teus olhos tão matadores.

Medico, recem-formado pela nossa Faculdade, o dr. Angelo Ninno, que é filho de São Paulo e se especializou em pediatria, vae exercer a clinica na sua cidade natal, Catanduva, para onde segue dentro em breve.

(Photo Annunciato)

A acção constructora da administração Julio Prestes

A actividade administrativa do presidente Julio Prestes é uma cousa patente, que se não póde negar.

A' frente do governo de S. Paulo, s. ex. se tem revelado um estadista de larga visão, atacando varios serviços importantes já iniciados, e promovendo

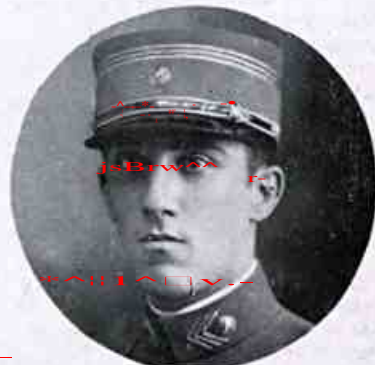
outras obras de interesse publico, concorrendo, com o seu espirito esclarecido e patriotico, para a riqueza do paiz.

Assim, o presidente, cuja energia moça é exemplo que dignifica a geração dos estadistas novos do Brasil, se torna, cada dia que passa, credor da admiração e da gratidão dos amigos da sua patria.

As nossas paginas reflectem uma parcella dessa brilhante actividade do governo paulista, governo de acção calma e ponderada, mas, por isso mesmo, de realizações fecundas e duradoiras.

Ao alto: S. ex. o sr. dr. Julio Prestes de Albuquerque, illustre presidente do Estado de São Paulo. A' esquerda: O dr. Salles Junior, secretario da Justiça do grande Estado e uma das figuras eminentes da politica paulista. A' direita: O dr. Mario Bastos Cruz, chefe de policia de São Paulo e um dos dignos auxiliares do presidente Julio Prestes.

Major Tenorio de Britto Cavalcanti de Albuquerque, brioso official da Força Publica Paulista, ás ordens do presidente Julio Prestes.

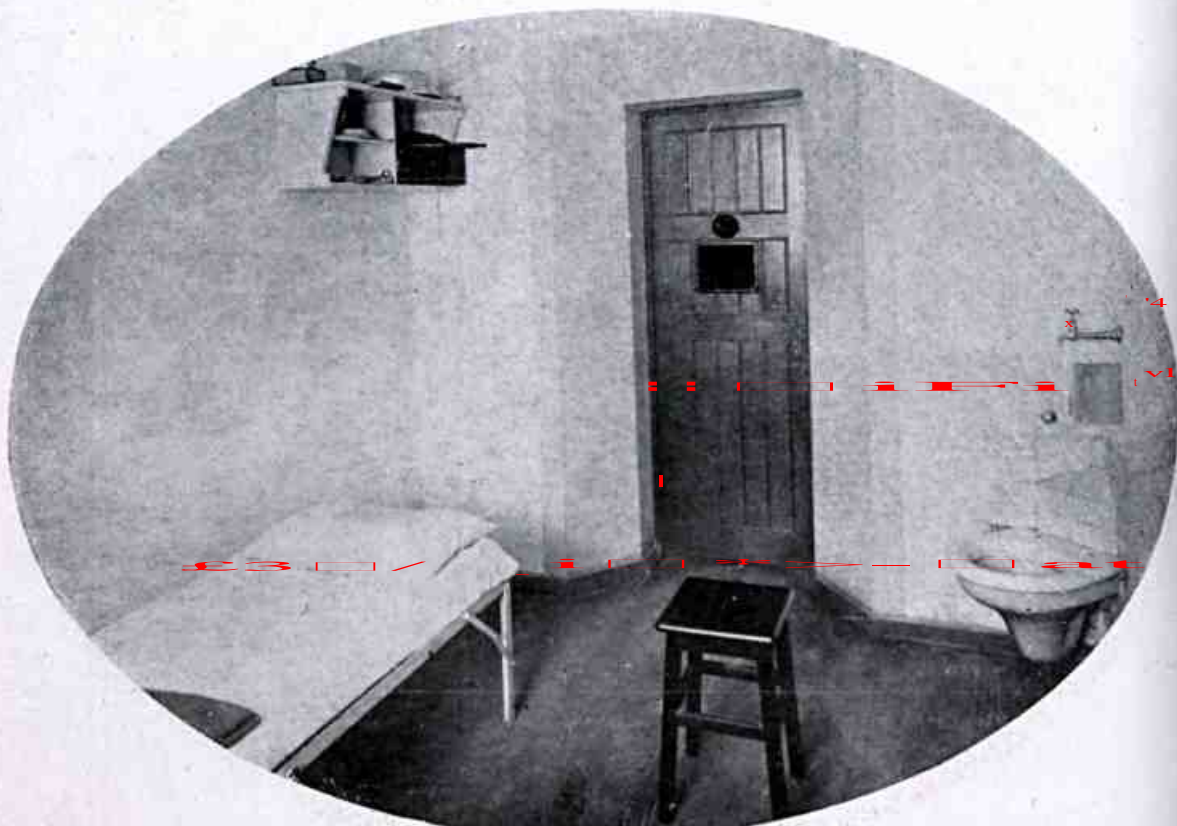
Coronel Marcillio Franco, chefe da casa militar da presidencia de São Paulo e official muito estimado na capital paulista.

Capitão José Hippolito Trigueirinho, outro distincto official da Força Publica de S. Paulo, ás ordens do presidente Julio Prestes.

Interior de um pavilhão da Penitenciaria do Estado de São Paulo.

S. PAULO possue, hoje, a mais perfeita Penitenciaria da America do Sul, e onde se adoptam os processos mais modernos obser-vados nesses estabelecimentos de regeneração de delinquentes.

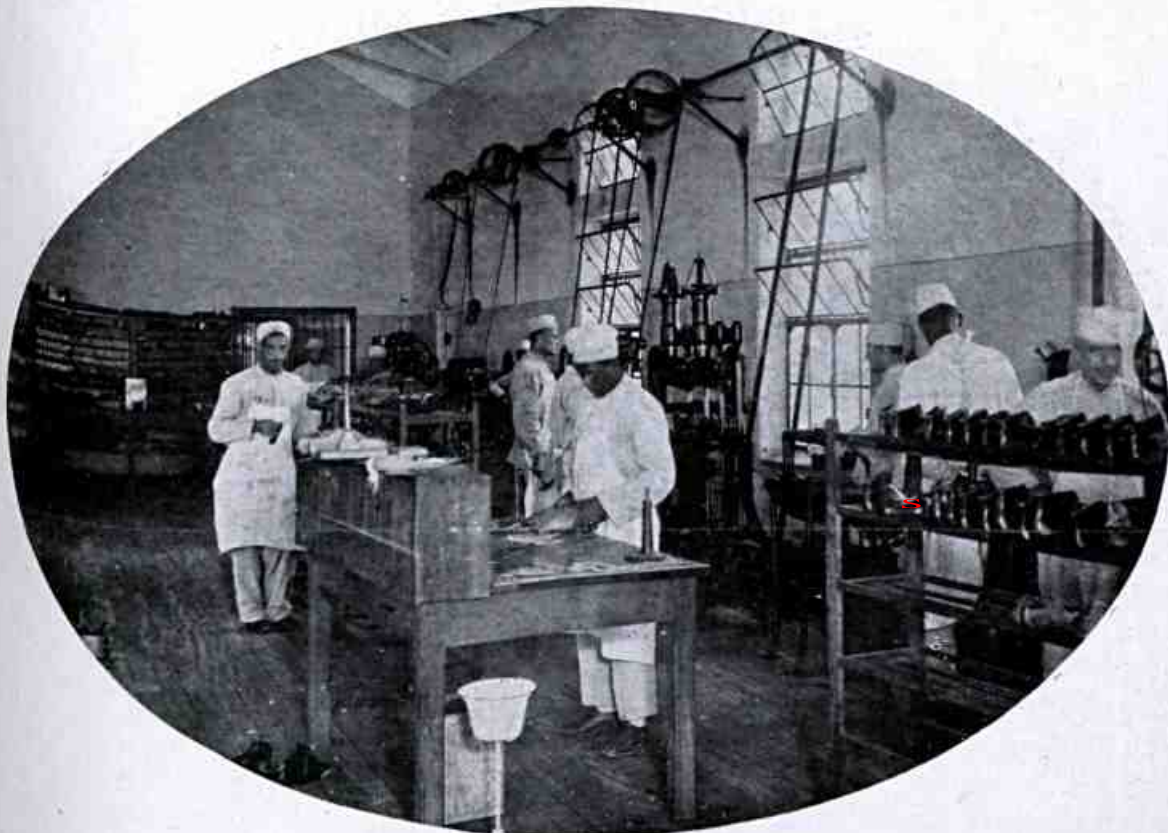
Dirigida pelo illustre dr. Franklin Piza, notavel mestre da sciencia penal, a Penitenciaria paulista tem insculpida logo á entrada, no cimo da grande porta, a seguinte legenda: "*Aqui o trabalho, a disciplina e a bondade resgatam a falta*

...

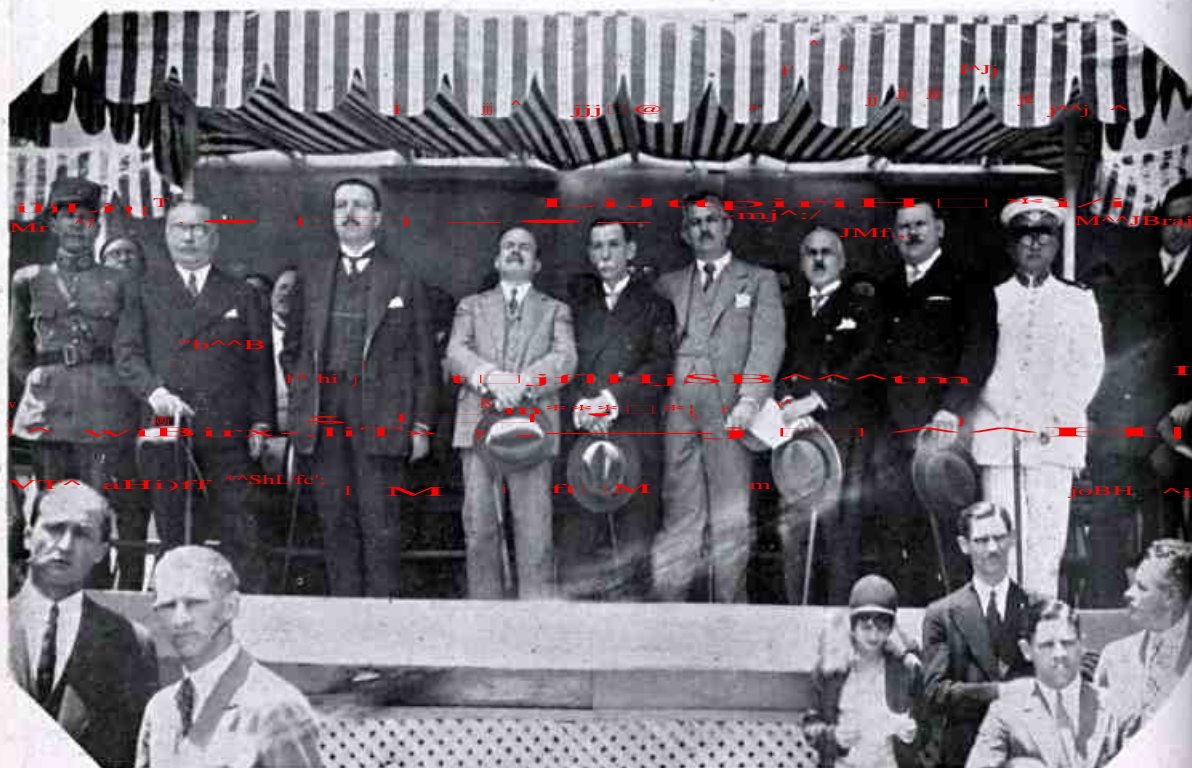
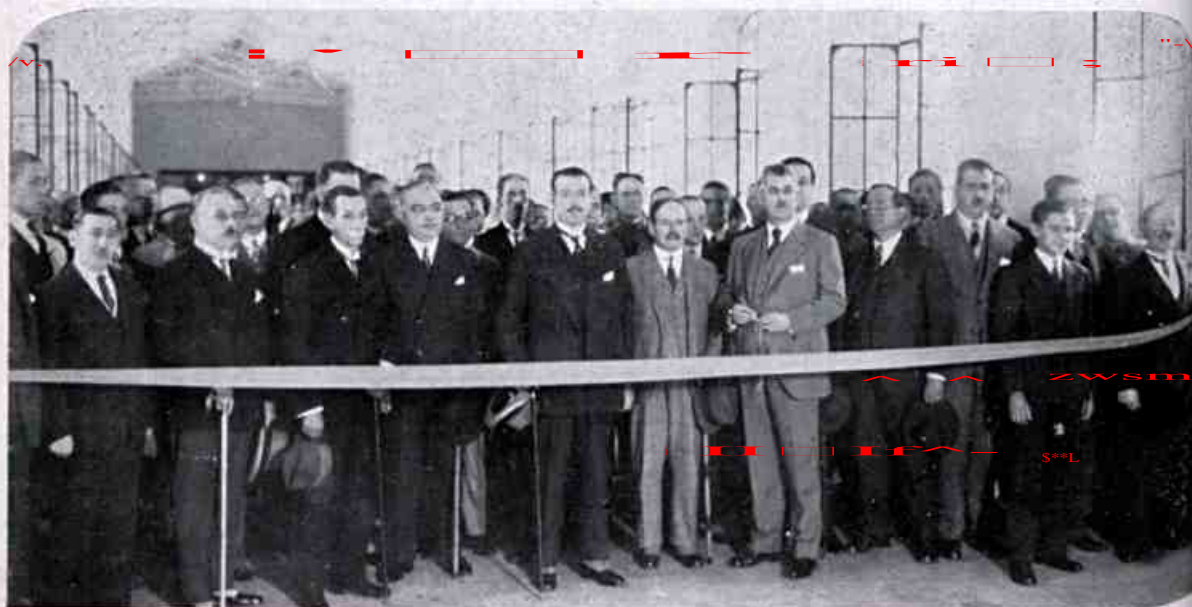
...

Uma cella daquelle presidio.

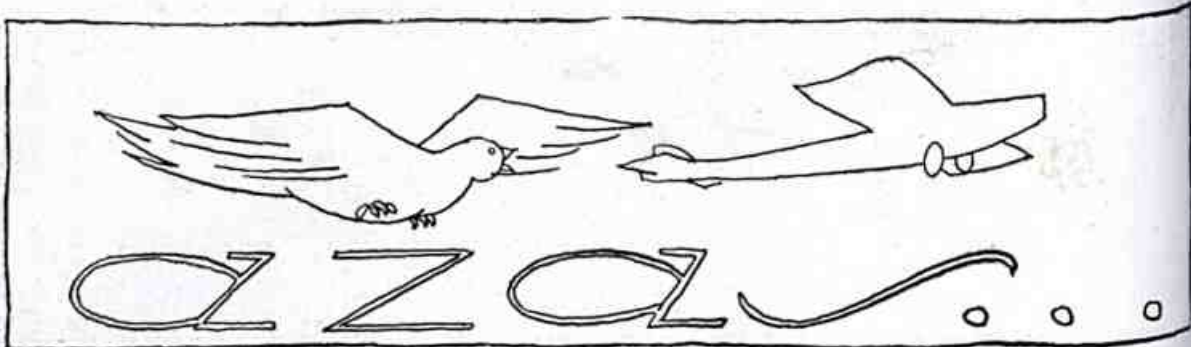
Penitenciaria de São Paulo. Centro de observações.

commettida- e reconduzem o homem á communhão social."

Procurando sempre, cada vez mais melhor adaptar o importante estabelecimento á alta finalidade de sua grande obra de regeneração social, o presidente Julio Prestes dotou-o de notavel melhoramento, fazendo inaugurar, em dezembro ultimo, o novo Pavilhão, de que a nossa reportagem photographica estampa varios aspectos.

Penitenciaria de São Paulo. Fabrica de calçados.

Grandeza e Progresso de São Paulo

A inauguração de um novo pavilhão no presidio de Carandirú - - - -

O presidente Julio Prestes assistindo, da tribuna official, á inauguração do terceiro pavilhão da Penitenciaria de São Paulo. A' direita de s. ex. estão o dr. Salles Junior, secretario da Justiça, e o coronel Joviniano Brandão, commandante geral da Força Publica; á esquerda, os srs. drs. Aguiar Whitaker, presidente da Camara dos Deputados; Elyseu Guilherme, presidente do Tribunal de Justiça; Franklin Piza, director da Penitenciaria; Oliveira de Barros, secretario da Viação e Obras Publicas; Fernando Costa, secretario da Agricultura; general Hastimphilo de Moura, commandante da 2.ª Região Militar, e Mario Bastos Cruz, chefe de Policia.

Outro aspecto da cerimonia inaugural do 3.º pavilhão da Penitenciaria de São Paulo.

A Penitenciaria de São Paulo, vista de aeroplano

VÔO DE ICARO

Um dia, distendendo as azas da minha Illusão, busquei, na terra maravilhosa, onde ostentavas a tua graça, o teu encanto, a tua belleza, fazer florescer o sonho de amor e de felicidade que teus olhos, falsos, de mulher haviam semeado e illuminado dentro do meu coração.

E, na vertigem da illusão louca, que me levava para ti, a terra, e o mar, e o céo, azul e infinito, — tudo me parecia pequeno demais para conter o infinito do meu amor.

Assim, porem, como me alcandorei julgando que eras tu que me elevavas ás alturas a que cheguei, quando era eu, quando era o meu sonho de amor que te elevava, elevava, para collocar-te, alto, muito alto, no céo purissimo da minha idealidade — um dia, com a mesma vertigem, como uma ave ferida, em pleno vôo, desci de novo ao recanto humilde e esquecido do meu soffrimento e da minha tristeza. E cheguei mais triste, mais só, mais abandonado e mais desilludido.

Eras uma illusão a mais que se desfazia, uma mulher como as outras que me offerecera, na taça vermelha de seus labios, na cocaina de um beijo, um momento de sonho e de encantamento.

Depois... Depois... ante os olhos descerrados e dolorosos, a realidade, a certeza de que eras uma linda e feitiça mentira...

* * *

INQUIETAÇÃO

Soffri muito. E, durante muito tempo, minha vida eu a vivi a tactear nas trevas da minha tristeza. Revolta, tortura, desespero — toda a inquietação de uma vivida e supportada, precisa ser continuadamente alimentada por um sonho.

E eu já não podia so

Os conhecidos artistas De los Rios, Henrique Salvio e De Pascale, autores do quadro dos pharmacolandos de 1929, examinando o «croquis» de seu trabalho

(Photo De los Rios)

* * *

alma — que teve a illusão de ter encontrado seu céo na terra, por um instante, para logo o perder — tudo me deu a impressão de que a vida, para ser nhar, já não podia distender e agitar, num longo rythmo de alegria e de esperança, de fé e de idealidade, as azas da minha illusão.

PAZ...

Busquei a natureza, seio generoso e fecun[do], acolhedor e amigo. o rio de leite da vida a virtude dos vinhos ros, escondidos nas gas millenarias das trenhas da terra.

Minha cabana é pittoresca e tica e, na paz serena tardes cortadas azas das andorinhas se recolhem, procuro quecer.

Sur les sommets
Tout repose, ...
Dans toutes les ...
[des ...
Tu sens
A peine un souffle;
Les petits oiseaux ...
[sent dans la ...
Attends un peu:
Tu reposeras aussi.

"Logo tu repousarás também..."

Mas, sinto que tu pitas e vives ainda angustia da minha dade. Desta saudade é também a minha interior. Desta saudade que me faz desejar momento um coração ra a minha cabana.

Une chaumière et un coeur...

Uma cabana e um coração — felicidade, tão de felicidade, de sempre que ... nhar...

E, noite já, as estrellas começam a traçar azul e infinito, em ... illuminadas, de ... eternos mandamentos vida: amar, soffrer, quecer, para aviar vo, de novo soffrer, vamente esquecer o grande repouso repos qui vient après les yeux sont fermés.

ICARO

O sr. Luiz Segreto, um dos directores da Empresa Paschoal Segreto, que acaba de regressar da Italia, onde passou longa temporada.

O sr. Gracino Esteves do Areial, commissario nesta praça, recentemente chegado de Vigo, sua terra natal, montando guarda aos vagões de café que lhe estão consignados.

O sr. Constantino Magdena, figura do nosso alto commercio, recebeu uma homenagem dos seus amigos por occasião de seu anniversario natalicio.

Mentira

QUANDO me falam de ti, affirmo, com um sorriso displicente a macular-me os labios, e com uma lagrima de fogo no coração, que já não sinto aquella extranha emoção de outr'ora, ao pisar as pedras por que passas, ao permanecer nos logares onde andas, ao ver-te, ao ouvir-te, ao falar-te... Mentira! Dolorosa mentira! Soffro mais com o sacrificio desse martyrio voluntario, do que com a suavissima verdade que me canta, triste e doce, dentro da alma.

Mas... é preciso occultar o meu segredo, que já vae ficando tão longo!...

Que queres? Para a humanidade, tão deshumana ás vezes, o amor nos faz ridiculos e tolos...

E quando eu não mais pudér dizer-te o quanto te amo, meu silencio, ainda mais eloquente, te dirá tudo o que eu não puder falar.

Podem mudar... eu serei sempre a mesma.

A ronda dos seculos póde passar longa e dolorosa, mas nunca mais da minha alma banirei tua lembrança, meu amor!

Podes esquecer-me... eu te lembrarei... eu serei sempre a mesma amorosa incorrigivel e torturada.

Mas... em meio ao meu longo martyrio, pedirei a Jesus que nunca te abandone como tu me abandonas...

Baroneza de Branccion

Duello Parlamentar

De B. G. ARRILI

A discussão daquella tarde, na Camara, não havia excedido em muito ao habitual. O sr. João Luna, deputado pela capital, teve uma breve, rapida, fugaz escaramuça com seu collega Pedro Urbal, de um dos Estados do norte. Este dissera-lhe sem duvida no calor da discussão, que Luna se parecia não se recordava com qual pensionista do Jardim Zoologico. João Luna respondeu, meio serio, meio trocista, perguntando si Pedro conhecia o Zoologico detidamente, e si não se lembrara de meditar deante de alguma de suas jaulas. O abordado respondeu com um insulto. Luna, então, observou á presidencia a necessidade em que estava de corrigir os mal educados, de accordo o regulamento. E nada mais. As cousas não passaram dahi...

Por isso mesmo, não foi pouca a surpresa do deputado João Luna, quando — acabava de jantar, em sua casa — lhe avisaram a presença de dois collegas que vinham falar-lhe *em nome do doutor Urbal*.

Recebeu-os em seu gabinete, amistosamente, ignorando as *regras* desses assumptos cavalheirescos.

Como seus collegas, padrinhos de Pedro Ur-bal, pertenciam a um partido politico adver-so ao de João Luna, este os conhecia pouco, e lhes manifestou sinceramente que se alegrava muito com aquella opportunidade que os appro-ximava.

Um dos padrinhos, um nortista moreno, ele-gante e recem-sahido das mãos do barbeiro, não parecia disposto a se desviar nem um centime-tro de sua alta qualidade de padrinho, e quan-do notou que João Luna gastava excessivo tem-po em cumprimentos, assignalou a conveniencia *de tratar do assumpto que os trouxéra ali*.

Para o deputado nortista a unica cousa que o sr. Luna tinha a fazer, depois de scientificado do objectivo daquella visita, era designar seus padrinhos para que com elles se entendessem *cavalheirescamente*.

— Creio — disse, então, o deputado Luna — que si ha aqui algum offendido, este sou eu, e não o senhor Urbal...

— Isso nós não podemos discutir com o senhor, precisamente, mas com seus representantes... — respondeu o nortista.

Gueldy
de Paris

Duello Parlamentar

(Continuação)

. . .

— Nosso afilhado... — disse o outro, que era deputado do sul.

— Mas si eu não quero designar quem me represente!... — cortou, sorrindo, João Luna.

— Isso é impossivel! — exclamaram os outros.

E ajuntaram, depois de uma pausa:

— A menos que o senhor queira dar-nos, por escripto, uma ampla satisfação...

— Como não?!... Dou-a quando quizerem...

— Então, agora mesmo...

— Bem. Agora, digam-me satisfação de que...

— Das offensas...

— E o senhor Urbal me dará a mim as satisfações do caso. Porque foi elle quem me insultou...

— Voltemos ao ponto de partida, meu senhor, e para isso... — disse o nortista.

— Designe seus padrinhos — observou seccamente o outro.

— Não. Prefiro escrever uma carta... Si querem esperar, demorarei uma meia hora apenas... Si não, a enviarei aonde me indiquem...

Os padrinhos se consultaram, e resolveram seguir para o club X, onde aguardariam, jogando uma partida a carta de Luna...

Quando deixaram a casa do deputado, iam muito satisfeitos, certos de ter cumprido perfeitamente sua espinhosa missão. Luna encerrou-se, então, em seu gabinete, e, sem pensar muito, de um folego, sem corrigir nem uma só syllaba, traçou o seguinte:

"*Senhor doutor Pedro Urbal.* — Acabam de sahir daqui os senhores Z. e J. Vieram pedir-me explicações em seu nome e de accordo com o Codigo de Honra. Sem essas explicações, me deram a entender que deviamos deixar o Codigo de lado e ir directamente ao campo do mesmo nome. Eu não estou, esta noite, em disposição de animo para pensar em duellos. E prefiro a explicação, que é a seguinte:

"Os annos que lhe levo de vantagem, ou desvantagem, me servem para notar que o senhor preferiria o duello. Um duello *vale muito* na provincia, e para o senhor é bonito ter um na capital. Eu sou da capital, e gente daqui sabe que os duellos não servem para nada, a não ser para enviar telegrammas aos Estados e *lavrar actas*, que serão publicadas nos *a pedidos* dos jornaes.

"Pessoalmente, e á parte a minha condição irrenunciavel de filho da capital, penso que o duello e o suicidio são cousas serias, graves, com as quaes não se deve brincar. Ao fazel-as, deve-se fazer de verdade. O senhor me offendeu a mim, eu o offendi ao senhor, de maneira tão grande que seja necessario morrer amanhã mesmo um dos dois? Parece-me excessivo. Quer um duello a pistola trocando duas balas a trinta metros? Eu não troco balas. Dou-as e recebo-as, conforme saiam, cara ou cruz, a velha moeda da sorte. Mas, neste caso, dos duellos para telegraphar á provincia, tem o senhor novecentas e noventa e nove probabilidades sobre mil de sahir illeso, e eu outras tantas. Não vale a pena!

"Como eu sou o offendido e não o senhor, o *Codigo* me autorizaria a escolher a arma. Eu manejo regularmente a pistola e o revolver. Como o pae de um amigo meu tinha casa de armas, quando eu era joven, brincava de atirar... Envio-lhe uns cartões nos quaes se assignalam meus ultimos *alvos*. Não são máos, como verá... Pois bem: eu não escolheria a pistola, porque na certa o senhor tombaria á minha arma... E eu teria remorsos a vida inteira de ter occasionado um dia de luto em sua formosa provincia!... Seria outro excesso!...

"Na verdade, não creio que seja necessario eliminal-o do numero dos vivos. Como o disse na Camara, esta tarde, creio que seja bastante applicar o regulamento nos casos em que, como hoje, demonstre o senhor sua pouca pratica parlamentar, ou sua falta de costume de conversar ou discutir com cidadãos. A cidadania que o senhor suppõe ter adquirido pelo só facto de completar dezoito annos de idade, é condição do *cidadão*, isto é, do habitante da cidade. Na cidade sobram, pezam, cansam os habitos ruraes. Como se caminha mal com botas altas pela Avenida!... Não digo nada de mais. Só lhe saliento sua condição moral e sua conveniencia de *cidadanizar-se*. *Cidadanize-se!* Verá como não precisará insultar-me na Camara nem fóra della.

"No mais, creio inutil observar ao senhor que eu não me bato sinão por cousas muito graves e irreparaveis, das quaes apenas se póde encontrar uma ou duas nesta vida. Felizmente, nem o senhor nem eu, nem eu nem o senhor, podemos nos offender de maneira que se faça impensavel a eliminação de um de nós.

"Cumpro com o dever de communicar-lhe que immediatamente depois que o senhor me [illegible] que rectificou sua opinião a meu respeito, eu pedirei ao presidente da Camara que o [illegible] que não lhe applique o regulamento por esta vez, e até lhe direi que o senhor me prometteu portar-se bem no futuro.

"Seu attento, S. S. — *João Luna*."

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

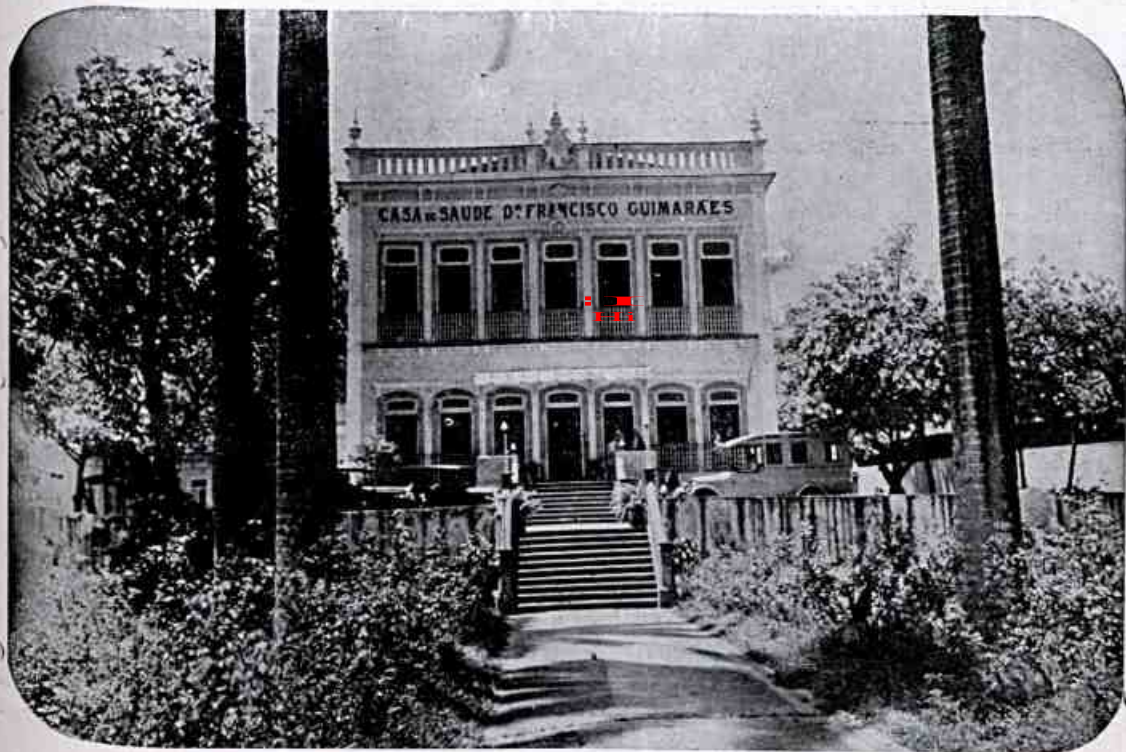
Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil.—5, rua Alcino Guanabara,—5, Tel. C. 2431

RIO DE JANEIRO

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO ,151
Telephone 3957 Villa

DIARIAS DESDE 15$000

Duello Parlamentar

(Continuação)

. . .

A carta, nem é preciso dizel-o, causou um escandalo. O deputado João Luna recebeu, logo ao amanhecer, seis padrinhos: dois por parte do deputado Pedro Urbal e dois por cada um de seus primitivos representantes, que se deram por offendidos, considerando-se burlados...

E como, segundo se sabe, esses assumptos de honra se complicam muito, e João Luna insistiu em não designar quem o representasse, e ainda aggravou mais as cousas publicando a carta em um jornal amigo, se falou em *desqualifical-o*.

A *desqualificação* cavalheiresca se parece muito com a ex-communhão da Egreja, e mette o mesmo medo. Mas o deputado João Luna sorriu. Era homem amigo das pilherias. Offereceu gentilmente uma carta a cada um dos novos padrinhos, mas estes tomaram a bôa resolução de negar-se a recebel-as. Queriam ir ao *terreno*, que era, afinal, o *campo* onde se poderia lavar sufficientemente a honra manchada...

E naquella famosa tarde, quando o caso de João Luna e Pedro Urbal se complicava ainda mais, se ouviu um tiro no Salão dos Pass
Perdidos...

Luna viu a dez passos seu rival — aquell
que insistia em ser seu rival — e sem lhe d
tempo a respirar, lhe disse:

— Permitta-me que lhe mostre uma cous
Olhe aquella lapiseira...

A vinte metros, sobre uma secretária, cr
vada no limpa-pennas de metal, se distingui
cabo branco de uma lapiseira de osso. O

Quando viu Luna que Pedro fixava seu olh
no ponto assignalado, soou o estampido e a la-
piseira saltou de seu logar, dividida em tr
pedaços...

Na mesma noite se reuniu um Tribunal d
Honra. No dia seguinte foi publica a sentenç
do mesmo. As offensas do deputado Pedro U
bal, na Camara, é as offensas do deputado Jo
Luna, em sua carta, foram comparadas. A re-
ciprocidade nas offensas modificava tudo e d
por findo o incidente... Não havia duello ne
duellos. Não se desqualificava ninguem... T
ficava em paz...

Poz-se uma lapiseira nova na secretária q
estava no Salão dos Passos Perdidos...

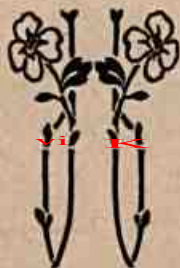
E oito dias depois ninguem se lembrava d
caso, ao ponto de aquella historia passar á ca-
tegoria de conto...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Tres virtudes reconheço
Num só producto de escol:
Pureza, perfume e preço
No sabonete E U C A L O L.

Mariasinha

Rua Sorocaba 39 — Bota

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

ESTRELLA DITOSA

Da Fox

Cinema PALACIO — Estamos em presença d'um d'aquelles delicados themas com que a Fox sabe cercar a figura delicada de Janet Gayonor, em que ha sempre uma certa meiguice, alliada a umas attitudes quasi infantis, ou melhor diriamos innocentes. N'este trabalho, como nos anteriores, a formosa estrella da Fox é, por egual, encantadora de feminilidade, mas exteriorisa intensidade dramatica, que emociona. O filme é bom como ideia, e bom como realização. Como ideia tem pedaços de vida na dôr e na alegria que exteriorisa; como realização é lastima, apenas, que assente na guerra, ainda que passageiramente, o ponto de apoio do desenvolvimento da acção. A technica é impeccavel e o filme agradou plenamente.

Cotação — BOM

RIO DE ROMANCE

Da Paramount

Cinema CAPITOLIO — Epoca de pleno romantismo, com a delicadesa do ambiente proprio e a graça de uma endumentaria rigorosa. D'ahi logico agrade. O enredo tem muita ingenuidade e, por vezes, ao em vez de nos commover, faz-nos sorrir. Mas não ha que estranhar n'esse facto. Ha antes que admirar, por isso que o ambiente moral da sociedade d'esse tempo era esse mesmo. Para interpretar filmes d'essa época e d'esse meio social, é preciso, antes de mais nada, nos seus interpretes muita mocidade. E quando dizemos mocidade, queremos dizer vida, sinceridade, belleza. Charles Rogers e Mary Brian, com quanto não sejam celebridades, vencem em absoluto as difficuldades que se lhe apresentavam na acção. Direcção e technica boas.

Cotação — BOM

NOIVA, AMANTE OU ESPOSA?

Da Ufa

Cinema RIALTO — Conhecem aquella velhissima mas sempre divertida comedia dos nossos avós, *Maridos de Leontina?* Pois ahi a teem em filme modernizada pela Ufa, com uma apresentação que muito valoriza o antigo original.

E' ainda e sempre uma comedia alegre. Dentro d'este criterio, não nos escusamos a dar-lhe uma boa classificação, porque isto de classificação não depende de generalidades. E' tudo relativo.

Cotação — BOM

Como cuidam de sua cutis as "estrellas" do cinema

Toda artista de cinema é vivaz. Ella sabe que em seu rosto está a sua fortuna. E isto é assim para todas as mulheres, actrizes ou não, pois, em egualdade de condições, tem mais probabilidades de obter ou conservar um emprego aquella que offerece um aspecto mais attrahente. Não ha chefe que não comprehenda que os seus escriptorios resultam de melhor apparencia se a secretária é uma joven attrahente e sympathica. E, para que uma mulher resulte assim, não ha mistér de outra cousa para que inspirar-se no exemplo que lhe brindam as grandes actrizes da tela applicando em sua cutis, todas as noites, antes de deitar-se, Cera Mercolized, substancia que é encontrada em qualquer pharmacia e que faz com que a tez envelhecida vá sendo gradualmente substituida pela cutis nova e encantadora que toda a mulher possue logo abaixo da velha e gasta cuticula exterior. Seguindo este processo, toda a mulher rejuvenesce em poucos dias.

Nordeste, Meu Brasil !

NESTE recanto abençoado, de inegualavel belleza, do littoral de minha terra, tendo deante dos olhos este incomparavel mar nortista, sempre verde e inquieto, scintillando ao sol numa faiscação de luz ardente e estonteante, onde se destacam jangadas de velas brancas como hostias, cheias de vento, a fugirem velozes em direcção ao alto, umas, ou regressando á terra, outras ouvindo o musicado ciciar das folhas dos coqueiros alterosos e o concerto incomparavel de milhares de pasaros bem nossos, ergo as mãos para o céu, e, immovel, absorto, fascinado por tudo que me cerca, agradeço ao Todo Poderoso a suprema ventura que me proporcionou de, mais uma vez, passar o Natal do Menino Jesús entre os meus, nestas paragens cheias de brasilidade, de um Brasil unido e bem nosso, simples e bom, sem cousas de outros povos, nem mesmo desse cuja lingua herdamos e não falamos mais porque o nosso linguajar é já outro, cheio de vida, sonoro, poetico...

Orgulhe-se quem quizer de viver recordando, imitando e cantando as cousas dessa gente. Eu, não!

Prefiro o que é nosso, dos nossos cabôclos que, si não sabem cantar fados, sabem dizer com voz dolente, ao son da viola, ao terno embalo da rêde, trovas como estas:

Quem canta allivia as penas.
Ah! si eu podesse cantar.
Como canta o verdelinho
Nas ribanceiras do mar!

Nunca o luar sobre os lagos
Simples vestigio deixou.
E eu tenho n'alma uns estragos
De uma sombra que passou...

Vou vivendo a minha vida,
Como Deus quer e consente;
Sou como a folha cahida,
Levada pela corrente...

JÁDER DE CARVALHO

(Praia de Tambahú — Parahyba.)

OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horriveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. E' um remedio muito simples e tão agradavel como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o liquido obtido, empregando uma esponja ou um panno macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram o seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desappareceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento, por simples deve ser repetido umas quantas vezes, a intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

A senhora que frequenta a sociedade
embelleza sua pelle com Pears

BOLAS PARA TOILETTE

Feitas do sabão transparente original e moldadas para caber na mão. São sabonetes extremamente refrescantes e proprios para climas quentes.

Em tres tamanhos.

PB/19/8

SABONETE PERFUMADO TRANSPARENTE

Em fórma oval. Perfeitamente concentrado e de longa duração. Seu perfume é deliciosamente refrescante. Muito usado em climas quentes.

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

VIN DÉSILES

RECONSTITUINTE
DEPURATIVO
REGULADOR
APPERITIVO
DIGESTIVO
TONICO

CONVEM A TODOS OS ENFRAQUECIDOS

SOCIETÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

Topazio e Esmeralda

De MATHILDE V. PALACIOS

CERTA formosa joven princeza gostava immenso de colleccionar pedras preciosas. Seu pae, o rei, amava com grande ternura sua filha unica e satisfazia a quanto capricho tivesse ella, desde que não fosse o de casar com o filho de outro rei a quem odiava de morte. Mas, em geral, nos seduz justamente o que nos é prohibido. Topázio era um principe de cabellos de ouro e belleza singular. Valente e elegante, soube conquistar o amor de Esmeralda. Numerosos guardas seguiam com o olhar a joven, quando esta sahia aos jardins. Fôra-lhe terminantemente prohibido afastar-se do castello sem suas damas de companhia. Não obstante, Topázio tinha pessoas suas dentro do palacio, e por ellas tinha conhecimento de quanto pudesse interessal-o.

Um dia, chegou-se até á nobre dama um pagenzinho, e, com cara adusta, para não levantar suspeitas aos que a guardavam, disse á princeza:

— Alteza, aqui tendes a rosa que me havieis encarregado de certar...

Como isso não era verdade, a princeza comprehendeu que alguma mysteriosa mensagem trazia aquella flor. E quando estava a sós, ao aspirar o perfume da rosa, viram seus olhos, entre as petalas, um annel com pedras reluzentes: uma esmeralda e um topázio, engastados um ao lado do outro.

"E' delle... — pensou.— E' Topázio, meu querido..." E collocou o annel no dedo. Mas, como poderia ostentar essa joia amada sem que seu pae pudesse observal-a? Impossivel! Então, resolveu guardal-a num cofrezinho occulto numa caixa mettida na parede de sua alcova, logar onde só penetravam suas damas de companhia. De quando em quando o via ás furtadellas e sonhava era poder, algum dia, ostental-o sem receio...

Uma noite, adormeceu a princeza pensando em seu idolatrado principe, que rondava os arredores do castello somente para ter alguma noticia de sua doce amada. E sonhou algo fantastico. Ella era a pedra verde. Elle, a pedra amarella. E mantiveram um dialogo muito longo, no qual se disseram:

— Este será nosso ninho de amor, Topázio. E' pequeno, sem luz, mas, que importa isso, si estou a teu lado?

— Juntos viveremos assim estreitamente unidos, e ninguem poderá separar-nos. Seguiremos os caminhos da vida com fé. Chegará o dia em que não encontraremos obstaculos.

— Dize-me, Topázio: onde estiveste antes de vires para junto de mim?

— Nas mãos de um velho joalheiro especulador.

Como te tratavam?

— Muito mal. Por muito tempo me vi rodeado de gentalha.

Assim?

— Diamantes de escassa luz rodearam-me, emquanto estive em poder de uma dama mysteriosa...

— Tiveste algum amor?

— Como haveria de tel-o, si nunca pude approximar-me de alguma cousa que tivesse valor. Sempre estive engastado em companhia de pedras horriveis e defeituosas. Meus peores inimigos foram os brilhantes. Tanta importancia e, afinal, alguns delles são das peores aguas e estão carregados de carvão!...

— Depois, quem foi teu dono?

— Outro joalheiro, que tinha bom gosto e me comprou, com outras joias, no Monte Soccorro. Tiraram-me aquelle engaste de ouro e passei a outro mais artistico. Mas, oh!, quanto soffri igualmente!... Achava-me em meu estojo de velludo, bem abrigadinho, recebendo os raios do sol que chegavam até a vitrina, quando, uma manhã, o olhar penetrante de certa velha horrivel, mas com presumpções de moça, se cravou em mim. Que horror! Eu, naquelles dedos descarnados e ossudos! Assim passei tres annos, até que, felizmente, uma noite, me deixaram esquecido em um joalheiro de crystal. Os ladrões entraram e me roubaram.

— Que susto!

— Não creias. Venderam-me immediatamente a um homem esquisito, que desfez o annel e me levou, com outros topázios, a uma joalheria importante. Ali me adornaram com um esplendido engaste, que um individuo grande adquiriu para obsequiar uma formosa artista... Quanta tragedia houve na vida daquella pobre mulher! Estive tão perto de seus bellos olhos, quando ella enxugava as amargas lagrimas que lhe corriam pelas faces! Abandonada, ella vendeu tudo quanto tinha... Chegou a minha vez, e eu tive que supportar momentos terriveis mettido em uma caixa de ferro, onde o antiquario me guardou com outras joias sujas e falsas. Rodei muito, minha amada. Mas, com fé e esperança, resignado sempre. E, de um dia para outro, me vi em meio de reluzente pedraria... Longa foi a jornada! Mas que importa tudo o que soffri, si hoje estou perto de ti, formosa companheira, por determinação de um principe apaixonado? E a ti, como te tratou a vida?

— Bem vês. Melhor é impossivel. Esta é minha primeira sahida ao mundo depois de estar nas entranhas da terra. Os mineiros tiraram-me, poliram-me. Depois, fui directamente a teu mesmo dono, e aqui estou, feliz a teu lado, certa de que a princeza jamais se desprenderá de nós. Estaremos occultos aos olhos do mundo... Si a princeza morresse... melhor ainda!...

— Oh! O amor faria com que ella nos levasse comsigo.

— E' claro.

— Quem poderá, então, descobrir-nos?

— Ninguém, meu caro Topázio.

— A vida, separados, que belleza teria para nós! Nenhuma. Seria como andar pelo mundo sem luz, sem guia. Para mim representas tudo isso. E's tão formosa como teus reflexos da côr do mar, esplendorosos e bellos, porque E's a esperança. Por... Esse alentas para viver, estojo, que é nosso ninho, me parece grandioso, celestial. Tudo é sublime, magnifico, soberbo, porque te tenho a meu lado, minha preciosa amada.

— Doces palavras as tuas. Ellas chegam até meu coração apaixonado. Mas... precisas, porventura, invejar minha belleza? E's dourado como o sol... E fulguras, e és cobiçado! No emtanto, quantas imitações têm desafiado!...

— Nada importa isso. O verdadeiro brilhará sempre. O contrario occorre com tudo o que é falso. A apparencia poderá ser igual, mas breve o real valor resaltará aos olhos do mundo.

E aconteceu que, depois de morrer o rei, Esmeralda se casou com Topázio. No dia do casamento, a princeza adornou com o annel de duas pedras, e este nunca se separou da apaixonada.

Como medida de precaução, ambos fizeram construir duas tumbas de pedra, uma ao lado da outra.

Quando morreu de velhice a princeza, em pouco a seguiu o principe, e assim continuaram, como sempre, ao lado do outro... vida.

E o Topázio e a Esmeralda asseguraram dessa fórma sua união para toda a eternidade no dedo da princeza, brilhando como brilharão as almas bôas que souberam querer-se e soffrer para conquistar um verdadeiro amor, como Esmeralda e Topázio, os principes a quem tão profundo affecto uniu.

ESPÍRITO ALHEIO

A esposa do marinheiro. — Estás com medo de cahir? Pensei que os marinheiros estavam acostumados ás alturas.
O marinheiro. — Mas é que te esqueces, querida, de que sempre servi em um submarino.

PESADELO

O sonho de um homem que andou no trenzinho do parque de diversões...

O patrão. — Não sabe o senhor que é terminantemente prohibido fumar emquanto se está trabalhando?
O operario. — Mas, si eu não estou trabalhando...

— Sabes ler e escrever?
— Ora, eu sou até bacharel!
— Mas não é isso que eu pergunto. Quero que me digas si sabes ler e escrever...

Resultados do esquecimento de cerrar a cortina da vitrina, emquanto está sendo arrumada...

N O I T E

De Alberto Pinetta

ELLE se poz a andar. A rua era sombria como sua historia. A historia que ninguem poderia contar: um retalho de tempo cheio de palavras inuteis e gestos intranquillos, escapado do plano espectacular que têm todas as historias.

Pois bem. Nesse momento, a rua accendeu ao longo de seu manto de asphalto, humido pela chuva, seu brilhante rosario de contas electricas. Um vento gelado soprou entre os cubos de cimento, varrendo as sombras que dormiam nos portaes. Foi então que o transeunte sem nome, e com uma legenda inexplicavel, sentiu em suas palpebras o peso da noite, annunciada nos letreiros phantasticos das torres.

Com aquella carga de dias sem sorte continuou andando. O passo era cansado e penoso como daquelle que sabe que não vae a logar algum. As sombras debruçadas ao longo das muralhas, em vez de fugir, o rodeavam, dançavam em torno delle e o punham de repente deante dos rectangulos negros das entradas blindadas.

Emquanto atravessava a rua, sob as luzes, parecia deixar uma oração desconhecida em cada ponto do brilhante rosario de contas electricas.

•

MUITAS vezes havia começado já, sem terminar, uma phrase de recordação: *Quando eu era menino...* Mas a rua avançava bruscamente, sem estrépito, sua violenta scenographia de cimento, parapetando com seus muros opacos aquella luminosa paizagem de côr.

Quando era menino... Ora! Por que recordar um retalho de passado quando a noite pesa sobre as palpebras?

O manto de asphalto alargava no fundo negro suas pupillas de crystal. Outras sombras de perfis perdidos para seu cansaço cruzaram com elle. Mas elle não olhou ninguem.

Um relogio invisivel deixou cahir sobre a cidade uma pausa de bronze. A corrente do rio de asphalto arrastou-a em seu leito de cousas inuteis.

Um pensamento de descanso brincava na noite, em redor delle, pondo-lhe obstaculos de instantes perdidos no trabalho de andar outros caminhos. Torceu por uma rua mais velha. A sombra descobria letreiros e rectangulos de portas abertas atravessando as calçadas.

Um letreiro avançou do fundo: *Hotel.*

Seu index apertou no botão electrico da campainha. Ao subir a pesada escada de madeira, sentiu como a noite se apoiava ainda mais em suas costas. A porta se abriu com um ruido, descobrindo uma sombra. Um cheiro de humidade sahia para a rua.

— Chega bem o senhor... Ha cinco camas... Póde escolher...

O cheiro de humidade voltava novamente de fóra. A porta fechou-se com estrépito. Deante da pequena mesa, na sala escura, o homem da hospedaria continuava sendo uma sombra densa. Accendeu uma vela e se poz a andar. Outra sombra o seguiu.

Atravessaram um corredor. Os rectangulos negros das portas se succediam. Na parede, duas sombras se juntaram e se afastaram rapidamente, como si houvesse chocado sem ruido. Afinal se detiveram.

O homem que vinha de fóra esperou um instante deante da porta. Emquanto accendia a luz do aposento, o outro explicava:

— Ainda não chegou ninguem. As cinco camas estão vazias... Póde escolher... Si tem dinheiro? Não? Bem...

— Ah! — continuava a voz, quebrando o silencio da noite profunda do corredor. — Si quer levantar-se cêdo, avise. Quando se deitar, apague a luz... Até amanhã.

O mesmo vento impregnado de humidade parecia leval-o. Os passos se afastaram batendo o som escuro dos recantos.

O homem que vinha de fóra ficou ainda de vi... Quiz pensar ainda: *quando eu era menino...*, viu de novo a rua com seu rosario de contas electricas, correndo sobre aquella luminosa recordação sua scenographia de muros opacos.

A noite vinha tambem de fóra no pesado rodar das ultimas machinas, nos passos tardios... Atravessando o corredor sinistro, detinha-se um instante na porta e entrava cobrindo todos os objectos.

A noite estava em toda a casa.

•

DORMIA. De repente julgou despertar-se. A porta abria-se de novo na sombra. A luzinha inquieta e moribunda da vela entrava pestanejando. A voz luz violenta do aposento matou-a. A mesma voz antes fallava.

— A's oito horas? Muito bem... Antes de deitar-se apague a luz... Até amanhã.

Sob as palpebras semicerradas extendeu seu olhar

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Secretario:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4136

Caixa Postal 91

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

N O I T E

(*Conclusão*)

. . .

empoeirado de somno: outra figura suja indefinida havia chegado da rua, como que varrida do manto gelado do asphalto por um vento de cansaço e de noite. O homem que estava de pé volveu lentamente a cabeça. A luz da solitaria e friolenta lamparina deixou cahir um pó de cinza sobre o rosto ensombrecido. No centro dos concavos profundos, onde havia signaes de caminhos perdidos, o mesmo pó de cinza se tornava mais brilhante, sahindo da sombra em dois pontos allucinados e fixos.

O homem que estava no leito, amortalhado entre os lençóes frios e asperos do quarto de hotel, sentiu-se menor deante dos olhos anoitecidos. Os dois pontos brilhantes continuavam ainda cravados em seu rosto.

Com um movimento brusco, nervoso, cobriu a cara com um braço. E não viu mais. O outro parecia não mover-se.

O silencio estirava-se como uma fita de angustia. Depois, através de uma cortina de somno, sentiu o rumor e uns passos lentos e pesados sobre o assoalho. A porta do quarto abriu-se. Os passos detiveram-se quasi alli mesmo, no corredor... Ouviu-se o barulho opaco de duas mãos que se juntam com violencia, uma, duas, tres vezes... Uma voz de megaphone acompanhava os golpes:

— Sereno! Sereno!...

O silencio voltava. Fazia-se minusculo sob as abobadas adormecidas do éco. Fugiu de novo: outros passos voltavam do corredor e outra voz perguntava:

— Que ha?

— Que ha? — respondia a voz do que estava no corredor. — Entre no quarto e verá o que ha...

Os passos batiam agora no aposento.

— Bem... E...?

— Que! Não vê nada?

— Eu? O senhor está louco?

— Como! Não vê a noite?

— Quá! quá! quá!... O senhor está louco! A noite está em toda a casa...

— Não A *noite* chega a toda a casa... Mas a noite está aqui!

O homem que estava como que amortalhado entre os lençóes frios e ásperos do quarto de hotel abriu novamente os olhos.

A sombra dos concavos profundos lhe assignala...

— Ahi! Ahi está a noite!...

— Quá! quá! quá! — ria o sereno — E que fa... remos?

— Vamos expulsal-a daqui!

O homem que estava no leito sentiu-se levantado... em peso. Ainda estava amortalhado por um do... lençóes.

— Fóra! Fóra! — diziam as vozes.

Já no corredor, os braços o içaram mais alto. Depois, como si deixasse algo em cima se sol... cahir na sombra...

*

Entre as paredes sujas do aposento se elevou cor... tando o silencio o punhal azul de um grito. Sabi... dentre os lençóes frios, onde dormia aquelle homem. Ergueu-se sobresaltado sobre o leito.

No centro do quarto continuava ainda de pé a fi... gura sombria que havia chegado da rua... A luz d... solitaria e friolenta lamparina derramava ainda seu fino pó de cinza. Amanhecia...

O que nem todos sabem

O calçado é um grande propagador de microbios. Si em uma sala tapetada, onde haja bastante gente, entram, por exemplo, seis pessoas com barro nos sapatos, é quasi certo que seja atacado de grippe, em tempo de epidemia, qualquer dos presentes. Quando a grippe começa a atacar os empregados de um escriptorio, é porque o primeiro que a soffreu trouxe os germens nos sapatos.

*

O cerebro dos idiotas tem a metade e, ás vezes, a quarta parte do peso do cerebro normal.

*

Foram, ultimamente descobertos, nos archivos do palacio real de Stockholmo, os livros de uma agencia de correio, que funccionava em 1698.

Esses livros encerram dados interessantissimos sobre o serviço postal da Suecia em época tão remota.

Não havendo, então, sellos, as cartas eram p e s a d a s e o porte pago segundo o seu peso.

As cartas para o estrangeiro eram enviadas para o sul da Suecia e de lá reexpedidas, duas vezes por semana.

Apesar da modestia dessa organização a correspondencia era numerosa, pois os livros em questão registravam, naquelle anno, a remessa de 30.000 cartas da Suecia para o estrangeiro.

*

Pelo aperto de mão se póde conhecer o caracter de uma pessôa. Si seu dedo polegar se inclina bastante para traz, significa que se trata de pessôa generosa e prodiga. Pois bem: quando essa inclinação se exaggera ao ponto de o dedo parecer derribado, indica um temperamento terrivel. Seu dono é capaz de perder até o sentido moral para satisfazer ás suas aspirações.

*

Um numeroso grupo de joalheiros francezes e hollandezes foi incumbido, recentemente, de avaliar o thesouro do Shah da Persia.

Segundo esses technicos, as joias de arte, pertencentes ao Shah Pahlan, valem 1 milhão e 428 mil contos de réis.

O throno, prodigioso obra de riqueza e de arte, herdado do Grão Mogol de Delhi, representa ... mil contos de réis.

Não foi incluido na avaliação total o famoso diamante Dariá-noor, que, pelo seu enorme peso e maravilhosa b e l l e z a, escapa a qualquer estimativa.

Em todas as idades
HORMOCALCIO
GRANADO & Cª
FORÇA
ENERGIA
SAUDE
COM O USO DO
HORMOCALCIO
"GRANADO"
PODEROSO RECALCIFICANTE
TUBERCULOSE · CONSOLIDAÇÃO DE FRACTURAS · RACHITISMO
LYMPHATISMO
ETC.

HINDS CREAM

Como e porque escreveu Dumas "O conde de Monte Christo"

As origens da grande novella

ALEXANDRE DUMAS, autor da novella universamente conhecida *O conde de Monte Christo*, costumava dizer: "E'-me impossivel escrever uma novella ou um drama sobre um logar que não conheço."

Para a trama e a descripção dos personagens, seguiu elle a mesma norma, pois os copiava da vida real. Nesse terreno se parecia com sir Walter Scott, cuja maneira de trabalhar admirava e imitava o insigne novellista francez. Daquelle seu mestre tomou Dumas a idéa de escrever as novellas historicas, fazendo para a França o que o autor de *Kenilworth* e de *Boy-Roy* fizéra para a Escossia.

Já Dumas havia conquistado um alto posto na literatura franceza e conseguira o favor de seu publico, quando fez uma viagem de recreio a Florencia, no anno de 1842, onde se encontrou com Jeronymo Bonaparte, que aguardava, na cidade italiana, a chegada de seu sobrinho o primeiro Napoleão. O rapaz estava ansioso para ver alguma cousa da Italia e das ilhas do Mediterraneo.

Os principes Francezes pediram ao notavel escriptor que os acompanhasse, attendendo-os promptamente Dumas e indicando a idéa da conveniencia de uma visita á ilha de Elba, de tantas recordações para a familia Bonaparte, e que não deixaria de interessar ao joven sobrinho de Napoleão I.

Chegando ao porto de Liorna, viram que não havia embarcação alguma que zarpasse para Elba; mas decididos a ir á ilha e animados por seu espirito aventureiro, determinaram navegar as sessenta milhas que os separavam de seu destino em um bote a remos no qual puzeram uma vela improvisada no momento.

Uma tormenta os surprehendeu no caminho e milagrosamente conseguiram escapar de suas furias, logrando, por fim, chegar sãos e salvos á ilha de Elba.

Um dia, percorrendo-a e visitando os logares associados com o desterrado imperador, viram uma immensa roca, uma ilhota que se erguia a cerca de seiscentos metros acima do nivel do mar. O guia que levavam lhes disse que valia a pena visital-a, pois se podia passar um bello dia caçando cabras montezes, que as havia em grande quantidade na roca.

— Não é desagradavel — disse Jeronymo Bonaparte. — Como se chama essa ilha?

— A ilha de Monte Christo, senhor — respondeu o guia.

Foi quando Dumas ouviu pela primeira vez o nome que havia de ir para sempre unido ao seu.

Não perderam tempo em alugar um bote que os levasse a uma ilhota, onde não puderam desembarcar por certas disposições de sanidade que punham de quarentena todas as embarcações que tocavam em ilhas desertas. Mas Dumas insistiu em dar a volta em torno da granitica mole que tanto attrahira a attenção do novellista. O principe protestou e perguntou-lhe por que razão havia de dar semelhante volta inutilmente, ao que Dumas respondeu:

— Porque penso escrever uma novella que terá o titulo desta ilhota, como recordação da viagem que tive o prazer de fazer com S. A.

— Assim seja — respondeu o joven Napoleão, e não deixe de enviar-me um exemplar.

A novella sahiu á luz da publicação antes mesmo do que esperava o proprio autor.

Pouco depois de regressar a sua casa em França, recebeu uma carta de seu editor, supplicando-lhe escrevesse com urgencia uma novella que eclipsasse em popularidade a famosa de Eugenio Sue, *Os mysterios de Paris*.

Dumas, ao procurar assumpto para sua novella, percorreu os archivos da policia de França, lendo causas celebres, crimes que haviam ficado impunes, et., e, ao ler uma de suas paginas, deu com o incidente chamado *A vingança do diamante*.

Apropriou-se daquella idéa e creou como protagonista o personagem Edmundo Dantés, conde de Monte Christo.

"Marselha", a ultima parte escripta por Dumas, foi a que collocou a primeira ao publicar-se a novella, seguindo a esta *Roma* e *Paris*.

Na segunda parte e na terceira, o conde relata a trahição que lhe fizeram seus companheiros e que foi causa de sua prisão no castello.

Antes de começar a escrever sua obra, o autor fez outra viagem á ilha de Monte Christo, e, depois de exploral-a detidamente, visitou o castello de Ife a proxima cidade de Marselha.

O novellista, habituado a descrever personagens em suas novellas, tomados de outros reaes, fez que muitos acreditassem que o sabio e mysterioso abbade Faria, que indicou a Edmundo Dantés o segredo do thesouro, e cuja morte serviu para que este se evadisse de sua prisão, fosse um personagem verdadeiro.

Era, segundo crença geral, um sacerdote portuguez desse mesmo nome que viveu em Roma, em Lisboa e em Paris. Mais adeante foi um dos primeiros propagandistas e crentes do magnetismo ou mesmerismo. Teve muitos partidarios nos circulos elegantes de Paris e, quando teve que se retirar esmagado pelo rediculo que delle e de suas idéas se fazia na imprensa e no theatro, escreveu um livro intitulado "Sonho lucido", hoje muito raro e muito procurado pelos collecionadores.

Com os primeiros productos de sua novella "O conde de Monte Christo", poude Dumas satisfazer um de seus grandes desejos — o de edificar uma casa de campo. Mandou construil-a perto de Saint Germain, ás margens do rio Sena. Os amigos do escriptor deram a essa vivenda o nome de "Monte Christo."

O luxo e as extravagancias do edificio justificam seu nome.

No exterior da quinta havia um salão cheio de medalhões com os bustos dos autores predilectos de Dumas.

Um dia, um amigo que foi visital-o, perguntou-lhe:

— Como é que você, Dumas, não figura entre estes?

— Quem, eu? — replicou o novellista. — Eu figuro dentro.

Ali havia um castello em miniatura, feito com pedra, levantado em meio de uma ilha artificial. Em cada pedra se via escripto, em letras vermelhas, o titulo de uma novella de Dumas.

Como sua casa estava constantemente cheia de literatos, amigos e curiosos, que gozavam da sua ampla hospitalidade, Dumas se refugiou no pequeno castello, cujo mobiliario se compunha de uma mesa e uma cadeira, e ali se occupava em escrever novas novellas, com cujos titulos ia enchendo as pedras de sua fortaleza em miniatura.

A FAZENDA

Atrevésso o rio, a crôa,
Um póco adiente a lagôa...
Um cercado, uma vazante...
Oiço uns capotes cantando,
E alguem batendo, pizando,
Num pilão, póco distante...

No alto, o pateo bem certo,
De matapasto coberto,
Deixa qui eu possa avistá
A casa caiada, grande,
Da fazenda dos Farnande
Qui o póvo chama o "Juá"..

Oi de casa!... (vou dizendo)
E iscúto alguem respondendo:
"Oi de fóra... "Desapei!...
Antonce logo im siguida,
Do ruzio "Salva-Vida"
No grande alpende pulei...

.. ..

Agóra me concedei
Licença, móde eu contá,
O qui foi qui observei
Na fazenda do Juá:
O mez de junho corria,
E o inverno já findava,
De dia o sol iscaudava
E as madrugada érun fria...

De manhã, máu vem o dia,
Já se ôve a baruiada
Da preta véia Maria
Acordando a cabôcáda
Qui logo se disimbrúia
Fazendo o "pelo-signal"
Cada qual vae pru curral
De arreádó e de cúia...

Ali chegando, é qui a gente
Vê cumo tá separado
N'outro currau deferente
Os bizerro, do outro gado;
D'um lado, assim cumo um sóte,
Feito de lasca de páu,
Tem um bem feito giráu
Qui é pru móde pô os póte...

Solto, o premêro bizerro
Sahe na carreira berrando;
Ôve-se logo outro berro
D'uma vacca lhi chamando...
E o bixinho, sastifeito,
Mama inté tê apojado,
Quando antonce é arréado
Na vacca, do lá direito...

O leite, cumo um ripúxo,
Na cúia vae xiringando...
Como é bunito o capúxo,
Da iscuma alevantando!...
Toda vacca é baptisada:

Tem a "Fusca" e a "Curibó",
A "Laranja", a "Ruxinó",
A "Môxa", a "Liza", a "Bordada"...

Tem a "Varanda", a "Pataca";
O Tóro, "Bunito rasto"
E a mais bunita das vacca
Se chama "Fulô do pasto"...
Cumo gósto, quando vejo,
A Maria, a dita néga,
Tirá nata, p'ra mantéga
E adispois coidá do quêjo!...

Fóra, no alpende, a fallá,
Tá um cabôco incoirado;
No seu cavallo arriádo,
Vae pru matto campiá...
Lá na istrada vae passando,
Bem muntado, im largo tróte,
Tangendo uns boi e uns bôióte,
Outro vaquêro abóiando!...

.. ..

No terreiro, as criação,
Se mistúran alegremente...
Quando a D. Cunceição
Chega gritando contente:
"Tê!..." "Tê!..." chamando, sacóde
De mio duas munchcia,
E vê-se doida, prumóde
Os bicho qui lhe arrudeia!...

Ali dum lado, a Bembem
Dá, mais o Duca, um negrote,
Aos pintin nôvo e aos capóte
Pirão de leite e cherém...
E o gavião carnicêro
Os pintin obiservando,
Lá nos ares, penerando,
Grita, assombrando o terrêro...

.. ..

E' noite, e, já cularcia
Lá no céu a lua cheia
Branca, redonda, formosa;
E a gente toda arrodeia
A meza, pru móde a ceia
Da quaiada saboroza...

Cumo é gostoza a quaiáda
Cum rapadura raspada!
Cumo é bôa! Qui belleza!...
A qui um home num vejo,
Mais feliz qui um sertanejo:
Mesmo no mei da pobreza!...

Dispois, qui coiza ingraçada!
Vê-se alegre, a meninada,
Cercando o véi João Cardozo
Qui no meio do terrêro
Cumo home verdadero
Conta histórias de trancozo!...

Napoleão Menezes

A

"ACIDEZ"

é o peior inimigo das creanças

A unica maneira segura e inoffensiva de modificar o leite de vacca e os alimentos artificiaes, para evitar as *colicas, os vomitos, a prisão de ventre,* etc. nas creanças, é accrescentar á mammadeira una colhersinha de

"LEITE DE MAGNESIA de PHILLIPS",

o anti-acido por excellencia, de fama universal. **Empregado pelas mães e receitado pelos medicos, ha mais de cincoenta annos.**

Indispensavel no lar, por *ser tambem o remedio o mais brando e o mais efficaz, contra a* **indigestão, os estados biliosos, a azia, e a acidez do estomago.**

Si não é "Phillips," não é Leite de Magnesia!

Exijam Philips com rotulo em Portuguez
Paul J. Christoph Company
Ouvidor 98 - Rio   S. Bento 35 S. Paulo